



Instituto Politécnico de Beja

Escola Superior de Educação



Mestrado em Educação Especial – Domínio Cognitivo e Motor

Comunicar com o jovem com fala ininteligível: a importância da formação

Daniel Fernandes Camacho

Beja

2019

Instituto Politécnico de Beja

Escola Superior de Educação

Mestrado em Educação Especial – Domínio Cognitivo e Motor

**Comunicar com o jovem com fala ininteligível: a
importância da formação**

**Dissertação de Mestrado apresentada na Escola Superior de
Educação de Beja do Instituto Politécnico de Beja**

Elaborado por:

Daniel Fernandes Camacho

Orientador:

Mestre/ Especialista Adelaide Espírito Santo

Beja

2019

Agradecimentos

Este estudo teve um percurso com altos e baixos, contudo havia sempre uma pequena luz que me orientava. Sem esta luz, seria difícil alcançar o final deste trajecto. Assim sendo, gostaria de agradecer a todos aqueles que contribuíram para a sua conclusão.

- A minha família e amigos pelas palavras de apoio.

- A Ângela pela sua amizade e disponibilidade em partilhar a sua experiência.

- Aos professores que partilharam as suas experiências e conhecimentos durante a minha formação.

- A todos os colegas e amigos que conheci durante os meus anos na Educação Especial na Madeira.

- Aos colegas deste mestrado, pelos nossos cafezinhos e almoços que resultavam em belas trocas de informações, curiosidades e ideias para o desenvolvimento deste percurso de nossas vidas.

- Aos novos amigos que conheci em Beja.

- E, como não podia deixar de ser, a professora Adelaide Espírito Santo, agradeço a sua orientação, disponibilidade, empenho, rigor e paciência para tornar este trabalho concluído.

A estes e a todos os outros, resta-me apenas agradecer por tudo aquilo que contribuíram para que pudesse chegar ao fim deste percurso.

Resumo

Esta investigação pretende estudar o quanto a formação, tendo como base a temática da comunicação aumentativa, é importante para os profissionais que intervêm com crianças/jovens com dificuldades severas de comunicação.

Para conhecer a importância dada à área da comunicação aumentativa pelos profissionais, definimos objetivos mais específicos tais como: identificar a formação dos profissionais que interagem com pessoas com dificuldades severas de fala; identificar as diferentes formas de interação dos profissionais em estudo, bem como conhecer a percepção dos mesmos sobre o tipo de formação necessária para interagir adequadamente com a pessoa com problemas severos de comunicação.

Recorreu-se a uma metodologia de investigação qualitativa, de carácter exploratório e descritivo.

A recolha de dados centrou-se numa entrevista a uma profissional de um Centro de Atividades Ocupacionais e para ser-se o mais abrangente e atingir as mais diversas áreas profissionais criou-se um inquérito online com recurso ao Google Forms que depois foram partilhados por email.

Após a análise e interpretação dos dados conclui-se, que os profissionais consideram importante e necessária uma formação em exercício em comunicação aumentativa, de forma colaborativa, cuja vantagem apontada é a dar conhecimentos para melhor entender, intervir e interagir adequadamente com a pessoa com problemas severos na fala, tornando a intervenção mais satisfatória para todos.

Palavras-chave: Comunicação Aumentativa e Alternativa; Dificuldades severas na fala; Interação; Formação em exercício; Colaboração

Abstract

This research intends to study how formation, based on the theme of augmentative communication is important for professionals who step in with children / young people with severe communication difficulties.

To understand the importance given to the area of augmentative communication by professionals, we defined more specific objectives such as: identifying the formation of professionals who interact with people with severe speech difficulties; identify the different forms of interaction of the professionals under study, as well as know their perception of the type of training needed to properly interact with the person with severe communication problems.

A qualitative, exploratory and descriptive research methodology was used.

The data collection was centered on an interview with a professional from an Occupational Activities Center and to be the most comprehensive and reach the most diverse professional areas, an online survey using Google Forms was created and then shared by email.

After analyzing and interpreting the data, it is concluded that professionals consider it important and necessary an in-service training in augmentative communication, in a collaborative manner, whose advantage is to provide knowledge to better understand, intervene and properly interact with the person with severe speech problems, making the intervention more satisfactory for all.

Keywords: Augmentative and Alternative Communication; Severe Speech Difficulties; Interaction; In-service Training; Collaboration

Índice Geral

Agradecimentos	
Resumo	
Abstract	
Introdução	8
 Parte I - Enquadramento Teórico	
1 - Comunicação e linguagem	11
1.1 – Definição de conceitos: comunicação, linguagem, fala	11
1.2 - Comunicação / Inteligência Emocional	13
1.3 - Interação / Aprendizagem do código linguístico	15
1.4 – Distúrbios linguísticos	18
2 - Comunicação Aumentativa e Alternativa	21
2.1 – O conceito de Comunicação Aumentativa e Alternativa	22
2.2 – Sistemas aumentativos e alternativos de comunicação –	24
Necessidade e Evolução	
2.2.1 – A alta tecnologia como um recurso fundamental na CAA	26
2.2.2 – Produção do próprio material de apoio à pessoa	29
2.3 - Produtos de Apoio	31
3 - Formação como parte integrante do trabalho	32
3.1 – A formação numa perspectiva inclusiva	33
3.2 - O valor de um percurso profissional	35
3.3 – Educar ou formar para contribuir para a mudança	36
 Parte II - Estudo Empírico	
1 - A problemática e o seu contexto	41
1.1 - Objetivos do estudo	43
1.2 - Modelo de Investigação	44
2- Instrumentos de recolha de dados e procedimentos	45
2.1 - O inquérito por questionário online	45
2.2 - Entrevista	46

2.3 - Participantes no estudo	48
Parte III – Apresentação e análise dos resultados	
1. Questionário aplicado aos profissionais de Educação Especial	49
2. Entrevista aplicada a Terapeuta e sua relação com dados dos inquéritos	70
3 - Discussão geral dos resultados	72
Conclusão	76
Referências Bibliográficas	78
Apêndices	91
Apêndice 1 - Questionário online aos profissionais	92
Apêndice 2 – Guião de entrevista (Terapeuta)	96
Apêndice 3 – Guião de Inquérito por questionário aos profissionais	104
Apêndice 4 – Guião de entrevista: Profissionais do CAO	111
Apêndice 5 – Entrevista a Terapeuta	119
Apêndice 6 – Análise de respostas da entrevista vs inquéritos online	130
Apêndice 7 – Respostas aos inquéritos online no Google Sheets	139
Apêndice 8 – Tabela e gráfico de dados do Excel para as perguntas de 1 a 16	169

Introdução

Todos precisamos de nos fazer entender e entendermos os outros. Comunicar faz parte da vida, sendo um processo que envolve uma troca de informações e utiliza sistemas simbólicos que podem ocorrer naturalmente. Este processo cria uma partilha de informação que, da necessidade comunicativa, a pouco e pouco conquistamos o processo evolutivo.

Na vida, a comunicação é um fator muito importante para que consigamos transmitir conhecimentos, ideias, desejos, sonhos, etc., tornando-se evidente que quem não comunica eficazmente, acaba por ficar fora da sua comunidade envolvente e que nos permite fazer parte desse círculo social.

Ao entender e desenvolver a linguagem, seja ela verbal ou não verbal, o individuo conhece os perigos, os desafios e as adversidades que o mundo oferece e desta forma pode ultrapassá-los e até ser um membro ativo da comunidade.

Mas se o mundo é formado por diversas comunidades, com diferentes formas de interação, cujas experiências diferem nas mais variadas profissões, esta diversidade pode representar um desafio enorme e até um obstáculo para a pessoa que não entende, ou não se consegue fazer entender aos outros.

São pessoas que acabam por ficar afastadas do seu meio envolvente pois tem mais dificuldades em conhecer e entender os sistemas simbólicos, e para essas pessoas desenvolverem a autonomia e a inclusão social, necessitam de quem os ajude a comunicar.

Quando os profissionais enfrentam pela primeira vez um individuo com dificuldades severas na fala, as informações produzidas e transmitidas entre ambos, causam impacto na vida de ambos, principalmente nestes profissionais, pois são eles os principais impulsionadores da comunicação com essa pessoa.

Inicialmente estava previsto realizar o estudo numa Instituição do Funchal que apoia jovens e adultos com problemas severos de fala, mas pela muita burocracia que era pedida ao longo de meses, não tivemos outra alternativa senão modificar a abordagem. Neste sentido o estudo é direcionado aos diferentes profissionais que atuam em Educação Especial, em Instituições e Agrupamentos de Escolas de Portugal Continental e Madeira, com a seguinte

questão de partida : Na perspetiva dos profissionais que interagem com crianças/ jovens com problemas severos de fala, que importância atribuem a uma formação que lhes permita compreender e promover a inclusão social e autonomia da pessoa?

Pretendem-se conhecer as práticas individuais e colaborativas entre os profissionais e a pessoa, nomeadamente saber como é a sua interação, se tiveram alguma instrução referente ao tipo de comunicação que deve de ser usada e perceber o interesse dos funcionários em participar e desenvolver formações referentes à comunicação. Desejou-se conhecer os contributos das formações em que estes profissionais participaram, e quais as que lhes ofereceram mais possibilidades em compreender e interagir melhor com a pessoa, conhecer as suas dificuldades durante a interação antes e após formação, descobrindo se estes conhecimentos contribuem para o bom desempenho das suas funções.

Este estudo está dividido em três partes: na primeira parte apresenta-se o enquadramento teórico no qual são tratados temas relacionados a este estudo, nomeadamente a comunicação e linguagem, inteligência emocional e como estes conceitos são definidos. Trata-se ainda da interação entre pessoas e o seu significado, bem como da aprendizagem do código linguístico, dos distúrbios linguísticos e das características destes. Ainda nesta primeira parte trata-se da Comunicação Aumentativa e Alternativa, os seus sistemas, bem como da importância da formação como parte integrante do trabalho. Neste último ponto apresenta-se a formação numa perspectiva inclusiva, o valor do percurso do profissional e do quanto a formação contribui para a mudança da pessoa. Tentou-se recorrer à pesquisa de autores e artigos de investigação recentes pois estes apresentam perspectivas muito actuais e pertinentes sobre temas para este estudo.

A segunda parte, que constitui a investigação, é onde se expõe a problemática, o objeto de estudo e a sua contextualização. Dá-se ainda a conhecer o modelo de investigação, questões, objetivos específicos do estudo, bem como o levantamento de algumas hipóteses. Procede-se ainda à caracterização dos participantes, revelando que instrumentos de recolha de dados e as técnicas de análise de dados são usados nesta investigação.

Na terceira parte apresenta-se a análise, interpretação de dados, bem como a apresentação de resultados com recurso a gráficos. Finalmente apresenta-se as conclusões, respondendo aos objectivos específicos e as hipóteses lançadas desta investigação. Fazem ainda parte deste trabalho as referências bibliográficas e os apêndices

Parte I - Enquadramento Teórico

1 - Comunicação e linguagem

Este capítulo destaca o desenvolvimento da comunicação e a linguagem da criança. Ela ocorre em vários estágios que se desenvolvem a cada dia, sinalizados por momentos específicos de desenvolvimento. Para comunicação com o ambiente, a criança precisa conhecer a língua, para depois expressar suas palavras através da fala. Embora essas fases sigam em ordem cronológica, as características individuais de cada criança e seu contexto circundante e como ela interage com o ambiente influenciam seu desenvolvimento. Os diferentes ritmos desenvolvimentais da criança podem ser verificados sem estar na presença de um distúrbio. No entanto, é necessário entender como esses distúrbios da linguagem se manifestam.

1.1 – Definição de conceitos: comunicação, linguagem, fala

Desde sempre que “o ser humano é mergulhado num mundo de sons e de palavras, iniciando a aprendizagem de um código fascinante que sustenta a comunicação e a vida em sociedade” (Vicente et al, 2008, p.1).

A comunicação está intimamente relacionada com as nossas interações sociais entre os vários indivíduos que nos rodeiam, pois não são apenas as nossas palavras, mas também as nossas ações ou expressões corporais, irão desencadear uma reação a quem nos assiste, resultando numa troca de informação. Porque as mensagens que suportam as interações sociais são constituídas por palavras e/ou gestos com determinado significado tende-se a dar a – Comunicação, Linguagem, Fala – significados equivalentes.

Torna-se, então, importante distinguir e definir estes conceitos pois, na perspectiva de Lara (2004, p.92),

“a definição desempenha papel crucial na organização dos termos, afetando a estruturação do campo nocional das linguagens documentárias”.

Segundo Almeida (2014, p.1) citando Franco et al. (2003), “a **comunicação** define-se como um processo complexo de troca de informação, usado para influenciar o comportamento dos outros”. Por sua vez Mendes, (2013, p.7) baseando-se em Watzlawick, Beavin & Jackson (1967), afirma que todo o comportamento, numa situação de interação, tem valor de mensagem, sendo, portanto, comunicação.

Todo o acto de comunicação é suportado por um comportamento, sendo impossível para um individuo não comunicar pois a atividade ou inatividade, palavras ou silêncio tudo possui um valor de mensagem.

No que diz respeito ao conceito **de linguagem**, esta desenvolve-se com a ajuda daqueles que rodeiam a criança, bem como pela sua capacidade de entender a informação que lhe é transmitida. Franco et al. (citados por Almeida) sublinham que

” a **linguagem** é um sistema convencional de símbolos arbitrários e de regras de combinação dos mesmos, representando ideias que se pretendem transmitir através do seu uso e de um código socialmente partilhado, a língua” (Almeida, 2014, p. 1).

Fala, segundo o dicionário de língua portuguesa diz respeito à capacidade do ser humano de se exprimir por meio de palavras.

Andrada (1989) considera que linguagem se refere à capacidade da pessoa em compreender e usar símbolos, particularmente símbolos verbais, para pensar e comunicar, enquanto a fala é apenas um aspeto da linguagem.

Recorrendo a Bellacasa (1988) sintetiza-se a distinção: comunicação é a transmissão de uma mensagem entre indivíduos (qualquer que seja o meio); linguagem, o conjunto de símbolos arbitrários e regras para os combinar, com o objetivo de representar ideias sobre o mundo que nos rodeia com finalidade comunicativa; e fala, a expressão do sistema de comunicação mediante a articulação da voz.

1.2 - Comunicação / Inteligência Emocional

É através da comunicação que a pessoa irá desenvolver a sua capacidade cognitiva, pois vai descobrir o mundo pelas suas ações, pelas perguntas que faz e emoções que transmite aos outros, permitindo-lhe estabelecer vínculos.

A necessidade de interagir com os outros força-nos a compreender e sermos compreendidos pelos outros, tornando-se fundamental para a nossa sobrevivência no meio envolvente. Leva a pessoa a ser compreendida, resultando em relacionamentos mais estáveis e duradouros. Seja qual for o meio envolvente, este processo de comunicação engloba a fala, os gestos e mesmo as expressões faciais e corporais.

As palavras são naturalmente acompanhadas por gestos, sendo determinantes em complementar a mensagem que expresse uma ideia, uma necessidade ou até uma emoção. Para comunicar com clareza é necessário que o indivíduo saiba entender o outro e saiba fazer-se entender. Este processo torna-se mais fácil quando aprende a transmitir o seu estado emocional e a decodificar as emoções dos outros.

De acordo com Romão (2016, p.4) citando os autores Houzel, Emmanuelli e Moggio (2004) a emoção “é algo que provém do interior e que tende a ser exteriorizado, e implica uma relação com o meio”.

Portanto, as emoções, na perspetiva de Soares (2017, p.4), citando Damásio (2003),

“são fenómenos automáticos e involuntários de regulação da vida, que ocorrem em resposta a estímulos internos ou externos e são constituídas por conjuntos de reações químicas e nervosas cujo objetivo é manter a homeostasia e assegurar a sobrevivência do organismo”.

O autor agora apoiando-se em Queirós (2014) acrescenta

“uma vez que as emoções ocorrem em resposta a determinados estímulos, sempre que o sujeito for capaz de controlar a sua interação com esses estímulos (causa das emoções), poderá conduzir voluntariamente o organismo ao bem-estar e ao equilíbrio”. (Soares, 2017, p.4)

A resposta do sujeito aos estímulos internos ou externos poderá gerar emoções positivas ou negativas, daí ser necessário o indivíduo avaliar e controlar a sua interação com estes estímulos. Conseguir distinguir e responder adequadamente a tais estímulos, sejam internos ou externo, trás a pessoa um reconhecimento social, mas também menos conflitos consigo próprio.

A capacidade humana em encontrar soluções no seu dia a dia são mediados por processos cognitivos, os quais diferem de pessoa para pessoa. Algumas pessoas podem resolver problemas académicos, no entanto podem ter dificuldades em encontrar soluções para as situações do dia a dia, o que mostra a dificuldade em medir inteligência. De acordo com Cunha (2013, p.28) a inteligência

“envolve um conjunto de processos cognitivos como a memória, a categorização, a aprendizagem, a solução de problemas e a capacidade linguística ou de comunicação e conhecimento social”.

Podemos então considerar que, os processos cognitivos e emocionais estão interligados, levando-nos ao conceito de Inteligência Emocional e que esta abraça intimamente a comunicação pois, é a ponte essencial entre o significado de inteligência e emoção. Sem comunicação, seria difícil haver o desenvolvimento da inteligência ou das emoções do indivíduo, levando-o a entender muito pouco sobre o meio que o rodeia.

Campos & Martins (2012, p.9) referem que a expressão “inteligência emocional” foi apresentada por Mayer & Salovey, (1993), descrevendo-a como a capacidade de

“perceber, avaliar e expressar corretamente as emoções, ser capaz de utilizar sentimentos quando eles podem facilitar a compreensão de si ou do outro e a capacidade de controlar as próprias emoções para promover o crescimento emocional e intelectual”.

Podemos entender Inteligência Emocional na forma como a pessoa necessita conhecer as suas próprias emoções e ter consciência das mesmas, pois sabendo geri-las vai conseguir expressar-se adequadamente perante outros.

Mas esta gestão e reconhecimento das suas emoções significa que deve motivar-se a si próprio, pois se uma emoção desencadeia uma acção, o indivíduo precisa reconhecer as emoções transmitidas pelos outros. Esta seria uma forma da pessoa conseguir estabelecer e manter relações positivas.

Mais recentemente para Fernandes, citando Goleman (2010), o conceito de inteligência emocional é mais amplo, vai para além da compreensão da própria emoção e da emoção do outro, mas engloba a capacidade de a pessoa encontrar em si emoções positivas para se auto motivar, controlar emoções negativas, de forma a conseguir um maior equilíbrio:

“ A capacidade de a pessoa se motivar a si mesma e persistir a despeito das frustrações, de controlar os impulsos e adiar a recompensa, de regular o seu próprio estado de espírito e impedir que o desânimo subjuga a faculdade de pensar e de sentir empatia e de ter esperança” (Fernandes, 2016, p.2).

Tal como Soares, achamos que as emoções se tornam “indispensáveis à vida, influenciando a adaptabilidade do indivíduo no meio onde se insere, operando sobre processos mentais complexos, como o julgamento e a tomada de decisão” (Soares, 2017, p.9).

De facto, é necessário que a pessoa perceba e se consiga descodificar todo um conjunto de sinais e emoções, durante o processo de comunicação com os outros.

1.3. Interação / Aprendizagem do código linguístico

A comunicação está estritamente relacionada com a capacidade do ser humano se expressar e é uma destreza fundamental e necessária na nossa espécie. A pessoa ao se expressar, transmite as suas emoções, necessidades e experiências.

Através dos tempos as formas de comunicação evoluíram demonstrando a capacidade evolutiva do ser humano.

De uma forma muito simplista, começámos num passado distante pela conversa presencial, depois pela troca de correspondência para alguém mais

distante. No séc. XIX chegou o telefone para falar a grandes distâncias, eliminando a nossa presença corporal, mas mantendo ainda assim, a nossa presença através de nossa voz. Hoje interagimos com o envio de mensagens escritas e fotos, chamadas de voz, ou chamadas de vídeo com maior rapidez e qualidade sonora. A Internet aumentou todas as possibilidades de comunicação.

Tendo em conta esta evolução interativa, estamos mais perto uns dos outros apesar da distância, mas ficamos longe da interação presencial, factor importante entre as pessoas. Com toda a tecnologia disponível, não podemos esquecer que

“as relações da criança com os adultos são fundamentais para o desenvolvimento das habilidades linguísticas, visto constituir-se como um sistema dinâmico, através do qual ambos contribuem com suas experiências e conhecimentos para o curso da interação” (Borges & Salomão, 2003, p.328).

Os autores reputam mesmo que “a criança tem acesso a valores, crenças e regras, antes mesmo de aprender a falar, adquirindo os conhecimentos da sua cultura” (Borges & Salomão, 2003, p.327).

É a aprendizagem do sistema de símbolos e das regras que os regem que possibilita a transmissão de uma mensagem, e oferece a capacidade de comunicar ideias, sentimentos, desejos, informações, opiniões ou sonhos.

A relação da criança com os adultos necessita ser presencial. Vicente, (2010, p.47) citando Sim-Sim, considera que a criança através da interação com o meio, “constrói o sistema linguístico da comunidade onde está inserida, apropriando-se da sua língua materna, servindo-se dessa língua para comunicar e, simultaneamente, para aprender sobre o mundo”.

Esta afirmação é reforçada por Moran et al (2017, p.192) ao reconhecerem a linguagem “como instrumento e meio fundamental no processo de socialização, uma vez que permite a adaptação ao meio ambiente e sua integração, a aquisição de conhecimentos, valores, crenças, opiniões, costumes” (Moran et al, 2017, p. 192).

Segundo Borges & Salomão (2003, p.330) citando Bruner, consideram que este papel

“deve ser visto em termos interacionais, no sentido que o adulto promove o scaffolding (edificação), através do qual a criança pode construir progressivamente comunicações funcionalmente mais efetivas e formalmente mais elaboradas”.

Na interação com a criança o adulto vai aumentando o nível de vocabulário, apresentando frases mais elaboradas, desafiando assim a compreensão da criança. Ao apresentar um código linguístico mais rico “são produzidas novas relações com o meio, além de nova organização do próprio comportamento. Essas formas, caracteristicamente humanas, produzem mais tarde o intelecto” (Rodríguez, 2000, p.102). Ou seja, deve-se oferecer a criança, respostas mais diretas e aumentar aos poucos a complexidade das respostas, pois ela precisa de tempo para compreender e utilizar os novos símbolos e regras. Durante o momento de compreensão destes novos símbolos e regras, a criança percebe a reprodução dos sons para formar as palavras, o seu significado e as regras necessárias para combinar e ordenar estas palavras em frases que sejam compreendidas pelo receptor.

Apoiando-nos nos autores referenciados e em Vicente (2010, p.62), é justo afirmar que as crianças podem ser motivadas a imitar e ser inspiradas “pelo seu meio envolvente e tudo o que o representa, dentro de características normais para adquirir a fala e desenvolver a linguagem. Mas este desenvolvimento poderá ser maior ou menor, dependendo sempre do grupo ao qual está inserido”.

Para se expressar é necessário que a criança consiga compreender os símbolos, e regras da sua combinação, para que mais tarde consiga fazer uso da linguagem. Porém, existem crianças que não seguem os padrões normais de aquisição da fala e desenvolvimento da linguagem.

Para se expressar é necessário que a criança consiga compreender os símbolos, e regras da sua combinação, para que mais tarde consiga fazer uso da linguagem. No entanto, este processo pode ser muito complexo para algumas crianças

1.4 – Distúrbios linguísticos

O mundo que nos rodeia motiva-nos a desenvolver a linguagem, pois este é o principal meio de comunicação. Desde muito cedo que o principal motor desta motivação e desta necessidade de comunicar é a interação que temos com os outros, seguido de um conjunto de regras estabelecidas por cada meio envolvente que, contudo, nem todas as crianças conseguem acompanhar por vários fatores, surgindo distúrbios na comunicação.

Algumas crianças nem sempre conseguem desenvolver as competências linguísticas de receção, transformação e transmissão de informação. No respeitante ao acto da fala poderá ocorrer dificuldades na transmissão de sons, palavras e de realizar os movimentos orais que reproduzem os sons em palavras. Na perspetiva de Magalhães (2014, p.8), citando Leung e Kao, “existe um atraso de fala quando o seu desenvolvimento está abaixo do esperado quando comparado com o de outras crianças da mesma idade”.

O atraso de linguagem pode comprometer a vida escolar ou social da pessoa. Como tal, é necessário entender como é que se manifestam tais distúrbios, pois estes podem ser originados através do seu estado emocional, cognitivo, motor ou mesmo pelo meio social envolvente:

E é neste preciso grupo de crianças que as dificuldades diferem de caso a caso,” há manifestações associadas, tais como: comprometimentos visuais, auditivos, quadros de disartria e/ou apraxia, disfagia, problemas emocionais e sociais” (Galli, Oliveira & Deliberato, 2009, p.402).

Estas manifestações comprometem a boa produção oral pois esta

“depende da laringe e sistema respiratório e é precisamente na boa articulação entre os sistemas fonatório, respiratório e articulatório que possibilitará realizar a fala” (Gomes e Simões, 2007, p. 128).

Ainda segundo estes autores,

“quando um destes sistemas não funciona corretamente, a criança pode apresentar inúmeras patologias das quais se destacam como mais comuns: distúrbios de articulação, gaguez, distúrbios da voz, alterações de linguagem verbal (Gomes e Simões, 2007, p. 129).

Acompanhando estas manifestações ou patologias que a criança apresenta na linguagem, a American Speech-Language-Hearing Association (ASHA), define o conceito de perturbação da comunicação, como sendo uma deficiência na capacidade de receber, enviar, processar e compreender conceitos verbais, não-verbais e sistemas de símbolos gráficos. Estes podem ser evidentes nos processos de audição, linguagem e / ou fala. E este pode variar em gravidade desde leve a profunda. Também pode ser de desenvolvimento ou adquirido.

De acordo com a ASHA, as perturbações da comunicação podem caracterizar-se pela perturbação da fala, perturbação da linguagem, perturbação auditiva e distúrbio do processamento auditivo central. Estas quatro perturbações estão subdivididas, oferecendo-nos características mais aprofundadas sobre cada uma delas pois a pessoa pode ter uma ou qualquer combinação dos distúrbios referidos anteriormente (ASHA, 1993).

No entanto, numa outra perspectiva a American Psychiatric Association (APA), citada por Lepe-Martínez et al (2018, p. 392). define a perturbação da linguagem como

“um conjunto de dificuldades persistentes tanto na aquisição quanto na produção da linguagem, nas modalidades falada e/ou escrita. Os seus principais problemas são vocabulário reduzido, estruturas gramaticais deficientes e uma deterioração do discurso”.

Estas manifestações podem ocorrer nos primeiros momentos infância da criança, quando esta tenta entender o seu redor e como comunicam com ela. Se a criança não entende novos símbolos e regras, que lhe são estabelecidos, a criança não entende os sons para formar as palavras, o seu significado e até mesmo as regras para combinar e ordenar estas palavras na construção de frases perceptíveis.

Ainda segundo a APA considera que a perturbação da linguagem " não pode ser explicado por problemas sensoriais, motores ou neurológicos, nem por incapacidade intelectual. As manifestações ocorrem na primeira infância e afetam significativamente a comunicação efetiva, as realizações académicas ou de trabalho e a participação social" (citado por Lepe-Martínez et al, 2018, p. 392).

Atendendo a estes conceitos de perturbação de comunicação quanto ao uso correcto das palavras e entendendo o seu significado, tendo em conta o seu meio envolvente, é importante perceber o que é que se pode considerar "linguagem normal".

Se a pessoa é influenciada capta o som das palavras do seu grupo, esta pessoa desenvolve, na perspetiva do autor Fernández Martín,

"um vocabulário de qualidade e quantidade, clareza na articulação, uma forma gramatical apropriada, um ritmo e velocidade apropriados, um volume de voz audível, tom apropriado e entonação de frases de acordo com seu significado e necessidades expressivas" (Fernández Martín, 2014, p.120).

Gomes e Simões (2007, p. 128), citando Kirk e Gallagher, chamam "a atenção para o facto de que muitas crianças com patologias como a deficiência mental, dificuldades de aprendizagem, surdez, etc., apresentarem distúrbios de comunicação ao nível da fala e linguagem". Ou seja, a criança para adquirir a linguagem dita normal necessita de entender o significado dos símbolos que lhe são apresentados, ganhando a capacidade de processar a informação e compreende-la. Só assim consegue adquirir um leque grande de vocabulário, estruturas gramaticais apropriadas e um discurso coeso.

Lepe-Martínez seguindo o conceito da APA sobre transtornos de linguagem aponta como principais problemas "o vocabulário reduzido, estruturas gramaticais deficientes e uma deterioração do discurso" (Lepe-Martínez, 2018, p.392),

Para ultrapassar tais distúrbios, a criança necessita não apenas da motivação através das suas relações com o meio, mas também de estimulação adequada pois o seu

“desenvolvimento linguístico está intimamente relacionado ao desenvolvimento intelectual, então, a linguagem enriquecida pela maturação intelectual e, por sua vez, é essencial para esse desenvolvimento, uma vez que constitui um meio de aquisição de conhecimentos” (Moran et al, 2017, p.192).

Como temos vindo a referir é a comunicação entre pessoas que nos leva a adquirir novos conhecimentos, mas comunicar pela fala não pode ser o meio primordial entre o emissor e o receptor pois, segundo Camargo (2012, p.41),

“a linguagem oral não pode ser entendida como meio exclusivo de suporte aos processos comunicacionais. Nesta perspetiva, outras formas de comunicação, como a visual ou gestual, são consideradas legítimas e válidas para a constituição do referido processo”.

Para o desenvolvimento da comunicação, deve-se de avançar para além da fala, procurando aumentar ou encontrar alternativas viáveis que tornem a comunicação facilitada entre as pessoas.

2 - Comunicação Aumentativa e Alternativa

O capítulo começa com o conceito de Comunicação Aumentativa e Alternativa, descrevendo a necessidade de evolução dos sistemas aumentativo e alternativo nesta área. A variedade e evolução dos sistemas nos levam ao grande esforço de adotar um sistema comunicativo mais simples e direto para ser usado e compreendido pela pessoa. Hoje, a tecnologia está cada vez mais presente em vários dispositivos móveis, tornando este tipo de tecnologia em CAA fundamental, no entanto, não devemos esquecer que os produtos de suporte nem sempre são necessariamente de alta tecnologia. Às vezes, a baixa tecnologia é necessária para o desenvolvimento da pessoa, a partir da qual o

membro da família ou mesmo o professor especialista pode produzir seu próprio material de apoio pessoal.

2.1 – O conceito de Comunicação Aumentativa e Alternativa

Na Educação Especial, a inclusão é algo que sempre deve ser levado em conta em vários contextos, como escola, casa / instituição ou comunidade. Sabemos que a comunicação é fundamental em nossa vida. Sem isso, não podemos desenvolver, muito menos entender nosso entorno, seja social e cultural. Algumas pessoas têm problemas de fala que podem passar por muitos níveis, desde fala menos comprometida até fala ininteligível. Uma pessoa que tenha uma fala menos comprometida significa que precisa “ser compreendida por um interlocutor num contexto usual de comunicação, necessitando de apoio na projeção de voz” (Azevedo, Encarnação & Londral, 2015).

A comunicação, muitas das vezes é uma das maiores dificuldades para as crianças com Necessidades Educativas Especiais (NEE) tornando-se necessário o apoio da comunicação aumentativa.

Também para pessoas adultas, com fala ininteligível, é importante usar qualquer outra forma de comunicação diferente da fala, logo torna-se imprescindível recorrer a um sistema de comunicação aumentativa e alternativa.

A Comunicação Aumentativa constitui um meio facilitador do desenvolvimento da expressão de pessoas com problemas na fala.

Segundo Tetzchner e Martinsen (2009)

“a palavra aumentativa sublinha o facto de o ensino das formas alternativas de comunicação ter um duplo objetivo: promover e apoiar a fala e garantir uma forma de comunicação alternativa se a pessoa não aprender a falar” (citados por Pinheiro & Gomes, 2013, p.5955).

Podemos considerar que a Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA) oferece outras alternativas à fala, sendo

“uma área do conhecimento (...) a qual disponibiliza uma diversidade de técnicas, recursos e estratégias para compensar e facilitar, temporária ou permanentemente a comunicação e interação de sujeitos com algum

impedimento ou dificuldade para a produção oral de fala” (Brancalioni et al, 2011, p. 384).

Apoiando-nos em Ferreira et al. (2000) podemos entender por comunicação aumentativa e alternativa “como sendo todo o tipo de comunicação que aumenta ou suplementa a fala, para compensar as disfunções comunicativas de qualquer origem” (Citado por Anica, 2009, p.25).

A Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA) é sem sombra de dúvida uma ferramenta que possibilita a comunicação e facilita interação social permitindo que pessoas com problemas graves de fala assumam o papel ativo durante a interação social. Segundo Pelosi (2009) a CAA é compreendida como

“um grupo integrado de componentes que inclui os símbolos, os recursos, as estratégias e as técnicas adaptadas que vão auxiliar as pessoas com disfunção ocupacional a se comunicar e a participar de suas atividades diárias”. (citado por Petroni et al, 2018, p.328)

Reforçando a importância da CAA, de acordo com Lima (2015, p. 29) esta pode integrar “diferentes meios de comunicação tais como gestos, linguagem de sinais, expressões faciais, figuras, símbolos, além de sofisticados sistemas computadorizados que a podem complementar”.

Mas se a CAA possibilita e facilita a comunicação, incentivando o indivíduo na sua socialização, é importante referir se é um sistema que necessita de ajuda ou não, na comunicação do utilizador com o próximo. A Comunicação Alternativa e Aumentativa caracteriza-se por dois tipos de sistemas, nomeadamente com ajuda ou sem ajuda de qualquer dispositivo. Segundo Pinheiro & Gomes (2013, p.5956) citando Mirenda (2003) o sistema sem ajuda “não necessita de nenhum equipamento externo ao corpo, recorrendo ao uso de signos manuais e gestos, os sistemas com ajuda necessitam de dispositivos externos ao indivíduo para suportarem o uso de símbolos, tais como fotografias, letras e palavras”. Os sistemas com ajuda integram as tecnologias de apoio fundamentais para o quotidiano da pessoa.

2.2 – Sistemas aumentativos e alternativos de comunicação – Necessidade e Evolução

Os distúrbios da comunicação são identificados pelas dificuldades que uma pessoa tem em interagir com os outros e há várias razões para tais dificuldades. É necessário encontrar soluções comunicacionais, atendendo à inclusão e autonomia do indivíduo. Sabendo que a comunicação não se limita apenas à fala ou ao gesto, os sistemas apoiam ou substituem o treinamento da fala. Para entender tais sistemas, é necessário um treinamento muito específico para entender esses sinais gráficos adotados.

Não querendo entrar em detalhes históricos, como esse não é nosso foco, uma das mudanças mais significativas foi o salto dos símbolos gráficos para o desenho mais próximo do real. Mesmo estes sofreram transformações e foram evoluindo, inspirando até mesmo a criação de outros sistemas, buscando uma fácil compreensão da pessoa.

Tais sistemas que criaram e adotaram símbolos gráficos são o sistema Bliss. Este é um Sistema Alternativo de Comunicação que consiste, segundo Freixo (2013, p.32) “em símbolos ou signos gráficos, usa o Sistema Pictográfico Ideográfico de Comunicação cuja natureza é composta por signos pictográficos e ideográficos cujos símbolos se tornavam fáceis de compreender”.

Esses símbolos surgem não apenas na necessidade esmagadora de ajudar a pessoa a se comunicar, mas também de oferecer outras possibilidades. Alternativas essas que até mesmo uma pessoa que “pode ser capaz de falar e ser compreendida por um interlocutor num contexto usual de comunicação, necessita de formação em projeção de voz ou de uma tecnologia auxiliar” (Azevedo, Encarnação & Londral, 2015).

Tendo em mente a solução de tais problemas comunicativos, no passado, alguns sistemas eram baseados em seus ancestrais. O objetivo seria evoluir, assim como os símbolos Widgit que são a evolução dos símbolos Rebus. Mas mais importante que a evolução dos símbolos, foi também aumentar os níveis de dificuldade tal como refere Chagas (2017, p.39), citando os autores Encarnação, Azevedo, & Londral(2015):

“o sistema de símbolos Widgit tem uma estrutura esquemática e inclui marcadores gramaticais para expressão literária, sendo assim também apropriados para níveis de literacia mais elevados”.

Tal como o sistema Widgit, hoje os programadores baseiam-se no passado, para preparar o futuro. Se antes o Sistema Pictográfico Ideográfico de Comunicação (PIC) era uma tendência, hoje é o Sistema Pictográfico de Comunicação (SPC) o mais adoptado em vários programas e até recentemente em aplicações moveis.

O SPC foi adotado, segundo Campina (2016, p.29), “em 1994, em Portugal (...), criado pela terapeuta da fala americana conhecida por Roxana Mayer Johnson em 1981”.

A adoção desse sistema permite, até hoje, não só ajudar a pessoa com problemas severos de fala a se comunicar, mas também desafia a expandir a comunicação e o conhecimento da pessoa pelos outros. O SPC oferece cerca de 3000 sinais de que, segundo Pereira (2016, p.35)

“São desenhos de linhas simples a preto sobre fundo branco com a palavra escrita sobre o desenho, existindo uma relação idêntica com o objeto a que se refere. Inclui alfabeto e números além de permitir o uso de fotos.”

Fornecer ao utilizador um sistema que seja perceptível e fácil de usar oferece a interação mais natural possível e dentro das capacidades da pessoa. A chave é o tipo de software que é lançado, como muitas alternativas que hoje surgem, especialmente para dispositivos móveis e que mesmo reservado para pessoas com necessidades específicas, não é bom estar cheio de boas intenções educacionais e não ser funcional para o usuário.

2.2.1 – A alta tecnologia como um recurso fundamental na CAA

A Comunicação Aumentativa e Alternativa forma a pessoa para se comunicar pela fala ou usa parte da tecnologia de apoio. Esta tecnologia para a comunicação de “transporte de mensagens” não se limita apenas à sala de aula ou ao computador doméstico. Hoje, temos vários dispositivos, como laptops, tablets e smartphones, com uma variedade de programas e aplicativos destinados a públicos muito específicos.

Esses recursos geralmente não se referem apenas a recursos computacionais, mas também a recursos audiovisuais, tecnológicos, de processamento de informações e de comunicação.

Todos esses recursos visam que a tecnologia seja capaz de se oferecer como uma ferramenta apropriada, sendo imprescindível que encontre o seu papel na educação e seja compreendida por todos com as devidas instruções. Para que essas tecnologias sejam compreendidas e aceites pela pessoa, elas precisam que o seu design e organização espacial do conteúdo sejam práticos e acessíveis. Castelló (2018, P.79) citando os autores António Bartolomé e Alba (1997), sobre a viabilidade das tecnologias refere

“especificamente ao design, desenvolvimento e aplicação de recursos em processos educacionais, não apenas nos processos instrutivos, mas também em aspectos relacionados à educação social e outros campos educacionais.”

Para que essas ferramentas sejam aceites e usadas diariamente, elas devem ir além do processo instrucional e serem direcionadas para um método mais próximo da vida cotidiana. Os meios tecnológicos expõem o processamento de informações textuais ou audiovisuais como um meio de apoiar a comunicação com objetivos mais profundos. Eles buscam tornar esse suporte mais atraente, fácil e direto no seu design, motivando a pessoa, seja por palavras, texto, imagem ou som.

O design da interface é o primeiro foco de atenção do usuário, seguido, é claro, pela facilidade de uso quando uma pessoa faz pedidos nos dispositivos, segundo Castro & Maya (2018, p.8), este recebe

“os resultados de suas ações, que são interpretados por ele para definir suas próximas ações (dimensão conceitual, resultado da interação do usuário com o computador), assim, a interface (...) é o meio de comunicação entre o usuário a máquina”

De uma perspectiva mais atualizada e orientada para a pessoa, surgem sistemas mais focados comercialmente e em evolução, como o Grid 3. O software que é criado hoje procura, acima de tudo, por

“resolver graves problemas de comunicação e de linguagem em crianças ou adultos com multideficiência, deficiência mental ou motora, através de um vocabulário básico que seja expressão das suas necessidades imediatas” (Simões et al, 2008, p.330).

Este é um programa pago que, de acordo com a Altice Portugal (2019), é adequado para pessoas com limitações neuromotoras, cognitivas ou de fala. É um software de comunicação que agrega conteúdo de suporte educacional, mas seu destaque é uma construção gráfica moderna e atraente, pois, como mencionado anteriormente, a interface é o meio de comunicação entre o usuário e a máquina.

Além disso, de acordo com a Altice Portugal (2019), o Grid 3 permite personalizar e criar novos quadros de comunicação, e com todas as interfaces alternativas de acesso ao computador, como manípulos e camaras de controle ocular.

Sendo usado no computador o Grid3 usa, segundo Cândido (2015, p.72) “aproximadamente 20.000 (vinte mil) símbolos e destina-se a pessoas que utilizam ou não mouse e teclado e possuem algum tipo de disfunção”.

Este número enorme de símbolos representa uma clara evolução e crescimento ao PIC. Os símbolos são actualizados, evoluindo no seu desenho gráfico e como são coloridos, oferecem mais signos e qualidade interativa ao utilizador. Segundo Lote (2016, p. 17) o SPC simplifica a comunicação e a compreensão dos símbolos

“quando se estabelece a associação símbolo/atividade, no entanto, muitas vezes os pais podem criar a preocupação de que a utilização de sinais vai diminuir a motivação para o desenvolvimento da fala”.

Como os símbolos são atualizados ou adicionados para um maior “vocabulário” na comunicação, isso também pode ser uma preocupação dos pais, onde o programa pode substituir a fala. No entanto, segundo Altice Portugal, o objetivo é motivar a fala por meio de atividades interativas que auxiliam e despertam a pessoa em treinamento de fala ou se comunicam por meio de um sintetizador de fala, tornando-a tão autônoma quanto possível. Como envolvemos a família nesses sistemas, segundo Petroni et al (2018, p.329) citando os autores McNaughton & Light, (2013), estes afirmam que o “maior acesso da população às tecnologias móveis, aliado à facilidade na aquisição de aplicativos de comunicação alternativa fez com que o público-alvo e suas famílias que anteriormente não consideravam seu uso aderissem a esse tipo de comunicação”.

Precisamente porque há maior facilidade de acesso aos diversos dispositivos, todos podem usufruir de mais recursos disponíveis em programas como o Grid 3, onde utilizam comunicação por texto, com a opção de teclados personalizados com previsão de palavras ou imagens e sintetizador de voz. Com estas possibilidades a pessoa dispõe, segundo Petroni et al (2018, p.328) citam Pelosi (2011)

“a tecnologia assistida que propõe a superação das barreiras vivenciadas pelas pessoas com deficiência, atuando inclusive no acesso à comunicação por meio da implementação de recursos e sistemas alternativos”.

A tecnologia é pensada e desenvolvida para auxiliar cada vez mais a pessoa e numa perspectiva mais funcional. No entanto pode ser necessário adquirir ou criar manípulos especiais ou uma camara para controlar pelo olhar, algo que claramente é destinado a abranger utilizadores com limitações motoras. Oferecer os programas e equipamentos próprios ou adaptados constituem as ferramentas necessárias não só para a aprendizagem e motivação, como

também para ajudar a pessoa a controlar o computador e um pouco do ambiente que o rodeia tal como rádio ou tv, promovendo a sua autonomia.

2.2.2 – Produção do próprio material de apoio à pessoa

Criar o seu material de apoio pode ser uma forma viável de ajudar a pessoa, mas o conhecimento apropriado é necessário para construir tais materiais. O Arasuite caracteriza-se por um conjunto de programas que também utiliza o Sistema de Comunicação Pictográfica, no entanto, embora os pictogramas tenham o mesmo nome ou significado, os seus desenhos gráficos mudam levemente de acordo com o contexto em que vai ser utilizado.

O Arasuite é um pacote de software gratuito que é acessível a qualquer pessoa que queira desenvolver seu material educacional personalizado. Tal liberdade implica o domínio da informática pois segundo Pedro & Chacon (2013, p.196) citando Delville et al. (1999)

“o uso das tecnologias no campo das deficiências se realiza em diversos setores de aplicação: auxílio à comunicação, auxílio à vida cotidiana, aprendizado e desenvolvimento cognitivo”

Tendo o foco na CAA, recorrer a Arasuite significa ter a liberdade de produzir material que auxilie a comunicação na vida diária. Isto é possível graças a três programas / ferramentas agrupadas em Arasuite, com o objetivo de produzir material para ajuda à comunicação nos mais variados contextos. Os programas são Araword, TICO Interpreter e TICO Editor, sendo este último um aplicativo de computador que nos ajuda a criar e usar cartões de comunicação interativos.

Em geral, esses dois últimos programas são destinados ao profissional, como um docente ou até mesmo à família (com conhecimento prévio) para criar seus quadros de comunicação para auxiliar a pessoa.

O Araword é uma ferramenta mais específica com duas aplicações. Inicialmente, é destinado a quem produz material de apoio, seja um profissional

com conhecimentos adequados, pois este programa é um “processador de texto que permite escrever simultaneamente textos e pictogramas, facilitando a elaboração de materiais e a adaptação de textos para as pessoas que tem dificuldades na área da comunicação funcional” (ARASAAC, 2014, p.1).

Antes de desenvolver o material, é necessário definir estratégias para atingir os objetivos propostos, pois, na produção de materiais e adaptações de texto, não devemos esquecer que a ação do docente, segundo Pedro & Chacon (2013, p.196), cita Manzini (2010),

“(...) na maioria das vezes utiliza um recurso pedagógico para alcançar um objetivo específico de ensino ou de avaliação”

Tais estratégias podem ser expandidas num segundo momento, ao Araword, ser usado pela pessoa com problemas graves de fala. Seja no computador ou mais recentemente usando um tablet / smartphone, a pessoa pode transmitir suas mensagens, pois é uma “ferramenta útil para sujeitos que estejam em processo de apropriação da leitura e escrita, uma vez que a aparência do ícone, assim como a escrita, é um reforço positivo para reconhecer e avaliar se a palavra escrita ou frase está correta” (ARASAAC, 2014, p.2).

Seja Arasuite ou Grid 3, ambos caminham para um futuro cada vez mais digital, não esquecendo de apoiar a aprendizagem e o desenvolvimento cognitivo da pessoa, porque é necessário criar e / ou adaptar ferramentas de comunicação acessíveis, úteis e eficazes.

2.3 - Produtos de Apoio

Consideramos que a inclusão vai além presença física da pessoa junto dos restantes colegas de turma/grupo. Para que o individuo consiga ultrapassar determinadas barreiras, tais como problemas graves na fala, são desenvolvidas as ajudas necessárias. Estas ajudas são conhecidas, segundo Ferreira (2014, p.32)

“pelas ajudas técnicas e tecnologias de apoio, termos muito usados em contexto de educação especial, apesar de adopta-se pela terminologia “Produtos de Apoio””,

O Decreto-Lei n.º 54/2018 adopta a mesma terminologia de Produtos de Apoio, que, de acordo com Ferreira (2014, p.32), citando Winter (2010),

“visam compensar as limitações funcionais dos seus potenciais utilizadores de forma a facilitar a participação educativa, social e de vida diária, através de diferentes graus de adaptação”

Encontrar soluções para ultrapassar as limitações funcionais da pessoa tem um impacto muito maior quando é o próprio profissional a criar e encontrar a opção mais adequada. Pensamos que o Ministério da Educação vai neste sentido pois de acordo com, o Decreto-Lei n.º 54/2018 (DGE, 2018, p.60) um produto de apoio é

“qualquer dispositivo ou sistema que permita aos alunos realizar uma atividade escolar, que de outra forma não o conseguiriam, permitindo o pleno acesso ao currículo e elevados níveis de participação nos diversos contextos de aprendizagem”.

Mas nem sempre estes dispositivos significam a última novidade tecnológica, tal como é normalmente conhecida no mundo dos aparelhos electrónicos. Estes dispositivos são caracterizados por produtos de apoio de baixa ou alta tecnologia. Segundo o Ministério da Educação (DGE, 2018, p.61) estes caracterizam alguns dos

“produtos de apoio que incluem desde baixas tecnologias, como engrossadores de lápis ou suportes para teclado, a altas tecnologias como computadores ou dispositivos eletrônicos de comunicação aumentativa”

No mercado, existe uma diversidade de produtos com as mais variadas possibilidades de adaptar ou mesmo oferecer um produto de suporte direcionado para sua função. No entanto, como não é mencionado que devemos obrigatoriamente comprar tais dispositivos, é possível criar o produto sob medida, desde que haja sabedoria e conhecimento apropriados para os desenvolver.

3 - Formação como parte integrante do trabalho

A comunicação e interação com o meio ambiente são importantes na vida de qualquer pessoa. Segundo o estudo dos autores Matos & Mendes (2015, p.15), alguns alunos com problemas severos de fala ficam isolados na sala de aula, outros apenas se comunicam com o profissional mais próximo e ainda outros vivem com superproteção e infantilização. Eles também acrescentam que os professores se dirigem menos a estes alunos e, quando o fazem, tratam-nos como crianças mais novas que os outros.

Se uma escola inclusiva deseja fomentar o questionamento, superando obstáculos, abandonando a área de conforto e passando pela reformulação de conceitos, ideias e metas, precisa de profissionais que acompanhem os desenvolvimentos tecnológicos, além de conhecimentos e práticas na área da Comunicação Aumentativa e Alternativa. O presente capítulo tem como objetivo destacar a importância da formação da comunidade escolar, principalmente para os profissionais, sensibilizando-os no relacionamento comunicativo com a pessoa.

3.1 – A formação numa perspectiva inclusiva

O desenvolvimento de um profissional envolve não apenas a formação académica, mas também a aplicação de um conjunto de conhecimentos e práticas durante o exercício da profissão. A formação faz parte de um processo pelo qual o indivíduo obtém o conhecimento essencial para o exercício dos seus deveres futuros.

No atual contexto económico e após a conclusão da formação inicial, muitas pessoas desenvolveram ou desenvolveram outras habilidades de trabalho muito diferentes daquelas para as quais foram formadas até obterem a oportunidade de emprego.

Para desenvolver e facilitar a autonomia pessoal e a inclusão social da pessoa, é importante olhar para os papéis que esses profissionais desempenharam e recebê-los com orientação adequada às funções a exercer. Barroso (1995), citado por Mirão (2012, p. 32) chama a atenção para o pouco cuidado que é prestado

“à formação destes profissionais que, muitas vezes, chegam às escolas e à profissão oriundos de outras áreas profissionais ou de formação e, na maior parte das vezes, pouco preparados para o exercício das funções a desempenhar”.

Quando colocados estes profissionais assumem os seus papéis dentro das perspetivas da instituição, mas a importância de adaptar o ambiente linguístico à sua capacidade de entender e em se adaptar aos alunos com problemáticas severas na fala com os quais contactam ganha outra perspetiva. Conhecer e explorar a Comunicação Aumentativa e Alternativa deve ser direcionada a todos os profissionais que, no seu dia a dia, acompanham a pessoa e não apenas aos professores. Faria, Rurato & Santos (2000, p.204) considera que profissionais, como terapeutas, psicólogos, assistentes ou coordenadores técnicos e operacionais que acompanham ou realizam atividades com a pessoa com as limitações apresentadas precisam de

” referentes práticos para o desenvolvimento de competências específicas, capazes de levar as pessoas a conseguirem desenvolver-se e a progredir no mesmo sentido e ao mesmo ritmo da sociedade, acompanhando as

modificações e evoluções científicas e tecnológicas com que somos confrontados”.

A evolução científica, tecnológica e mesmo educativa, transporta o profissional à necessidade de atualizar os seus conhecimentos, trazendo novidades ao meio que o rodeia. Incluir e motivar a participação por parte da pessoa, remete-nos para a criação de oportunidades de comunicação, que à partida permite a promoção de uma formação experimental do profissional.

No entanto este não deve apenas ficar pela experiência promovida durante o seu trabalho, assim que surgir formações adequadas que permitam aos funcionários, reciclar ou adquirir outros conhecimentos em prol de uma maior interação com a pessoa pode e deve frequentá-las.

A formação contínua tem como finalidade aperfeiçoar, atualizar ou reciclar os conhecimentos, capacidades práticas, atitudes e formas de comportamento do profissional. Essa formação e a necessidade de renovar conhecimentos nasce da reivindicação específica por parte de uma comunidade que, segundo a perspectiva de Silva (2000, p.89)

“tanto no nível educativo, cultural e económico, tem destacado a educação e a formação como meios privilegiados para a satisfação das necessidades individuais e socio organizacionais numa sociedade que se descobre cada vez mais em mudança acelerada”.

Este modo de vida em constante mudança e da necessidade formativa, inspira a pessoa a refletir sobre as suas práticas e adquirir um “conjunto de outras competências que concorrem para o sucesso dessas práticas e, consequentemente para o seu desenvolvimento e realização profissional e pessoal” (Silva, 2000, p.103).

O profissional para atingir tais competências e práticas/conhecimentos mais comunicativos para promover a inclusão e autonomia da pessoa, necessita de uma formação com, segundo Borges & Falcade, (2014, p.14)

“objetivos claros, envolvendo as necessidades dos alunos no processo de aquisição do conhecimento produzido em uma sociedade”

Envoltos num mundo que está evoluindo num ritmo muito rápido, em uma parte devido à tecnologia circundante, os objetivos da formação devem ser realistas e focados no que os profissionais enfrentam em seu trabalho. Com todos os meios tecnológicos disponíveis, mesmo que alta ou baixa tecnologia, a pessoa tem uma ampla gama de opções, porém o profissional precisa acompanhar essa evolução de produtos e materiais. É um conhecimento que após adquirido, seja docente ou não docente, estes profissionais põem em prática.

3.2 - O valor de um percurso profissional

A escola inclusiva visa encontrar respostas para todos os alunos e para cada um deles, uma resposta mais específica e individualizada para que o aluno possa obter um nível de educação e formação mais acessível, promovendo a sua inclusão social.

Em sua formação acadêmica, o aluno percorre um caminho para adquirir habilidades para a cidadania ativa e informada ao longo de sua vida, preparando-o para a formação profissional que mais tarde o leva a enfrentar uma vida ativa. Para atingir esses objetivos, a escola precisa das ferramentas e recursos humanos necessários para, segundo o Decreto-Lei n.º 55(DRE, 2018, p. 2929) “fomentar nos alunos o desenvolvimento de competências de pesquisa, avaliação, reflexão, mobilização crítica e autónoma de informação, com vista à resolução de problemas e ao reforço da sua autoestima e bem-estar”.

Conseguir que o aluno alcance esses objetivos implica que os profissionais precisam de adquirir aprendizagens essenciais que os dote de um conjunto de conhecimentos que lhes permita identificar conteúdos relevantes e significativos. Porém, se o profissional se orientar apenas por um conjunto de documentos curriculares, no domínio de um trabalho interdisciplinar ou de articulação curricular, e não olhar para a pessoa a ele relacionada, dificilmente poderá alcançar os objetivos propostos.

Valorizar a formação significa oferecer motivação ao profissional, tal como recomendado ao Governo na Resolução da Assembleia da República n.º 37 (DRE, 2018, p.856)

“valorize e dignifique os técnicos especializados das escolas públicas, promovendo a sua contratação efetiva e combatendo a respetiva precariedade”

Em relação a essas recomendações, elas enquadram-se na importância da formação e da aquisição de conhecimentos pelos profissionais ao longo de seu trabalho. A mesma Resolução recomenda valorizar “os percursos profissionais dos técnicos especializados, criando mecanismos de contagem e reconhecimento dos respetivos tempos de serviço, formação inicial e contínua e avaliação de desempenho” (DRE, 2018, p.856).

Combater a insegurança no emprego significa oferecer melhor qualidade na comunidade e nos serviços à pessoa. Se o profissional não vê esse seu interesse em melhorar suas práticas e aprimorar seus conhecimentos, a formação pode não fazer sentido para o funcionário.

3.3 – Educar ou formar para contribuir para a mudança

Um indivíduo que termina um curso ganha domínio na sua educação e ganha habilidades para desempenhar sua função. Depois de terminar o ensino superior e competir por ofertas de emprego, até há alguns anos, ser colocado no mercado de trabalho era um processo rápido. No local de trabalho, o novato e seu status são alguém de que supostamente trás novos conhecimentos e novidades, resultado de uma graduação bem recente.

Mas tais novidades eram vistas como mais do mesmo, devendo-se a isto a fraca oferta formativa e que não era realista no ponto de vista mais pratico no dia a dia profissional. Segundo Rurato e Lima Santos (1999) citados por Faria, Rurato, & Santos (2000, p.204) isto deve-se aos meios de produção que

“não mudavam ou evoluíam muito lentamente, contudo, sucessivas (r)evoluções nos meios de produção implicam que, doravante, formação inicial e formação permanente sejam indissociáveis”

Dado que os meios de informação são variados e provém de várias fontes, os desenvolvimentos informativos e tecnológicos estão ocorrendo em ritmo acelerado, exigindo uma preparação mais atualizada e precisa do profissional. Nas escolas e outras instituições, sempre há casos de pessoas com problemas mais diferenciados, uns mais graves que outros, na comunicação e especialmente na fala. Investir em formação nessa área de Comunicação Aumentativa e Alternativa é um ponto de partida a educação inclusiva. Na sala de aula / atividades, não há homogeneidade e cada aluno tem suas próprias características, interesses, habilidades e necessidades de aprendizagem. Nesta perspectiva, segundo os autores Rodrigues & Lima-Rodrigues (2011, p.43) os professores não podem ser vistos como funcionários

“no sentido de um profissional inserido numa cadeia hierárquica e burocrática e que tem de seguir instruções precisas e estritas (...) numa profissão que exerce uma prática inquestionável, resolvendo através de metodologias claras os problemas que se lhes deparam”

Os professores precisam escolher caminhos, decidir e lidar com várias situações, adaptando-se a elas sem restrições. Mas, acima de tudo, eles precisam estar atualizados e saber lidar com alunos com problemas graves na fala, pois nem tudo precisa acontecer apenas dentro de uma sala, e é necessário provar a aquisição desse conhecimento fora dela. Dai ser preciso dar mais atenção e apoio a estes alunos para que estes se tornem mais autônomos e independentes dependendo menos de intermediários para comunicarem. Tornar a inclusão mais real exige uma comunicação inclusiva, na qual também se pode contar com funcionários não docentes, pois segundo Carreira (2007), citado por Mirão (2012, p.32)

“são membros integrantes da comunidade escolar. O desempenho das suas funções requer que interajam com os corpos docente e discente do estabelecimento de ensino”.

Esse pessoal não docente pode continuar o que a pessoa aprendeu na sala de aula com o professor / técnico superior, promovendo a inclusão social e motivando a pessoa a crescer através da convivência com mais pessoas fora do seu pequeno círculo de amizades.

Os intervenientes de uma instituição têm papéis e formações específicas para o desempenho das suas funções, contribuindo para o bom funcionamento do local de trabalho. Essa observação do funcionamento da instituição e das várias rotinas a ela associadas é observada por Burger (2015, p.48) que refere “o que muito se nota é o trabalho realizado de forma individual por cada um dos segmentos; cada um realiza seu trabalho sem perceber a relação deste com a aprendizagem dos alunos”

Especialmente o docente para romper as barreiras rumo a inclusão e autonomia da pessoa, necessita de trabalhar com uma equipa multidisciplinar como forma de “acompanhar o desenvolvimento das metodologias de apoio e adequar os recursos às necessidades dos alunos” (DRE, 2009, p.8844).

Achamos que numa equipa multidisciplinar nas mais diversas áreas, parte deste trabalho e informação entre estes profissionais necessita de ser partilhada também com o pessoal não docente nas circunstâncias mais adequadas. Estes momentos seriam em atividades externas à sala e mesmo em situações muito comuns, como perceber o que a pessoa esta a querer dizer, quando necessita de ajuda naquele exacto instante. Uma equipa, uma comunidade escolar e mesmo uma educação inclusiva segundo Rodrigues & Lima-Rodrigues (2011, p.43)

“não se resume a uma mera mudança curricular (...) trata-se de uma reforma bem mais profunda abrangendo os valores e as práticas de todo o sistema educativo tal como ele é comumente concebido”.

Para inspirar uma mudança no sentido de maior inclusão, flexibilização ou até um planeamento educativo mais profundo, uma formação ou acompanhamento específico a todos os profissionais, é visto por Canário (2008), como “um processo abrangente de autoconstrução da pessoa, num processo de abertura de existência” (Citado por Rodrigues, 2009, p.6).

Tendo em conta o tipo de formação, o profissional pode ser levado a ter uma mente aberta, disposta a absorver ou relembrar conhecimentos, como forma a melhorar a sua prática e afirmar a sua existência, lembrando a todos que também é membro integrante da comunidade e não de apenas um grupo de trabalho.

Independentemente da formação que é oferecida e para quem é destinada, os intervenientes na “educação não podem e não devem ser persuadidos ou convencidos sobre ideias, mas sim conhecê-las, analisá-las, criticá-las ou até mesmo aceitá-las” (Altenfelder, 2005).

Este conhecimento adquirido implica que o profissional seja levado a ser inspirado e até oferecer novas ideias que envolvam apoio ao aluno, atividades e até mesmo a ajuda necessária para a vida quotidiana.

Olhar a pessoa com necessidades educativas especiais e perceber o que ela necessita para a sua autonomia pessoal, significa que a formação transforme o profissional e que este também crie a mudança e que tenha voz para uma educação inclusiva. Inspirar uma mudança é oferecer voz a quem não tem e oferecer formas de entender essa voz a quem não a compreende.

Mas se tais mudanças acontecem frequentemente nas tecnologias que se vão adequando às necessidades da pessoa, permitindo à mesma explorar, manipular dispositivos e compreender o processo de comunicação, tal mudança necessita de ser acompanhada pelo(s) profissional que acompanham a pessoa. Tudo aquilo que a pessoa aprende dentro da sala, necessita de ter uma continuidade fora da mesma, a formação a toda uma comunidade escolar seria o início do processo pois segundo a UNESCO (1994, p.35)

“deve ser dada atenção especial à programação e desenvolvimento da educação de adultos e da educação permanente das pessoas com deficiência (...) devem elaborar-se também cursos especiais para satisfazer as necessidades dos diferentes grupos de adultos com deficiência”.

Esta importância no desenvolvimento da educação de adultos, segundo Canário (2008), pode remeter” a alfabetização quando a formação de adultos corresponder à formação profissional”. (Citado por Rodrigues, 2009, p.6).

Ou seja, esta formação aos adultos deve ser programada, usando termos adequados e que se sejam realistas e actuais ao local de trabalho pois aqui também o profissional desenvolve o seu processo educativo, segundo Mirão (2012, p.28).

“a qualidade e qualificação dos indivíduos é então um fator determinante, (...) onde se encontra incluída a formação contínua, contextualizada e inserida em culturas e ambientes aprendentes”.

Diferenciar termos oferece aos profissionais uma melhor integridade e valorização na sua formação profissional, contribuindo para melhores formações pois, segundo Altenfelder (2005), é necessário “refletir sobre os termos que são muitas vezes indistintamente usados para se referir à formação”.

Terminologias como formação inicial, formação contínua, sessões de informação, workshops, formações de atualização, entre outros podem ser confundidos. Podem criar a ilusão ao profissional sobre uma determinada formação que vai ao encontro daquilo que mais necessita, mas no fim pode não ser aquilo que realmente precisa, pois, a qualidade e a qualificação são valores que destacam o profissional.

A importância da formação deve de ser planificada para melhorar a prática profissional, quer este esteja no início de sua carreira ou não. E é na aprendizagem que o profissional melhora, podendo esta tornar-se num “instrumento estratégico na nossa sociedade, (...) pois para além de dominarem as tecnologias, devem ainda ser capazes de utilizar todas as possibilidades de aprendizagem que as mesmas proporcionam” (Faria, Rurato, & Santos, 2000, p.203).

Para atender as necessidades da pessoa com deficiência, devem ser propostos cursos / formações específicas para ajudar no apoio à pessoa na sua vida diária.

Parte II - Estudo Empírico

1 - A problemática e o seu contexto

Enfrentar pela primeira vez uma pessoa com dificuldades de fala severas sem se conhecer a forma de comunicar não é fácil, então se o relacionamento ocorrer em sala de aula pode tornar-se confrangedor. O conhecimento dessa situação, vivida na primeira pessoa quando o autor do estudo iniciou funções docentes num CAO, levou a querer saber o quanto a formação poderá ajudar a enfrentar a situação.

Segundo Follin-Arbelet (2017, p.8), citando a ASHA, “a CAA é uma área de prática que tem sofrido um crescimento significativo (...) esse padrão continuará à medida que surjam novas tecnologias e práticas de instrução”.

Este crescimento da CAA, é justificado pelas novas tecnologias e também pelas alterações legislativas educativas, com o recente Decreto-Lei n.º 54/2018, de 6 de julho, tornando fundamental uma atualização formativa aos funcionários para um desempenho profissional adequado.

Com as exigências e transformações que o sistema educativo sofre, segundo Roque (2012, p.2) citando Rodrigues (1991)

“as competências de cada indivíduo dependem não só do sistema formal de ensino, mas também das oportunidades proporcionadas pelas organizações empregadoras”.

Espera-se que no sistema educativo seja fundamental promover a inclusão social e autonomia de todas as pessoas, tendo a comunicação um destaque no desempenho das funções do profissional. Promover a inclusão social e autonomia significa entender a pessoa, especialmente se tiver problemas severos na fala.

Por pressuposto, no exercício da sua profissão, um adequado acompanhamento formativo aos profissionais permite mostrarem, segundo Freitas (2012, p.44),

“as dificuldades vivenciadas no dia a dia, estando estas expostas à luz da legislação, das teorias, de proposições de ordem prática estabelecendo assim

relações entre o conhecido e o vivido”, que contribui para mais conhecimento e práticas de qualidade.

Alguns destes profissionais quando não entendem a pessoa, por vezes fingem que compreenderam a mensagem transmitida. Ao fingir que se compreende pode dar-se o início de uma discriminação que, segundo Espote et al (2013, p.78) citando Franco (2009) Ribeiro (2011) e Souza (2011)

“a pessoa passaria a ignorá-lo evitando a situação sentida como estranha e que pode gerar constrangimento pela própria pessoa não saber como se comunicar”.

Quando se dá o episódio de discriminação, os profissionais podem não garantir adequadamente a inclusão e promoção da autonomia pessoal “enquanto processo que visa responder à diversidade das necessidades e potencialidades de todos e de cada um dos alunos, através do aumento da participação nos processos de aprendizagem e na vida da comunidade educativa” (DRE, 2018, p.2919).

Enfrentar a vida poderá ser muito mais difícil a estas pessoas, se não houver uma maior sensibilização aos profissionais, na sua forma de promover e participar no processo de aprendizagem do jovem. Espera-se que à saída do ensino escolar obrigatório, o jovem esteja “munido de múltiplas literacias que lhe permitam analisar e questionar criticamente a realidade, avaliar e seleccionar a informação, formular hipóteses e tomar decisões fundamentadas no seu dia a dia” (DGE, 2017, p.15).

Para a pessoa lidar com todo o fluxo de informação, o profissional necessita da formação adequada para acompanhar e incentivar o jovem na conversação, levando-o a questionar quando tem dúvidas e ser autónomo e decisivo no momento de escolher pela informação que mais se lhe adequa na sua integração social.

Pelo acima exposto, nasce o tema desde projecto, intitulado “Comunicar com o jovem com fala ininteligível: a importância da formação”.

Este estudo pretende responder à questão de partida:

Que importância atribuem, os atores educativos de crianças/jovens com problemas severos de fala, a uma formação que lhes permita compreender e promover a autonomia e inclusão social dos seus educandos?

Esta questão reporta-nos de imediato para outra subjacente: Os profissionais que interagem com crianças/jovens com problemas severos de fala conhecem as medidas para colmatar “dificuldades acentuadas e persistentes ao nível da comunicação, interação, cognição ou aprendizagem de apoio à aprendizagem e à inclusão”? (DRE, 2018, p.2921).

1.1 - Objetivos do estudo

O estudo que apresentamos tem como objectivo principal conhecer, na perspetiva dos profissionais que interagem com crianças/jovens com problemas severos de fala, a importância da formação em comunicação aumentativa.

Resultantes do objetivo principal atrás referido, definimos um conjunto de objectivos mais específicos:

- Identificar a formação dos profissionais que interagem com pessoas com dificuldades severas de fala;
- Identificar as diferentes formas de interação dos profissionais em estudo com pessoas com fala ininteligível.
- Conhecer a percepção dos profissionais sobre o tipo de formação necessária para interagir adequadamente com utentes com problemas severos de comunicação.

Destes objectivos específicos, levantamos algumas hipóteses tais como:

H1- Os profissionais com formação em Comunicação Aumentativa e Alternativa compreendem a pessoa com problemas severos na fala e promovem a sua autonomia?

H2 – A experiência dos profissionais facilita a interação com a pessoas com problemas severos de fala e escusa a formação?

H3- Os profissionais com formação em Educação Especial conhecem as medidas para colmatar “dificuldades acentuadas e persistentes ao nível da comunicação, interação, cognição ou aprendizagem de apoio à aprendizagem e à inclusão” (DRE, 2018, p.2921)?

1.2 - Modelo de Investigação

Para responder à problemática em questão, decidimos optar por uma metodologia qualitativa de carácter exploratório e descritivo

Esta metodologia qualitativa é constituída, segundo Piana (2009, p.168), “pela caracterização do problema, do objeto, dos pressupostos (...) não procurando resolver o problema no imediato, mas sim caracteriza-lo numa visão geral”.

Indicar o problema numa visão global, leva-nos a uma investigação de carácter exploratório que segundo Teixeira et al (2014, p.89), citando Saunders et al (2012) “é um meio para descobrir o que está acontecendo, fazer perguntas e avaliar a situação sob uma nova perspectiva”.

Com esta necessidade de explorar, descrever e avaliar uma situação ou problema, pretendemos apresentar uma “atitude reflexiva dos futuros investigadores, acompanhada por uma forte confiança no *porquê* e no *como* de todo o processo” (Amado, 2013, p.13).

A necessidade de estimular novas reflexões e uma vez que não há qualquer interação do investigador no assunto em análise, justifica uma pesquisa descritiva pois de acordo com Augusto et al (2013, p.750) citando Gil (2008) a

“contribuição das pesquisas descritivas é proporcionar novas visões sobre uma realidade já conhecida”. Ainda segundo Teixeira et al (2014, p.89), citando Saunders et al (2012) “a investigação descritiva serve para traçar o perfil de pessoas, eventos ou situações”.

Sendo assim, identificamos quais são os profissionais que lidam com pessoas com problemas severos na fala, conhecemos a sua forma de comunicar com estas pessoas e pretendemos refletir sobre até onde é que profissionais dão importância a formação na comunicação para melhor interagir com a pessoa.

2 - Instrumentos de recolha de dados e procedimentos

2.1 - O inquérito por questionário online

A recolha de dados é um procedimento lógico da investigação, ao qual devemos escolher as técnicas que mais se adequam ao nosso estudo.

Numa primeira abordagem previa-se recorrer à entrevista semi directiva para se recolher elementos sentidos e vividos pelos profissionais (Apêndice 4). Dado os constrangimentos ao contacto directo com os profissionais e à necessidade de procurar, investigar e interrogar, optamos pelo inquérito pois este permite recolher dados, num curto espaço de tempo, a um grande número de profissionais. Segundo Teixeira et al (2014, p.89), “o inquérito é uma estratégia popular, pois permite grande coleta de dados de modo económico e costuma ser usado em investigações exploratórias e descritivas”.

Na perspectiva de um conjunto de perguntas que servem para fazer esta recolha de dados, este é um inquérito por questionário que, segundo Quivy e Campenhoudt (2008, p. 33) consiste em colocar a um conjunto de inquiridos uma série de perguntas relativas “às suas opiniões, à sua atitude em relação a opções ou a questões humanas e sociais, às suas expectativas, ao seu nível de conhecimento”.

Tendo em conta a evolução da Internet e dos vários serviços que oferece, optamos por uma plataforma de questionários online (Google Forms) pois segundo Girão (2014, p.7) estas “são cada vez mais usadas e procuradas devido à facilidade de criação e disseminação de inquéritos e devido à necessidade que

uma determinada entidade tem para obter o máximo de informação acerca de um determinado tema”.

Para a elaboração do questionário, socorremo-nos do guião de entrevista. Após disponibilizar o questionário usando o endereço de e-mail, a recolha de dados é facilmente realizada, pois na perspetiva Lopes, Gracitelli, & Moura (2018 p.274), “quando preenchidos pelos profissionais, as respostas aparecem imediatamente na página do criador do questionário do Google Forms”.

Usar este modelo de inquéritos, além de nos permitir reduzir custos e tempo, na perspetiva de Girão (2014, p.8) o “tratamento da informação deixa de ser realizado manualmente passando a existir ferramentas automáticas de análise e visualização dos resultados”.

Algumas das perguntas deste tipo de inquérito são de resposta directa e como tal, a análise das respostas são apresentadas em tabelas e gráficos circulares para facilitar a leitura dos dados recolhidos. Todos estes dados ficam armazenados na nuvem, bastando apenas que o investigador introduza os seus dados pessoais, podendo aceder e continuar o seu trabalho em qualquer computador.

Dado a importância destas ferramentas, segundo o estudo desenvolvido pelos autores Lopes, Gracitelli, & Moura (2018 p.271) o Google Forms “é uma ferramenta útil para coleta e análise de dados estatísticos, facilitando o processo de registro e análise de informações”.

2.2 - Entrevista

Outra ferramenta para a recolha de dados foi a entrevista semiestruturada a uma Terapeuta Ocupacional de uma instituição com práticas de sucesso nesta área, sendo esta uma forma de motivar à “um discurso mais ou menos livre, mas que atenda aos objetivos da pesquisa e que seja significativo no contexto investigado e academicamente relevante” (Duarte,2004, p.216).

A estrutura de uma entrevistas e as perguntas colocadas exige um guião de perguntas previamente construído. Este guião é necessário para colocar algumas “questões antecipadamente preparadas, para depois retirar do material recolhido elementos de informação” (Ferreira, 2014, p.980).

Ao desenvolver o guião, necessitamos que as perguntas tenham uma sequência temporal e espacial de forma a proporcionar ao entrevistado um bom fluxo de ideias.

Sabendo que estas questões nascem de um plano prévio, o guião define e regista uma ordem lógica para o entrevistador que segundo Amado (2013, P.208) “o guião é direccionado ao “essencial do que se pretende obter, embora, na interação se venha a dar uma grande liberdade de resposta ao entrevistado”

Esta serie de perguntas repartidas pelos vários blocos dará a possibilidade à entrevistada de dar respostas abertas, cuja análise dos elementos de informação se torna um processo de construção de conhecimento.

Seguindo a perspetiva anteriormente referida pelo autor Ferreira o guião de entrevista segue uma ordem lógica de perguntas, e é constituído por 7 blocos. O Bloco A introduz a nossa entrevista, legitimando-a como forma a motivar a entrevistada. Depois segue-se 23 questões, divididas por 5 blocos. O Bloco B é o Perfil do Entrevistado onde se pretende recolher dados para caracterizar pessoal e profissionalmente o entrevistado. Nos Blocos C, D e E pretende-se compreender o que motivou o profissional em iniciar o apoio a uma comunicação mais interativa aos utentes e equipa técnica, bem como recolher a sua opinião sobre a necessidade em formar os profissionais dos CAO. Também necessitávamos saber se estes profissionais continuaram a aplicar tais conhecimentos adquiridos.

Finalizando as perguntas, com o bloco F pretendemos conhecer opinião da profissional sobre as necessidades da Instituição para promover competências comunicacionais e sociais. No bloco G agradecemos a disponibilidade da entrevistada, terminando a nossa entrevista.

Após a verificação e alterações ao guião, procedemos à entrevista por telefone na necessidade de encurtar distâncias. Segundo Gonçalo & Barros (2014, p.22)” a entrevista por telefone, na investigação científica, é uma estratégia para a obtenção de dados que permite a comunicação interpessoal sem um encontro face-a-face.”

O registo das respostas durante a entrevista foi mediante anotações, em que na perspectiva de Gil, citado por Júnior & Júnior (2011, p. 247) “o único modo

de reproduzir com precisão as respostas é registrá-las durante a entrevista, mediante anotações ou com o uso de gravador”. O registo das respostas acontecia logo após efectuar cada pergunta, estando a entrevistada livre de responder.

2.5 Participantes no estudo

Da vasta variedade de profissionais em funções na Educação Especial, pretendeu-se atingir o maior número de um público não especificado de funcionários, de forma a obter respostas diversificadas.

Esta amostra, recolhida através de um inquérito online, consiste em 47 participantes de diversas áreas tais como Educação, Terapias, Psicologia, Serviço Social, Animação Sociocultural, Segurança, Gestão de Recursos Humanos e um grupo de profissionais cuja área é indefinida.

O inquérito teve como âmbito geográfico Portugal Continental e Região Autónoma da Madeira, e destinatários professores de educação especial e outros profissionais a trabalhar em Agrupamentos de Escolas, Instituições de apoio a jovens com problemas severos de desenvolvimentos e Centros de atividades ocupacionais. Para participar neste estudo foram enviadas solicitações via email, às Instituições mencionadas, com um link que os direcionava ao inquérito com tempo médio de reposta prevista de 10 minutos.

Porém, algumas pessoas alegaram que o link os direcionava a uma outra página que não o inquérito, mas após corrigido o problema, foram reenviados novos email com nova solicitação a sua participação.

Fez também parte deste estudo uma terapeuta ocupacional, com 52 anos de idade, com 24 anos de experiência em Educação Especial e que num período de 4 anos desenvolveu um projeto numa Instituição para promover a comunicação/ interação entre utentes e entre profissionais e utentes.

Parte III – Apresentação e análise dos resultados

Nesta parte é apresentada a análise ao conteúdo dos questionários apresentados online aos profissionais de educação especial que interagem com pessoas com problemas graves na fala. Também se apresenta a análise ao conteúdo da entrevista aplicada a uma terapeuta em funções na educação especial, cuja prática despertou no autor deste estudo o interesse pela temática. Os resultados recolhidos tiveram por base a análise das respostas dos participantes, questão a questão, tentando-se aferir não só a sua opinião sobre o tema, mas também a forma como percecionam a sua prática.

1. Questionário aplicado aos profissionais de Educação Especial

Os dados do questionário online (Google Forms) dirigido aos profissionais de educação especial que interagem com pessoas com problemas graves na fala, foram tratados com recurso aos programas Google Sheets e Excel 2016. É de salientar que esta análise é qualitativa, descritiva e reflexiva.

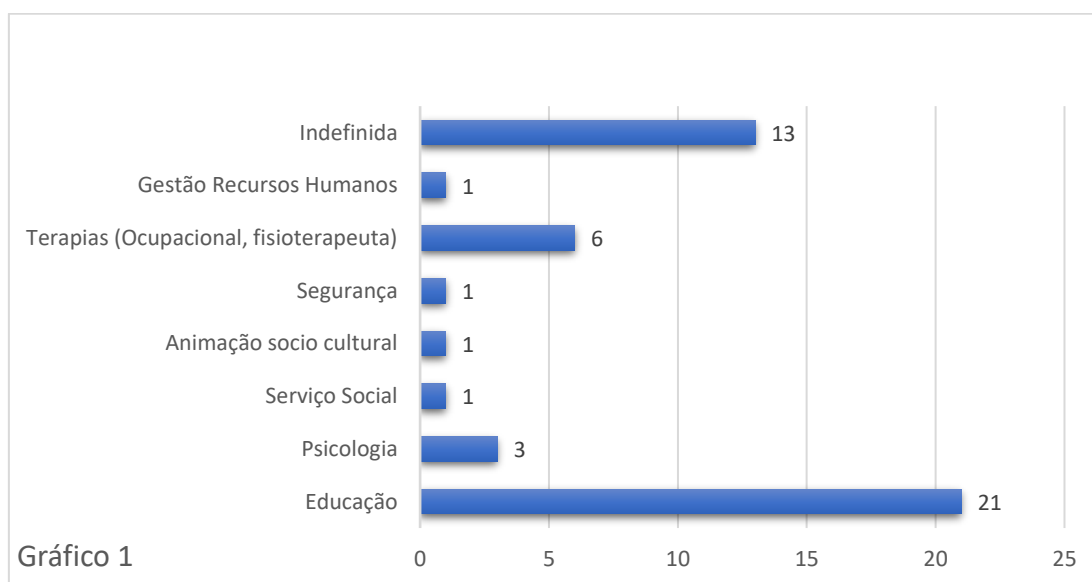
Como o Google Forms permite exportar todas as respostas para o Google Sheets, foi possível criar duas bases de dados. Primeiramente o Google Sheets, oferece-nos a possibilidade de separar automaticamente por colunas cada uma das perguntas e a cada coluna, analisar todas as respostas obtidas. (Apêndice 7)

Posteriormente, através de uma importação de dados para o Excel 2016, trabalhou-se os dados percentuais. Esta análise aos dados é feita através da descrição dos resultados obtidos em cada questão e da verificação das hipóteses, acompanhada de apresentação de gráficos ou tabelas.

Pergunta n.º1 - Qual é a formação Inicial

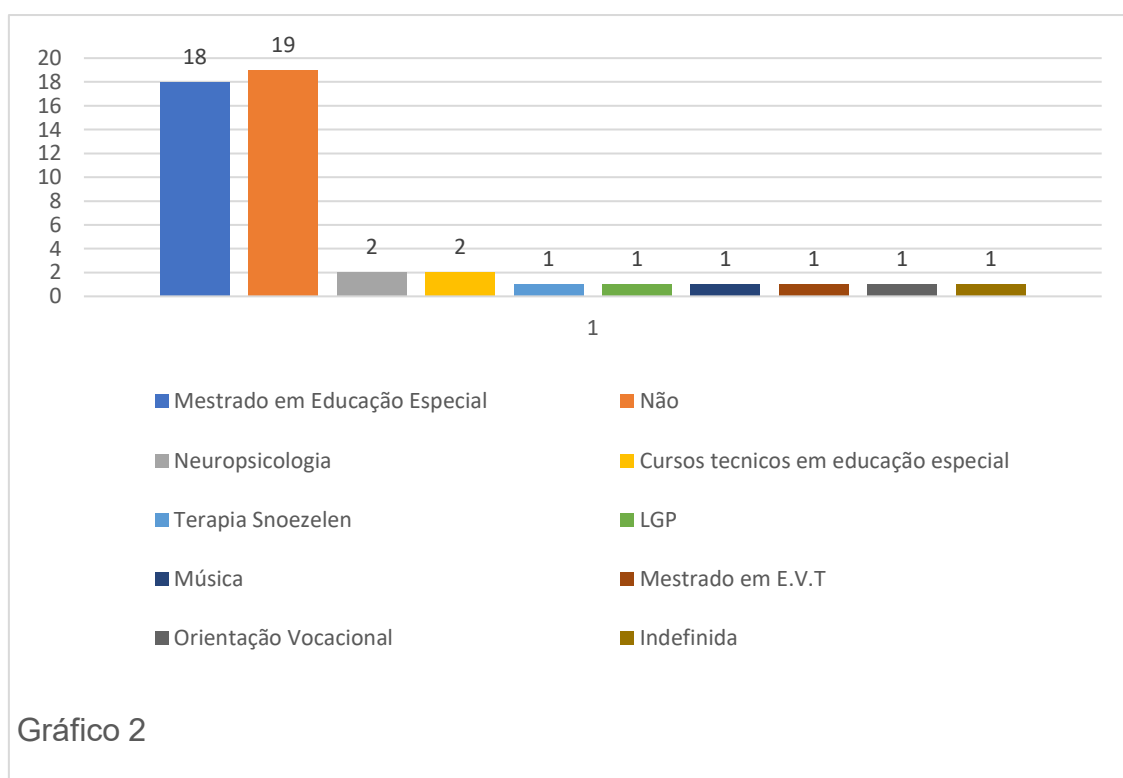
A esta pergunta de carácter obrigatório responderam 47 inquiridos, dos quais 13 não responderam claramente, considerando-se indefinida a sua resposta. Houve a necessidade de agrupar as várias áreas de formação. Como se pode ver no gráfico 1, vinte e uma (21) respostas são referentes aos profissionais com formação inicial na educação, 6 aos profissionais pertencentes à área das terapias, e 3 da psicologia. Dos restantes grupos temos 1 profissional que é do serviço social, 1 de animação socio cultural, 1 segurança e 1 de gestão de recursos humanos.

Podemos afirmar que a área mais relevante da formação inicial é a da educação seguida das Terapias, o que não é de admirar uma vez que os inquéritos foram enviados para agrupamentos de escolas, instituições de apoio a jovens com problemas severos de desenvolvimento e Centros de atividades Ocupacionais.



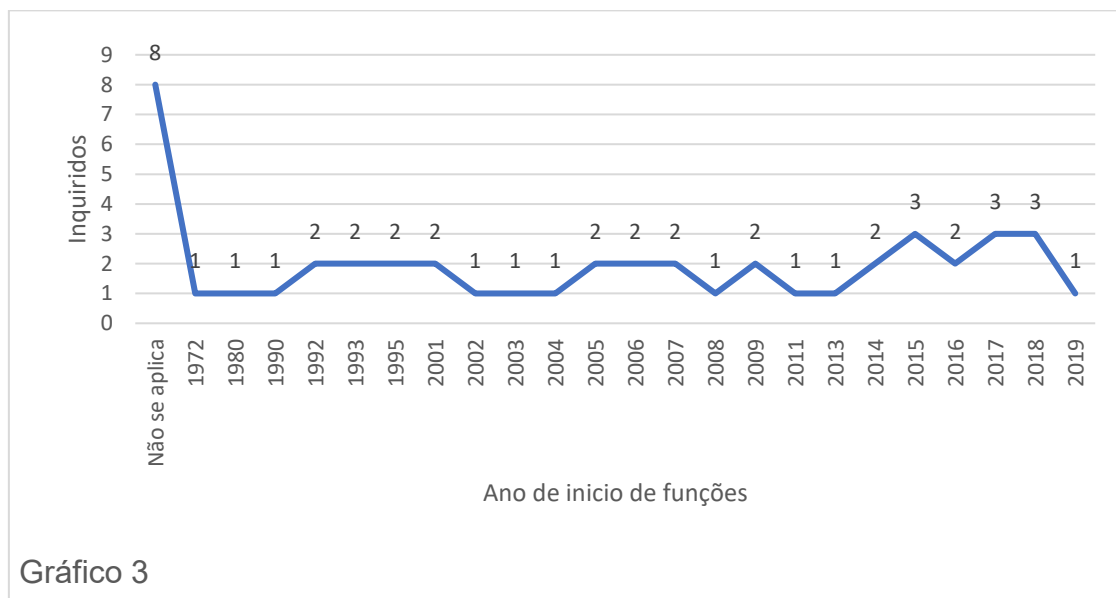
Pergunta n º2 –Formação especializada. Se sim qual?

A esta pergunta, de carácter obrigatório, responderam 47 inquiridos. Da leitura do gráfico 2 é possível constatar que 19 profissionais não tem formação especializada, 18 têm mestrado em educação especial, 2 têm cursos técnicos em educação especial, 2 formação especializada em neuropsicologia. Ainda 5 profissionais dizem ter formação especializada numa das seguintes áreas: Língua Gestual Portuguesa (LGP), Orientação Vocacional, Mestrado em E.V.T, Terapia Snoezelen e Música. Podemos afirmar que a área de maior especialização é a de Educação Especial (18 com mestrado, 2 com curso profissional, 1 com formação em LGP que também é um campo da Educação especial)



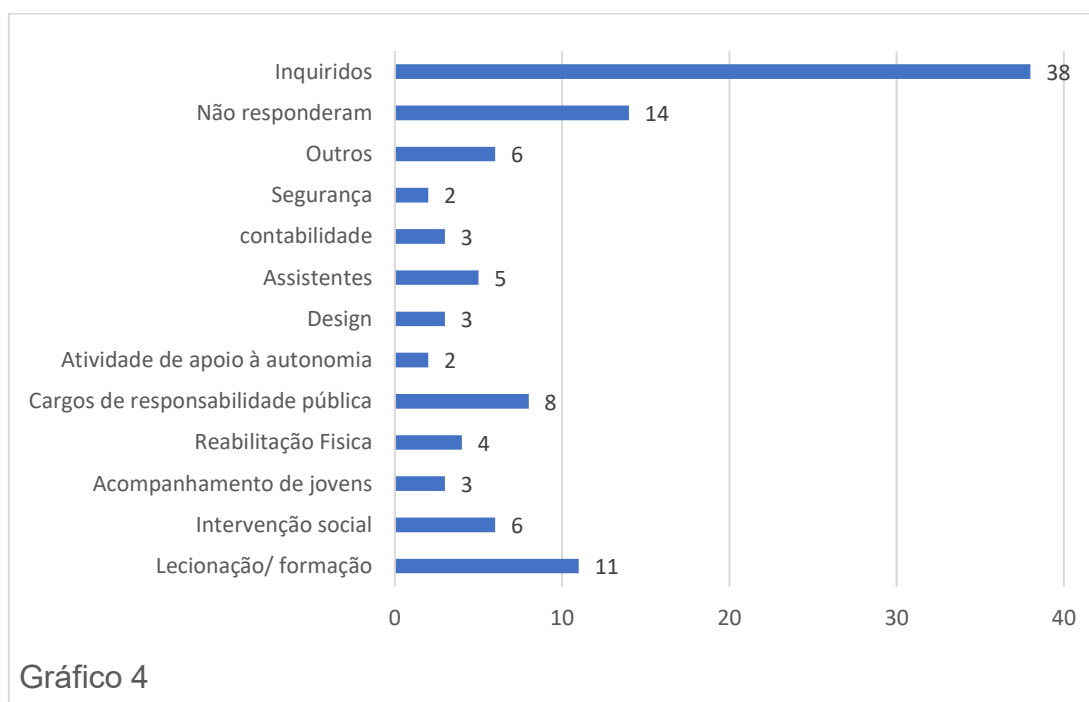
Pergunta n.º 3 – Quando iniciou funções na Educação Especial?

Nesta questão também de carácter obrigatório, 39 inquiridos identificam o ano de início de funções. Podemos apurar que os inquiridos iniciaram funções entre os anos de 1972 e 2019. A análise dos dados apresentados no gráfico 3 mostra-nos que todos os anos, desde 1972 houve profissionais a iniciar as suas funções em educação especial, embora o número fosse muito diminuto (1;2 por ano). É de referir que entre os anos de 2015 e 2018 entraram mais profissionais na educação especial (3).



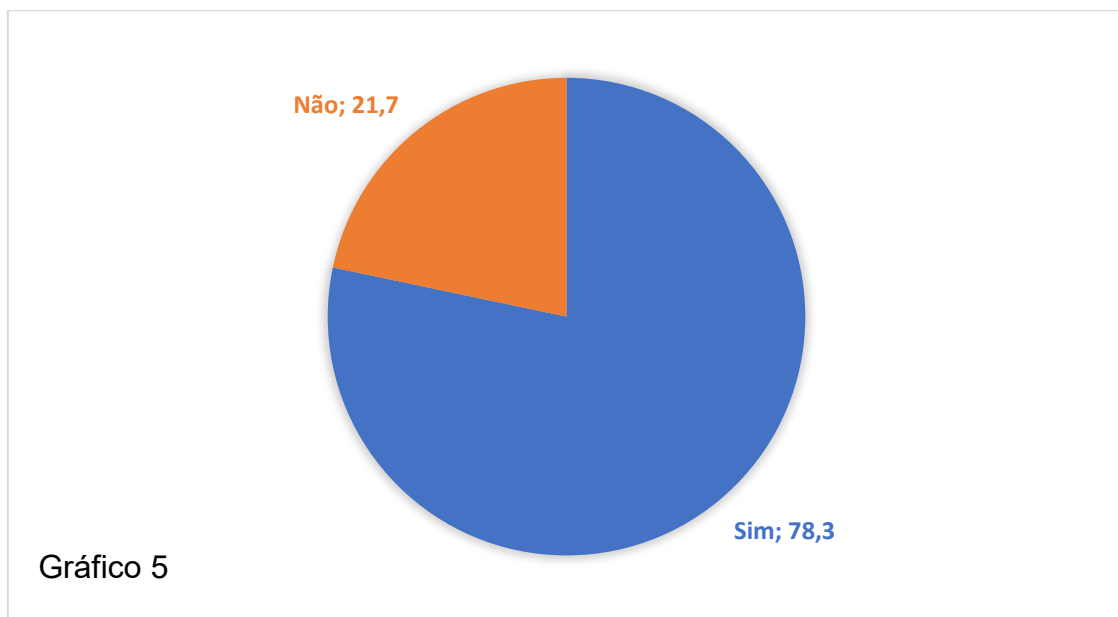
Pergunta n º4 – Que tipo de trabalhos já desempenhou além da sua actual função?

A esta questão responderam 38 inquiridos, 14 não responderam ou não se pronunciaram sobre atividades profissionais anteriores. Tal como pode ser visto no Gráfico 4 o maior número (11) prende-se com a Lecionação/formação, o que não é de admirar, uma vez que a maior parte dos inquiridos está ligada à área da educação. Oito (8) respondentes mencionam cargos de responsabilidade pública, o que também por norma está relacionado com papéis desempenhados por docentes, assistentes sociais e Psicólogos. Daí não ser de estranhar as 6 respostas sinalizadas como Intervenção Social. Julgamos ser pertinente mencionar as respostas de assistente (5) por o inquérito ser dirigido a instituições de apoio a jovens nas quais atuam muitos assistentes operacionais e estas estarem sensíveis ao tema.



Pergunta n º5 - Já trabalhou/trabalha com pessoas com problemas de fala graves?

Dos 46 inquiridos e de acordo com o gráfico 5, pode constatar-se que grande parte dos inquiridos (78,3%) já trabalhou/ trabalha com pessoas com graves problemas na fala. Apenas 21,7% não teve esse contacto com esta população. Este resultado mostra-nos que os profissionais que responderam ao inquérito têm condições adequadas para responderem à investigação em curso.

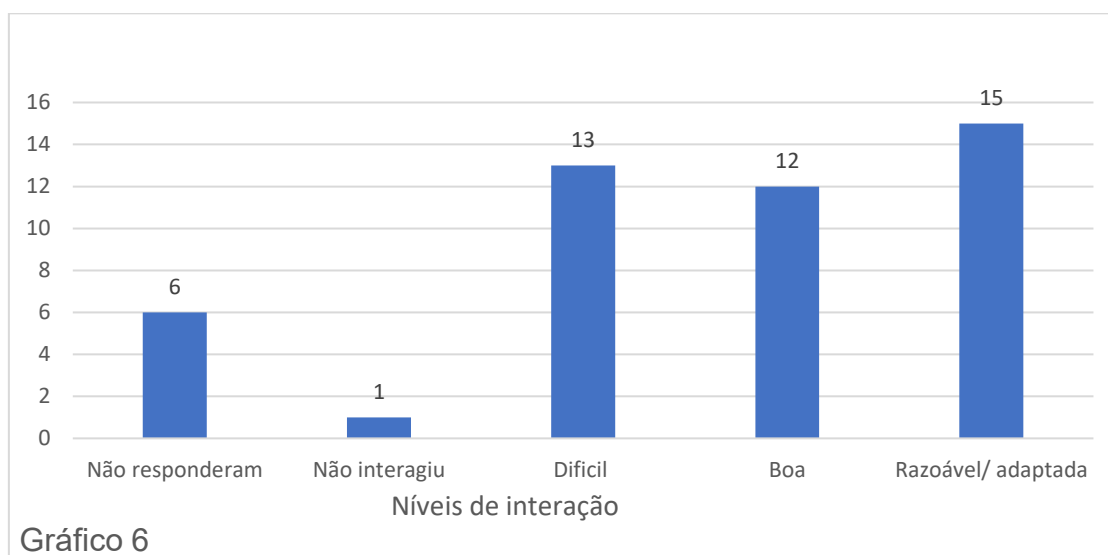


Pergunta n º6 - Como descreve a sua interacção com as pessoas com problemas na fala?

A esta pergunta responderam no total 41 inquiridos (87%). Esta percentagem maior do que a referente à questão anterior (78%), é compreensível porque os profissionais podem não atuar directamente com as crianças/jovens, mas interagirem em situações informais.

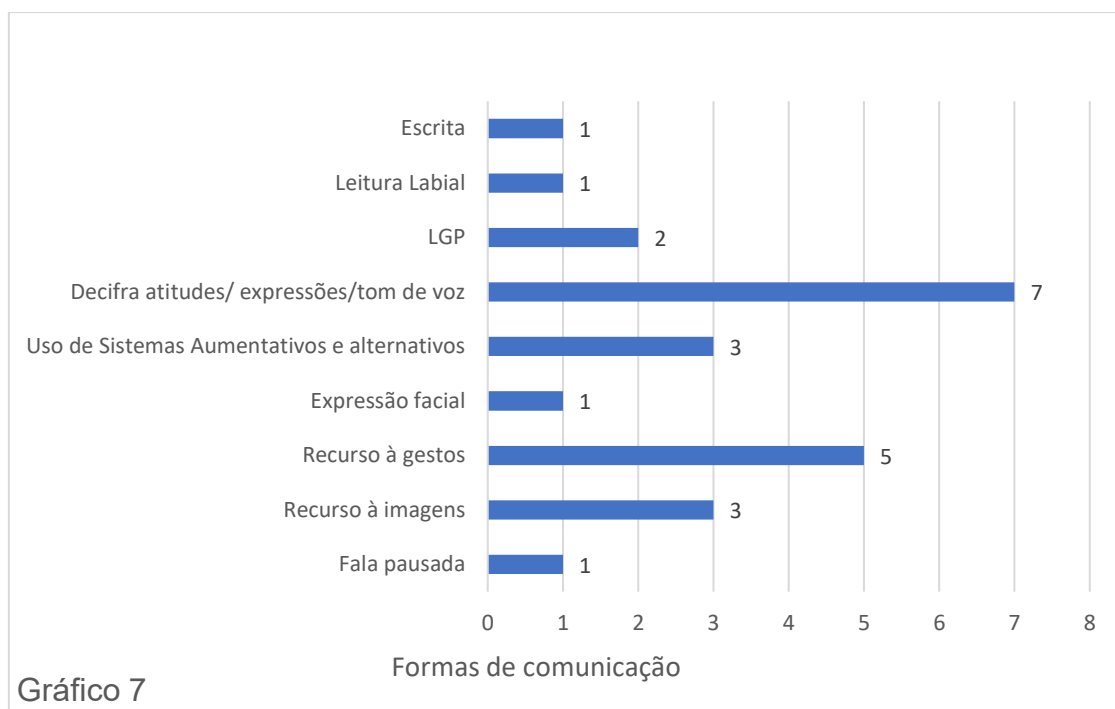
Os inquiridos responderam a esta questão de duas formas: a nível de interpretação de como sentem a interacção e a nível dos recursos a que recorrem para a interacção.

O gráfico 6 traduz os dados obtidos da análise ao primeiro nível. Como podemos verificar apenas 1 inquirido não interagiu com pessoas com problemas na fala. 15 inquiridos dizem ter uma interacção razoável, mas não apontam o tipo de mensagem utilizada ou o meio de comunicação que facilita a interacção, 13 dizem ter muitas dificuldades na interacção, bem como dificuldades em perceber o que a pessoa pretende transmitir, e expressam a sua frustração, falta de formação ou apoio.



Os inquiridos que descrevem as formas de interacção (gráfico 7) dizem recorrer principalmente à decifração do tom de voz, expressões e gestos no geral da pessoa. 5 inquiridos dizem recorrer ao gesto.

A análise do gráfico 7, mostra-nos então que as formas de comunicação sem apoio e socialmente reconhecidas (mímica, gestos sociais, tom de voz), são mais fáceis e mais utilizadas, uma vez que formas de comunicação com apoio, nomeadamente o uso de sistemas aumentativos e alternativos e imagem só são referidas 3 vezes cada, e a LGP apenas duas vezes.



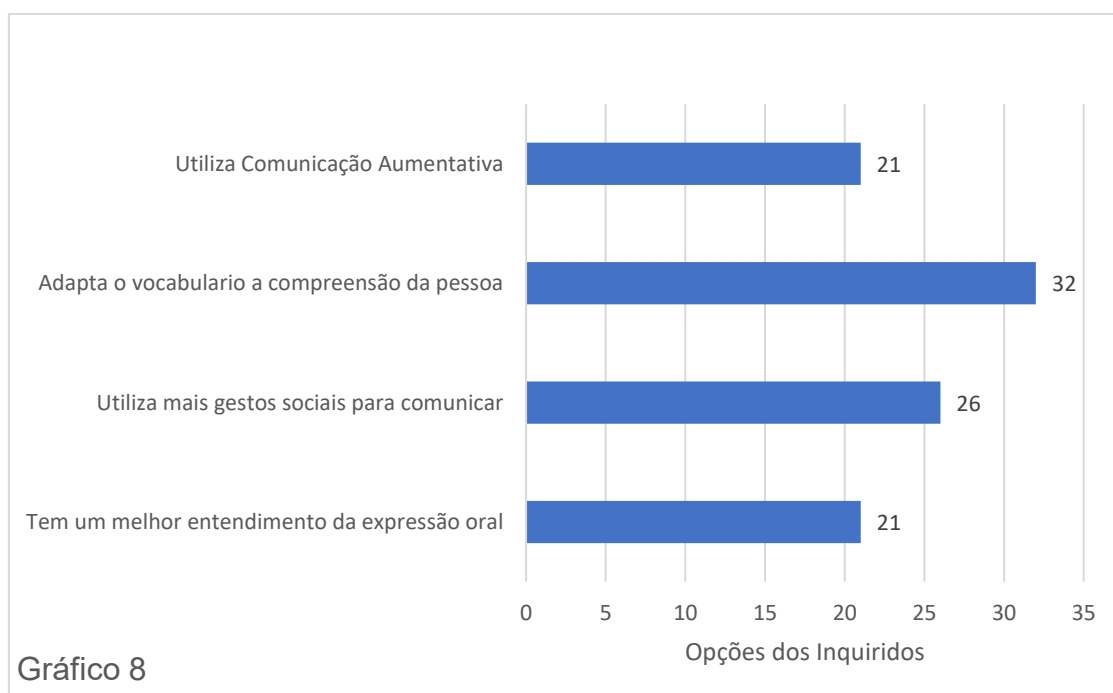
Estes resultados mostra-nos que os profissionais deveriam insistir mais na formação em exercício na área da Comunicação Aumentativa e Alternativa, quando atuam com esta população.

Pergunta n.º 7 – A experiência adquirida no decorrer do seu trabalho, facilita a interacção com as pessoas com problema de fala?

A esta pergunta de escolha múltipla, os participantes podiam escolher mais que uma opção. Responderam 45 inquiridos a esta pergunta. De acordo com o gráfico 7, temos 26 respostas referentes aos que utilizam mais gestos sociais para comunicar e em destaque estão 32 inquiridos que adaptam o vocabulário à compreensão da pessoa.

21 profissionais referem utilizar a Comunicação Aumentativa e Alternativa e também 21 referem ter um melhor entendimento da expressão oral. Em síntese a maior parte dos profissionais utiliza o seu meio natural de expressão (expressão oral) e diz adapta-la à compreensão do interlocutor.

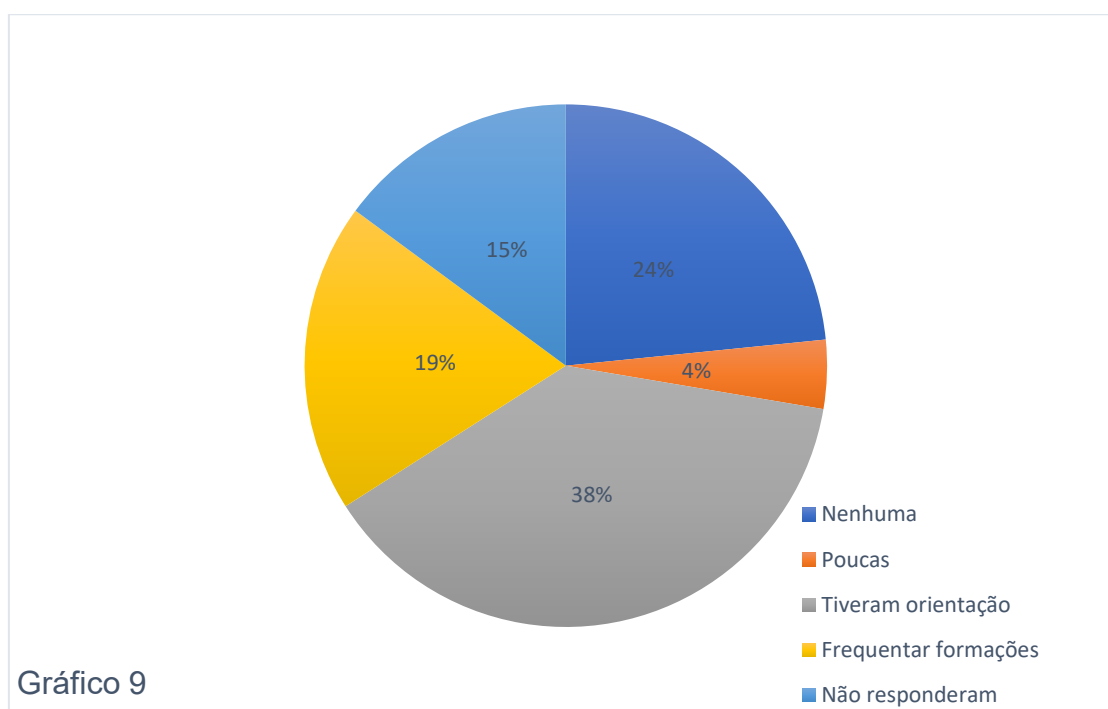
Face a estes resultados põem-se as questões: este modo de comunicação é mais fácil para o profissional ou para o interveniente? Será que promove a expansão do conhecimento, uma vez que se baseia no conhecimento existente?



Pergunta n º8 - Que tipo de orientações (mesmo que informais) lhe foram fornecidas inicialmente para interagir com pessoas com esta problemática?

Segundo o gráfico 9, a grande maioria dos profissionais (38%) tiveram orientação no seu local de trabalho; 19% admitem frequentar ações de formação. Das 40 respostas, 11 profissionais (24%) não tiveram qualquer orientação para interagir, 4% (2 inquiridos) obtiveram pouca ajuda.

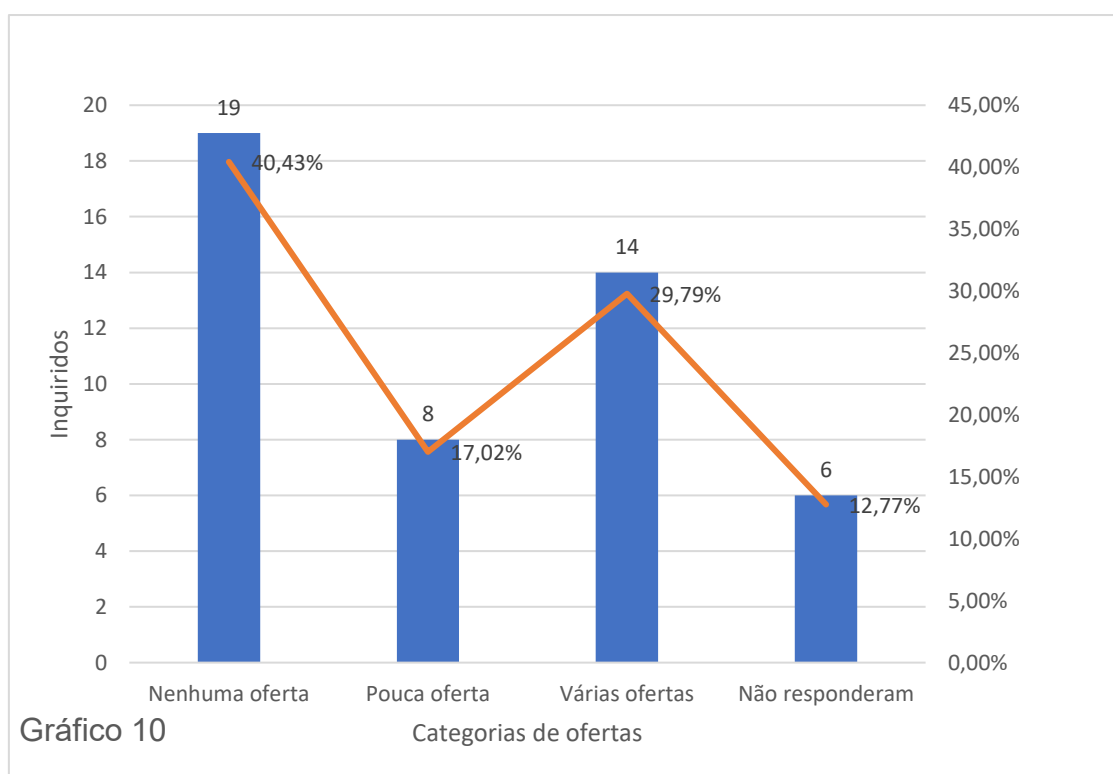
Os dados mostram que há alguma preocupação, embora de carácter informal, em orientar os profissionais que iniciam funções com pessoas com dificuldades severas de comunicação.



Pergunta n º9 - No seu local de trabalho que ofertas de formação existiram/existem, relacionadas com à comunicação?

Nesta questão, não responderam 6 dos 47 inquiridos, as respostas foram divididas em 3 categorias. De acordo com o gráfico 10, os profissionais que não receberam qualquer oferta de formação totalizam 19 inquiridos, 40% dos 41 profissionais. O número de profissionais que acham que há pouca oferta de formação relacionada à comunicação é de 8, e finalmente com quase o dobro das respostas, mais precisamente 14 profissionais, recebem várias ofertas de formação relacionado com a comunicação.

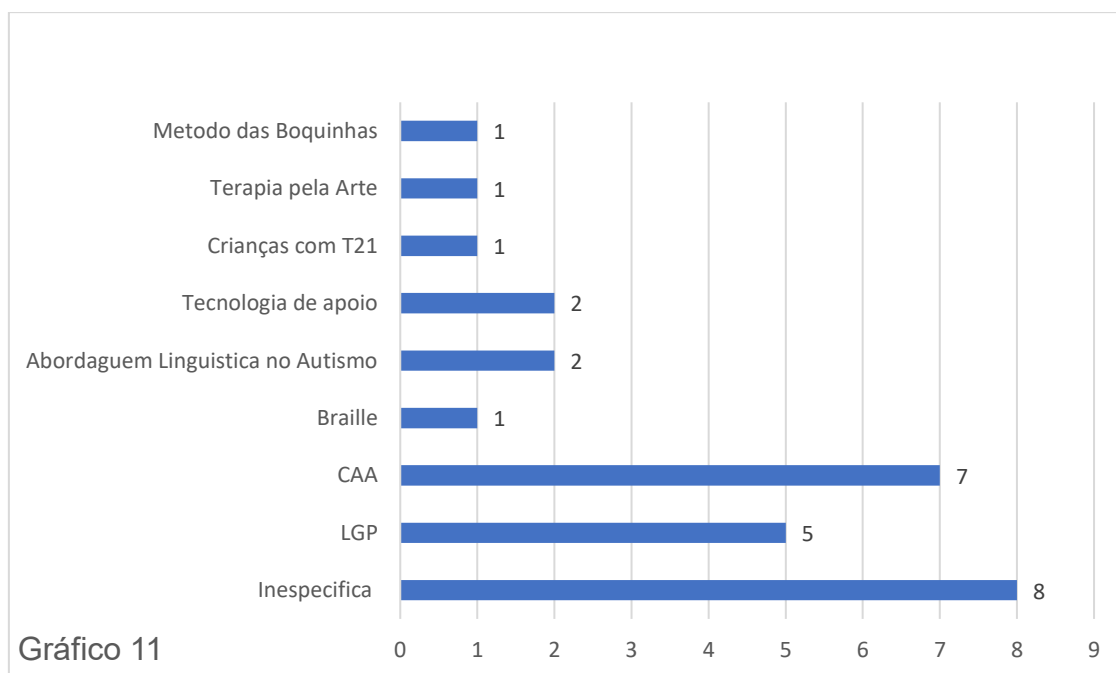
Estes dados estão directamente relacionados com o gráfico anterior que nos diz que 24% não tiveram qualquer orientação quando iniciaram funções e só 19% frequentam ações de formação.



Pergunta n º10 - Descreva a última formação em que participou, que lhe possibilitasse compreender e interagir melhor com pessoas com dificuldades severas de comunicação.

Com esta questão pretendia-se conhecer a formação com mais impacto para os profissionais e também componentes dessa formação que fossem reconhecidos como facilitadores da interação. Mais uma vez a análise ao conteúdo das respostas mostram-nos que os inquiridos não interpretaram a questão da forma pretendida, ou seja, não descreveram a última formação, apenas a nomearam, não apresentaram os conteúdos da mesma.

Cerca de metade (22) dos inquiridos participaram em ações de formação. 28 profissionais não participaram e 12 inquiridos não responderam à questão. Das respostas relacionadas com ações de formação, salienta-se 8 que mencionam formação pouco relacionada com a comunicação. A ação mais relevante é na área da Comunicação Aumentativa adquirida em formação académica (Mestrado e Formação Especializada) por 7 respondentes (como o gráfico 11 indica). Segue-se a formação em LGP -5-; tecnologias de Apoio -2-. Também com duas indicações a Abordagem Linguística no Autismo.



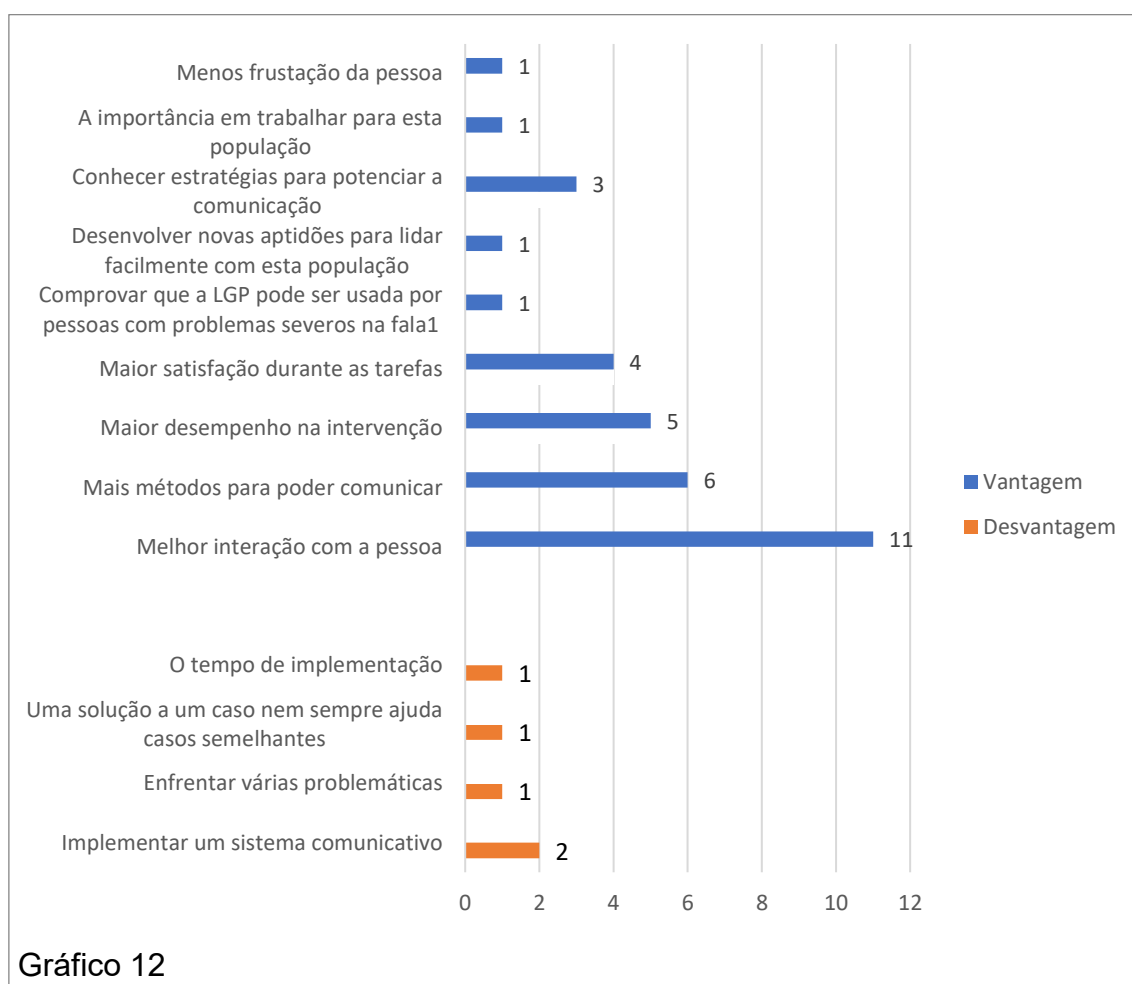
Estes dados mostram que a formação facilitadora da comunicação é ministrada sobretudo em contexto académico o que nos leva novamente para a questão da importância da formação em exercício (ou da falta dela) nesta área. Interrogamo-nos sobre o quanto as instituições, e os profissionais que nelas atuam com crianças/jovens com dificuldades severas de comunicação, promovem a participação social dessas pessoas, e respeitam os seus direitos de cidadania.

Pergunta n º11 - Que vantagens/desvantagens encontrou ao conhecer novas formas de comunicar com a pessoa com problemas severos na fala?

A esta questão responderam 34 inquiridos. As vantagens e desvantagens mencionadas estão representadas no gráfico 12. Uma larga maioria -11- das vantagens assinaladas são apontadas como “uma melhor interação com a pessoa.”

Outras vantagens assinaladas foram os “métodos para poder comunicar”, com 6 indicações. 5 menções refecem “ter maior desempenho na intervenção” e 4 a “maior satisfação durante as tarefas” com a pessoa.

No que diz respeito às desvantagens, a análise ao gráfico 12 mostra-nos que a maior é - implementar um sistema comunicativo.



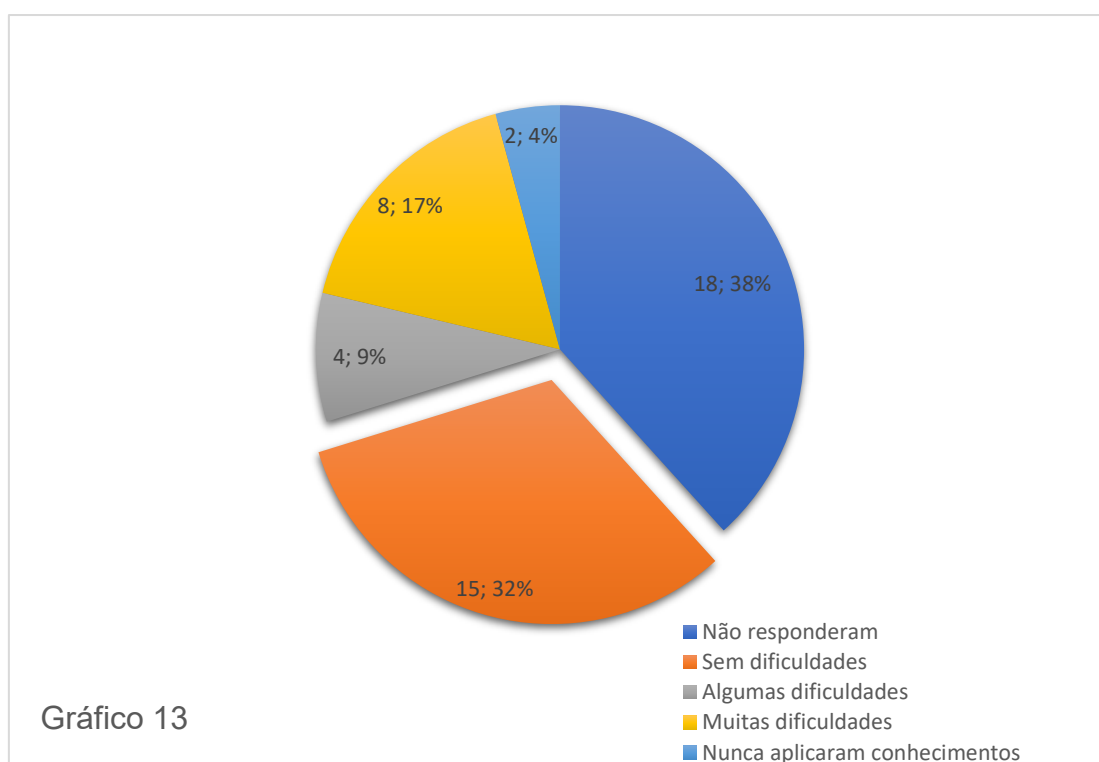
Os dados mostram que conhecer novas formas de comunicar tem como vantagens uma melhor interação com a pessoa, oferecendo mais facilidades de trabalho e conhecimentos para uma melhor intervenção com a pessoa, mas que

é difícil pôr de imediato o “saber em ação” por a sua implementação não ser de imediato e os materiais exigidos serem diferenciados, pois “uma solução a um caso nem sempre ajuda casos semelhantes”

Pergunta n º12 - Sentiu dificuldades em usar estes novos conhecimentos?
Se sim, descreva quais foram?

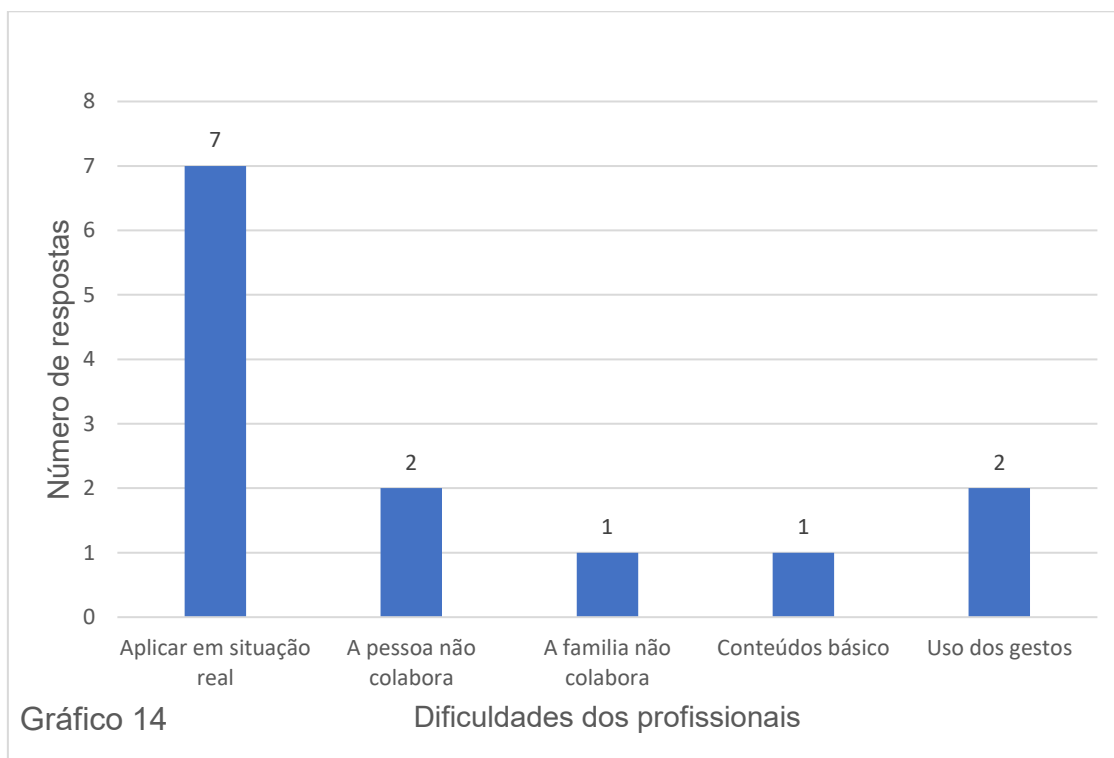
A esta questão separámos as respostas, ao nível de dificuldades dos inquiridos em usar estes novos conhecimentos (gráfico 13), e em saber quais foram essas dificuldades (gráfico 14). Nesta última análise, contabiliza-se o número de referências e não o número de respostas por inquirido.

A análise ao gráfico 13 mostra-nos que das 47 respostas previstas, responderam 31 inquiridos dos quais 15 (32%) não tiveram quaisquer dificuldades em aplicar os novos conhecimentos adquiridos. É de salientar que 4 (9%) profissionais tiveram algumas dificuldades e 8 (17%) tiveram muitas dificuldades em aplicar novos conhecimentos. Apenas 2 (4%) nunca tiveram a oportunidade de aplicar os conhecimentos.



De acordo com o gráfico 14, sobre as dificuldades encontradas, a grande maioria das referências -7- prendem-se com "dificuldades em aplicar em situação laboral"; duas menções dizem respeito á pessoa não colaborar e outros 2 menções á dificuldade em usar gestos. Relacionando estes dados com os obtidos da análise da questão anterior e os obtidos na questão nº 10, vemos que

há uma convergência nas respostas, uma vez que as formas de comunicação descritas como as mais utilizadas tem sido essencialmente as sociais, e uma dificuldade apontada foi a implementação dos sistemas de comunicação.

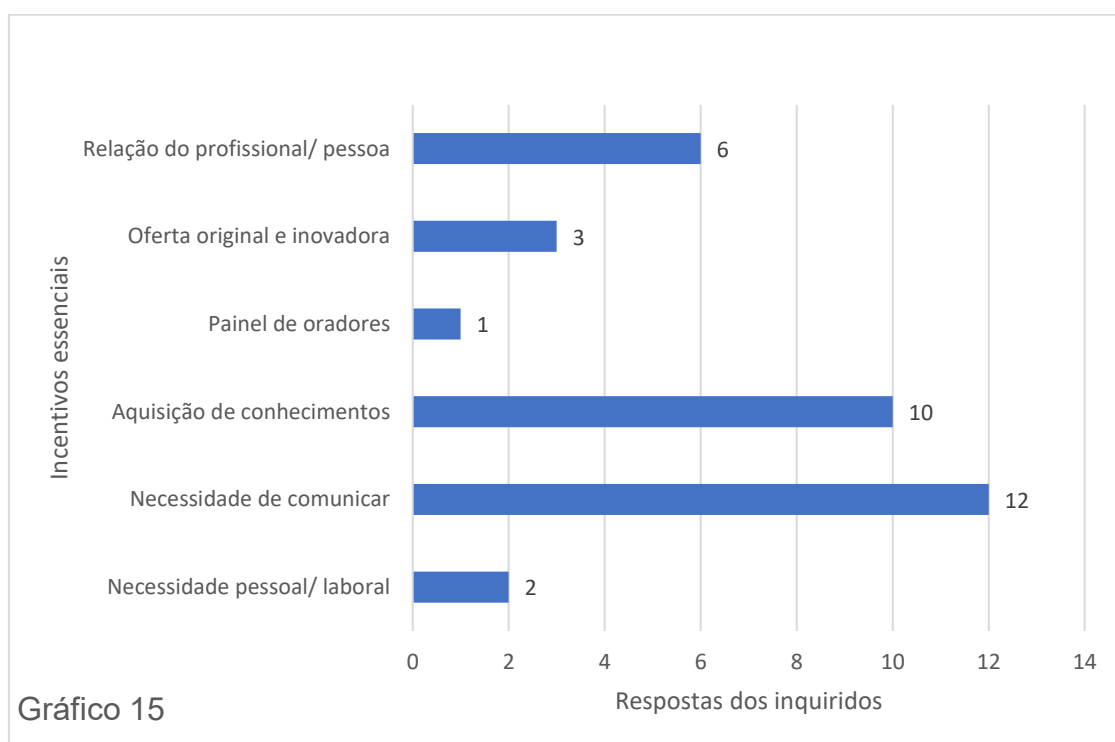


Pergunta n º13 - O que constitui para si os incentivos essenciais para participar em acções de formação em comunicação?

A esta questão responderam 36 inquiridos, 11 não responderam e 1 diz não ter incentivos.

De acordo com o gráfico 15, são 12 respostas que mostram a necessidade de comunicar com a pessoa com problemas na comunicação. 10 respostas inserem-se na aquisição de conhecimentos e 6 na melhoria da relação com a pessoa. Em síntese, estas respostas traduzem que o incentivo maior é a vontade de interagir positivamente com a pessoa com dificuldades na fala.

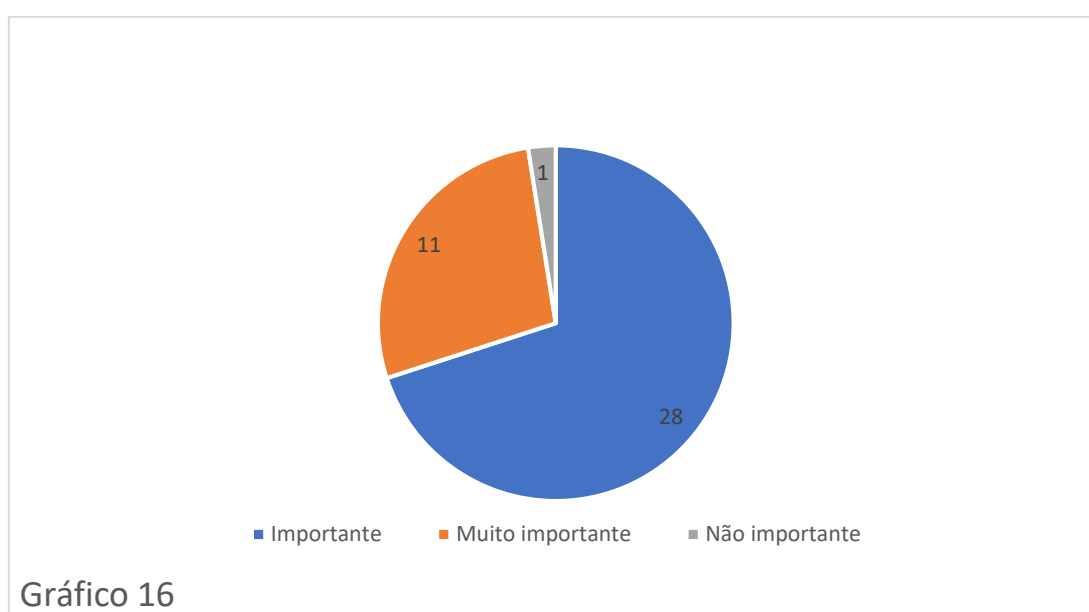
Uma outra abordagem refere a oferta formativa em que 3 inquiridos se sentem incentivados pela originalidade e inovação destas acções de formação, 2 por necessidades pessoais/laborais e 1 admite que se sente motivado em participar pelo painel de oradores.



Pergunta n º14 - De que forma considera importante a formação nesta área para o desempenho das suas funções?

Nesta questão responderam 37 inquiridos, e 10 não o fizeram. Como era uma pergunta aberta foi necessário fazer-se a análise ao conteúdo das diversas considerações referidas por cada inquirido pois há referencias há importância da formação por questões profissionais, tal como a necessidade de desenvolver o seu trabalho ou ajudar a pessoa no processo de interação social e inclusão. Desta análise (gráfico 16) encontram-se três categorias, sendo a que contemplou mais unidades de registo foi “Importante” com 28 inquiridos. 11 profissionais consideram “muito importante” a formação na área da comunicação e apenas 1 inquirido respondeu “não importante”.

Relacionando estes dados com os alcançados da análise à questão anterior e os obtidos a questão nº 13, vemos que há uma ligação nas respostas, uma vez que os 36 inquiridos demonstraram objectivos essenciais para participar nas formações, sendo comprovado realmente a importância de interagir com a pessoa para poder alcançar com mais facilidade aos vários objectivos propostos e proporcionar mais qualidade de vida ao individuo, mas essencialmente dotar o profissional de novas competências para agir em conformidade com alguém com problemas severos na fala. A importância dada pelos profissionais às ações de formação, são demonstrados no gráfico 16.



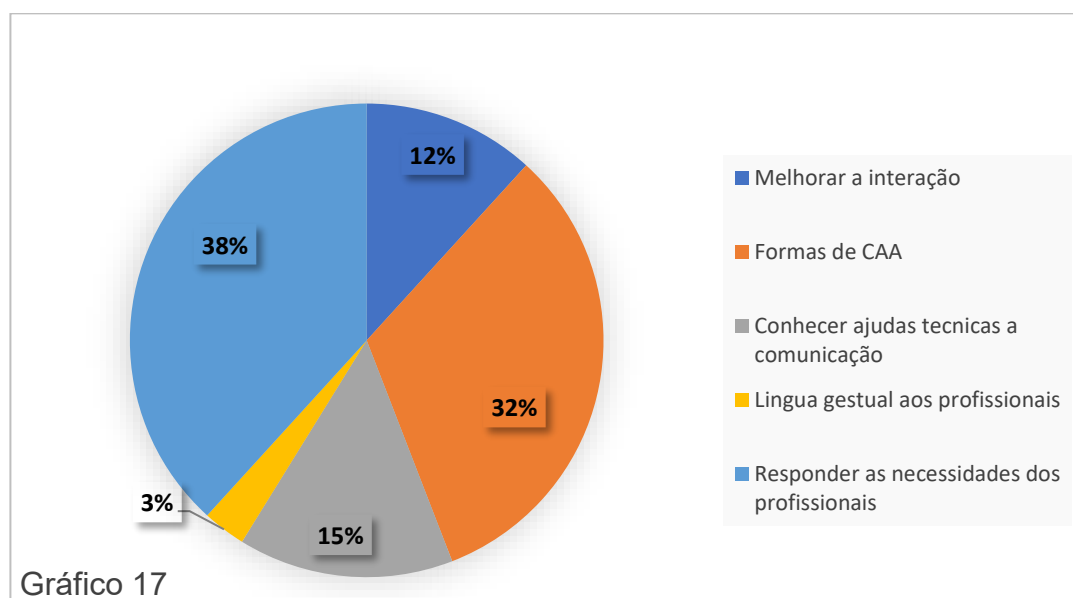
Pergunta n º15 - Que objectivos deve ter uma formação direccionada especificamente para a comunicação?

Nesta questão não responderam 14 (24,56%) inquiridos, no entanto participaram 33 profissionais, cujas respostas são abertas e com diversos objectivos referidos por cada inquirido pelo que foi necessário fazer-se a análise ao conteúdo das questões. Desta análise (gráfico 17) encontram-se cinco categorias, sendo a que contemplou mais unidades de registo o “responder às necessidades dos profissionais” (13) com uma percentagem de 38%.

Um dos outros objectivos mais mencionados prendeu-se com o conhecimento de formas de Comunicação Aumentativa e Alternativa -12- (32%), sendo um dos indicadores referentes a LGP. Outro objectivo focado diz respeito às ajudas técnicas, com 5 indicadores (15%). Também foram focadas as estratégias para melhorar a interação, em 4 unidades de registo (12%).

É de salientar que grande parte das respostas mencionam que os objectivos da formação devem de ser exequíveis no contexto laboral, como testemunha o seguinte trecho

” Dotar os professores de informação e ferramentas essenciais para poderem trabalhar da melhor forma possível com crianças/jovens portadores das dificuldades de comunicação mais comuns.”

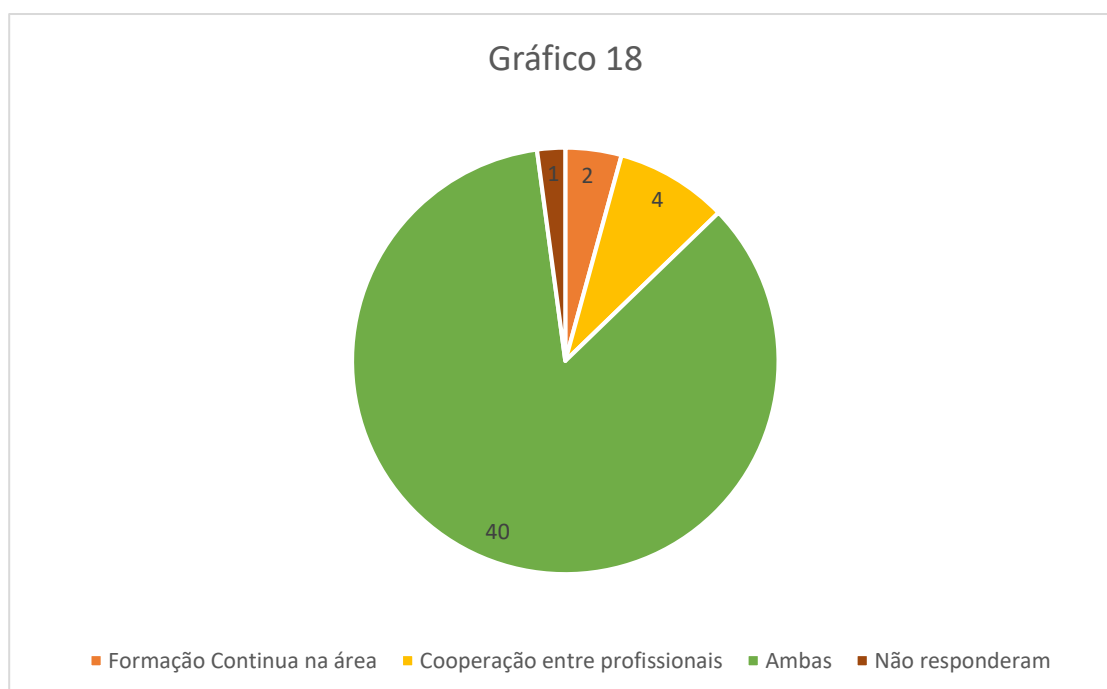


Pergunta n º16 – O que considera mais importante?

A esta pergunta participaram 46 inquiridos. A cooperação entre profissionais é relevante para 4 inquiridos e 2 consideram mais importante a Formação continua na área. A grande maioria -40- consideram ambas as opções importantes.

É de salientar a relação entre os dados obtidos na questão 8 (que mostra que 38% dos profissionais tiveram orientação para comunicar com pessoas com problemas de fala severos) e os obtidos na questão 16 que mostram que o mais importante é a formação continua e cooperação entre os profissionais. Estas são o desejável que aconteça no seu local de trabalho.

Há uma preocupação destes profissionais em melhorar a sua qualidade, ao mesmo tempo que ajudam de forma mais satisfatória pessoas com dificuldades severas de comunicação.



2 - Entrevista aplicada a Terapeuta e sua relação com dados dos inquiridos

Esta parte refere-se à apresentação e a análise das respostas obtidas na entrevista a uma Terapeuta que teve a necessidade de conhecer formas de comunicar com os seus utentes para melhor os poder apoiar, acabando por os iniciar em códigos aumentativos de comunicação. Mais tarde teve a necessidade de oferecer formação aos profissionais seus colegas, por estes não conseguiam entender os utentes e a sua nova forma de comunicar.

Como se pode ver no apêndice 6, a Terapeuta frequentou diversas ações de formação relacionadas com a comunicação e tecnologias a ela associadas antes do início de funções e durante as mesmas, o que está em concordância com os dados da pergunta nº9, cujos profissionais indicam terem várias ofertas de formação (gráfico 10). Contudo está discordante com 40% dos inquiridos que mencionarem não ter formação relacionada com a comunicação durante as suas funções laborais

Esta técnica refere o início da sua interação com os utentes como extremamente desafiante e por vezes muito difícil, principalmente com utentes com Paralisia Cerebral com comprometimento motor grave. No caso dos utentes surdos e com deficits cognitivos, foi mais fácil após a formação pessoal em LGP

Relacionando a sua resposta com os dados obtidos em resposta à pergunta nº6, a interação desta profissional vai ao encontro do segundo grupo com mais respostas (13 inquiridos), - uma interação difícil- como testemunham alguns dos inquiridos

“Alguma dificuldade, por vezes, em perceber o que querem transmitir” e

“Difícil no início. Mas tende a melhorar com o tempo. Facilitando o processo de ensino aprendizagem”,

ou ainda outro inquirido que afirma ser

“(…) difícil. Visto que, nem profissionais nem utentes dominam a língua gestual.”

Essas dificuldades sentidas incentivou a terapeuta a iniciar um projeto de apoio à comunicação de pessoas adultas, institucionalizadas, com problemas severos de fala uma vez que considera a comunicação vital ao longo do ciclo de vida. A importância dada à comunicação vai ao encontro dos resultados da pergunta nº11, ao qual a maioria -11- dos profissionais afirmam que conhecer novas formas de comunicar pode facilitar “melhor interação com a pessoa” o que

é ilustrado pelo trecho de uma das respostas “Maior envolvimento na interação entre utente/aluno/profissional. Maior qualidade durante a intervenção e, consequentemente, melhor desempenho ocupacional e maior satisfação durante a realização das tarefas planificadas para cada aluno/cliente/ou utente.”

Outro profissional diz-nos ser uma “Possibilidade de se implementar novas formas de comunicação que permitam a inclusão de pessoas com problemas ao nível da fala”.

E ainda outro: “É essencial na minha carreira como docente, a trabalhar com utentes com dificuldades na fala, de modo a compreendê-los melhor”

“...assim melhoramos todos os dias a qualidade de vida dos nossos utentes”.

Enquanto que a terapeuta nos afirma que os utentes se mostraram contentes com o projeto e até gratos, os dados acima expostos revelam-nos que nem sempre a pessoa ou familiares aceita(m) a comunicação aumentativa por dificuldade em aceitar a diferença:

“A não aceitação, por parte do cliente ou da família, à comunicação alternativa, sendo que muitas vezes deve-se à estética ou à esperança dos pais/encarregados de educação de que o seu filho/educando perderá os problemas de fala no futuro e que se utilizar uma comunicação alternativa este irá perder as capacidades para o atingir.”

Concordantes com os dados do inquérito é a afirmação de que os intervenientes no projeto, sobretudo os que aprenderam Língua Gestual Portuguesa manifestaram “maior interesse e necessidade de intervir ativamente quer nas atividades na instituição quer nas relações com os seus pares, profissionais e família.

A justificação para o facto do projeto de formação ser estendido a todos os atores da Instituição foi a “comunicação não ser unilateral nem dever ser realizada apenas em ambientes protegidos. Para ser efetiva e funcional deve ser utilizada em todos os contextos.” Por ser um projeto valorizado por todos apesar de ter saído da Instituição, a comunicação alternativa continua a ser uma prática de todos os dias.

3 - Discussão geral dos resultados

Após os dados recolhidos através dos inquéritos por questionários online e o do confronto das respostas dos profissionais com o testemunho da entrevistada, pretendemos dar resposta aos objectivos deste estudo, bem como às hipóteses levantadas.

Sobre o primeiro objetivo deste estudo - identificar a formação dos profissionais que interagem com pessoas com dificuldades severas de fala – podemos afirmar que a maioria dos profissionais (21) tem formação inicial na área da Educação, e 18 possuem uma especialização em Educação Especial. Numa visão educacional, podemos verificar que ainda assim uma formação especializada em Educação é a que tem mais relevo, uma vez que, além das 18 especializações em Educação Especial, podemos acrescentar 1 especialização em música, 2 em Educação Visual e Tecnológica e 1 em Língua Gestual Portuguesa, totalizando 22 especializações. É de notar que 9 dos profissionais tiveram formação inicial que não em educação e mais tarde especializaram-se em áreas educativas, o que nos leva a referir o valor dado pelos profissionais a esta área (apêndice 7). Podemos acrescentar ainda que, a formação em CAA e LGP tem o maior número de pessoas que participaram numa formação que possibilitasse compreender e interagir com a pessoa com dificuldades severas na fala.

Um outro objectivo deste estudo - identificar as diferentes formas de interação dos profissionais em estudo com pessoas com fala ininteligível é respondido com os dados que mostram que são usadas pelos menos 9 formas diferentes de interagir com a pessoa – **escrita, gestos sociais, mímica, língua gestual portuguesa, leitura labial, tom de voz, sistemas aumentativos de comunicação, imagens, fala pausada.**

Uma vez que os profissionais que responderam a pergunta nº6 dizem utilizar pelo menos duas formas de interação, tendo em conta o número de inquiridos que participaram no inquérito online, deduz-se que à partida, apenas 12 dos 47 profissionais poderiam ter o conhecimento de diferentes formas para interagir com a pessoa. Para fundamentar este pensamento (gráfico 8), podemos

verificar que grande parte dos profissionais adapta o seu vocabulário ao nível de compreensão da pessoa e utiliza mais gestos sociais para comunicar, levando-nos a perguntar: Será que há uma tentativa de replicar a forma como outros profissionais interagem com essa pessoa? Será que estão a promover o conhecimento da criança/jovem que apoiam?

Referente ao terceiro objectivo delineado - conhecer a percepção dos profissionais sobre o tipo de formação necessária para interagir adequadamente com utentes com problemas severos de comunicação – constatámos que a grande maioria -40- dos participantes considera que uma formação contínua na área, aliada à cooperação entre colegas, seria a ideal porque as estratégias para comunicar divergem de pessoa para pessoa e os materiais utilizados para uns não servem para outros, surgindo sempre dúvidas.

Pensamos que os respondentes se referissem a uma supervisão da sua prática quando nomeiam este tipo de “formação contínua”, uma vez que grande parte das respostas mencionam que os objetivos da formação devem de ser exequíveis no contexto laboral, como testemunha o seguinte trecho

” Dotar os professores de informação e ferramentas essenciais para poderem trabalhar da melhor forma possível com crianças/jovens portadores das dificuldades de comunicação mais comuns.”

Os dados mostram-nos que há uma preocupação destes profissionais em melhorar a qualidade da sua intervenção, ao mesmo tempo que ajudam de forma mais satisfatória pessoas com dificuldades severas de comunicação.

Quando relacionamos a percepção destes profissionais sobre a melhor formação com os dados do gráfico 10, em que 40% dos 41 profissionais não conheceram qualquer oferta de formação quando iniciaram funções em que contactavam com crianças/jovens com problemas severos de fala, e que 24% dos inquiridos não tiveram orientações para interagir com a pessoa em contexto de trabalho (gráfico 9) volta a questão – Se a grande maioria dos profissionais são da área da educação, que tipo de comunicação consistente é a esperada para promover o conhecimento, transmitir a cultura e tornar a pessoa um elemento participativo na sociedade??

Com base nos dados apresentados somos levados a pensar que quando o jovem apresenta dificuldades severas de comunicação ainda é o modelo medico-assistencialista que está subjacente à organização Institucional, o que leva a que estas descurem a oferta formativa e os recursos na área da comunicação aumentativa. Queremos acreditar que estudos sobre estratégias de atuação com pessoas com dificuldades severas na fala, facilitam mudanças nas Instituições visando a educação inclusiva.

Os dados recolhidos também nos permitem responder às hipóteses traçadas.

H1- Os profissionais com formação em Comunicação Aumentativa e Alternativa compreendem a pessoa com problemas severos na fala e promovem a sua autonomia?

H2 – A experiência dos profissionais facilita a interação com a pessoas com problemas severos de fala e escusa a formação?

H3- Os profissionais com formação em Educação Especial conhecem as medidas para colmatar “dificuldades acentuadas e persistentes ao nível da comunicação, interação, cognição ou aprendizagem de apoio à aprendizagem e à inclusão”?

Os dados do gráfico nº12 respondem à primeira hipótese uma vez que pela leitura do gráfico é possível verificar que a formação facilitou a interação com a pessoa com dificuldades severas de comunicação, e facultou “ mais métodos para trabalhar”, logo podemos afirmar que os profissionais com formação em Comunicação aumentativa e alternativa compreendem a pessoa com dificuldades de fala a formação ajuda-os na promoção da sua autonomia.

Para responder à segunda hipótese suportamo-nos nos dados do gráfico 7 assim como nas respostas à entrevista. Os dados recolhidos mostram-nos que com experiência, os profissionais têm um melhor entendimento da expressão oral dos seus educandos, utilizam mais gestos sociais para comunicar e

adaptam o vocabulário à compreensão da pessoa. Também há a menção de que a experiência facilita a utilização da Comunicação Aumentativa e Alternativa.

Na terceira hipótese pretendia-se verificar o conhecimento dos profissionais com formação em Educação Especial nas medidas para colmatar “dificuldades acentuadas e persistentes ao nível da comunicação, interação, cognição ou aprendizagem de apoio à aprendizagem e à inclusão” (DRE, 2018, p.2921).

Os dados recolhidos levam-nos a crer que são poucos os profissionais que, de facto conhecem medidas para colmatar as dificuldades ao nível da comunicação do indivíduo. Isto pode dever-se à pouca procura de formação, bem como pouca intervenção com pessoas com este dito de dificuldades. Os resultados apresentados mostram-nos a necessidade da colaboração entre os diferentes atores educativos colaboração esse suportado por formação em exercício com supervisão.

Conclusão

A autonomia da pessoa, bem como a sua inclusão social e familiar, têm hoje um maior destaque na comunidade escolar e institucional, graças a equipas de profissionais que são formadas e que trabalham para a pessoa, ajudando-a a superar as suas dificuldades. Cabe a estes profissionais reunir as condições necessárias para conceder uma resposta educativa com qualidade e adequada às reais necessidades da pessoa.

No entanto, para que as respostas surjam, é preciso haver interação entre o profissional e a pessoa, tornando a comunicação primordial de modo a ser desenvolvida não apenas para a pessoa com problemas severos na fala, mas também para os profissionais que lidam e enfrentam esta problemática. Ao criar mudanças em prol da inclusão, cria-se necessidades de formação dos profissionais quer a nível inicial ou em formação contínua. De igual modo as famílias precisam de ser orientadas de forma a responder e lidar com as exigências impostas pelas dificuldades de comunicação. Ao mudar atitudes e mentalidades acredita-se que se promove a autonomia da pessoa com dificuldades severas de comunicação e que a inclusão educativa e social será uma realidade.

Neste estudo conseguiu-se, com os dados recolhidos na entrevista e nos inquéritos, verificar que os profissionais em geral apresentam uma boa interação com a pessoa, embora de forma intuitiva, procurando dar respostas adaptadas à compreensão da pessoa, ao invés de oferecer interações mais desafiantes. No entanto, podemos constatar que os profissionais demonstram um claro interesse na formação relacionada com a comunicação, uma vez que é fácil encontrar uma pessoa com problemas severos de fala nos seus locais de trabalho. Este interesse resulta da necessidade de oferecer à pessoa um melhor serviço, como forma a que a mesma consiga alcançar com mais facilidade a sua autonomia pessoal. Contudo para promover a autonomia principalmente social, as formações precisam de ser realistas e praticáveis no local de trabalho e não apenas teóricas.

Particularmente sobre os dados recolhidos na entrevista, esta demonstra um trabalho que foi inicialmente dirigido aos utentes, cujo objetivo era apoiar a

comunicação da pessoa. Mas tal apoio não fazia sentido sem que os profissionais tivessem os conhecimentos necessários para compreender a nova forma de comunicar da pessoa.

É importante referir que este estudo foi realizado para conhecer a percepção dos profissionais quanto à importância de uma formação que lhes permitisse compreender e promover a inclusão social e autonomia de pessoas com fala ininteligível. Para além de termos compreendido a importância da formação na prática dos profissionais, deu-nos de igual modo a possibilidade de conhecer o impacto da comunicação no local de trabalho e como este pode ajudar a gerar melhores respostas à pessoa com dificuldades severas em comunicar.

É necessário referir que este estudo sofreu algumas mudanças e teve algumas limitações que influenciaram o rumo desta investigação. Inicialmente o objecto de estudo estava dirigido as pessoas institucionalizadas no CAO, mas pela incerteza do encerramento dos CAO e da abertura de um novo espaço, direccionamos este estudo aos profissionais que lidam com as pessoas com problemas severos na fala. A razão pela qual tivemos de mudar o objecto de estudo reside na mudança dos utentes para outro espaço, algo que iria influenciar a recolha de dados, bem como os resultados desta investigação. Como era pretendido continuar este trabalho na mesma região, existiram muitas exigências burocráticas e alguns impedimentos na recolha de alguns dados, nomeadamente observação e entrevistas a dois utentes do CAO, que nos incentivaram, novamente, a um outro rumo. Desta vez alargamos a nossa investigação procurando contactar profissionais a nível nacional, que com o pouco tempo disponível, foi necessário recorrer a inquéritos online. Ferramenta esta que tornou o processo de recolha de dados simples e rápida.

Certamente que encontraríamos informação muito rica, se tivéssemos ultrapassado toda a burocracia exigida, usando ferramentas para obter mais dados ou realizar mais entrevistas, mas a recolha de dados iniciou-se quase no final de ano lectivo e face às razões acima citadas, não foi possível fazê-lo.

Para terminar, seria pertinente realizar-se uma investigação idêntica, mas que fosse direccionada aos alunos ou pessoas institucionalizadas e suas famílias para conhecer a contribuição e o impacto que as dificuldades em comunicar têm sobre estas pessoas.

Referências Bibliográficas

ARASAAC, (2014) *Manual de AraWord 1.0.5* Editora: Gobierno de Aragón.

Disponível em

http://www.arasaac.org/descargar.php?d=zona_descargas/software/2/Manual_AraWord_PT.pdf consultado em 02-05-2019

Andrada, G. (1989) *Risco Perinatal e Desenvolvimento da Linguagem na Criança*. Lisboa: APPC

Anica, G.M.B. (2009) *Comunicação aumentativa: estratégia para a inclusão*. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias Lisboa. (Dissertação de mestrado em educação especial)

Disponível em

<http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/1203/Dissertacao.pdf?sequence=1> consultado em 02-05-2019

Amado, J. (Coord.) (2013). *Manual de investigação qualitativa em educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Altenfelder, A. H. (2005) Desafios e tendências em formação continuada. *Construção psicopedagógica*, 13(10)

Disponível em

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542005000100004

Almeida, A. (2014) *Processos de comunicação e linguagem numa criança com atraso de desenvolvimento da linguagem* Editora: Universidade de Aveiro

Disponível em

<https://ria.ua.pt/bitstream/10773/14367/1/Processos%20de%20comunica%c3%a7%c3%a3o%20e%20linguagem%20numa%20crian%c3%a7a%20com%20atraso%20de%20desenvolvimento%20da%20linguagem.pdf>

ASHA - American Speech-Language-Hearing Association (1993). *Definitions of communication disorders and variations*.

Disponível em <https://www.asha.org/policy/> consultado em 02-05-2019

Augusto, C.A.; Souza, J.P.; Dellagnelo, E.H.L. & Cario, S.A.F. (2013) Pesquisa Qualitativa: rigor metodológico no tratamento da teoria dos custos de transação em artigos apresentados nos congressos da Sober (2007-2011). *Revista de Economia e Sociologia Rural*, 51(4), 745-764.

Disponível em <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-20032013000400007> consultado em 10-05-2019

Azevedo, L; Encarnação, P.; Londral, A. R. (2015) *Tecnologias de apoio para pessoas com deficiência*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação e Ciência. Disponível em <http://www.acessibilidade.gov.pt/livros/tapd/html/indice.html> consultado em 02-05-2019

Bellacasa, R.P. (1988). Recursos Y Organización en la Comunicación No-vocal. In: Basil, C. e Bellacasa, R.P. (eds) . "Comunicación Aumentativa". Madrid: Inserto

Borges, L.C. & Salomão, N.M.R. (2003). Aquisição da linguagem: considerações da perspectiva da interação social. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(2), 327-336.

Disponível em <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722003000200013> consultado em 10-05-2019

Borges Martins, O. & Falcade Maschio, E.C. (2014) As tecnologias digitais na escola e a formação docente: representações, apropriações e práticas. *Revista Actualidades Investigativas em Educación* Vol.14, n.3 Disponível em

<https://revistas.ucr.ac.cr/index.php/aie/article/view/16088/15536> consultado em 02-05-2019

Brancalioni, A.R.; Moreno, A.C.; Souza, A.P.R & Cesa, C.C. (2011) Dialogismo e comunicação aumentativa alternativa em um caso. *Revista CEFAC*, 13(2), 377-384. Disponível em <https://dx.doi.org/10.1590/S1516-18462010005000068>

Burger, E.R. (2015) Formação em serviço do pessoal não docente proposta no Projeto Político Pedagógico de creches municipais. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. (Dissertação de mestrado)

Disponível em <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/9829> consultado em 10-05-2019

Castro, A.B.B.; Maya, C.K.A.O. (2018), *Interface de aplicativos móveis: design de telas com foco em público estudantil jovem*. CIET:EnPED

Disponível em

<http://cietenped.ufscar.br/submissao/index.php/2018/article/download/267/537/>

consultado em 10-05-2019

Campina, A.L.P. (2016) *Sonhar planejar e concretizar: introdução da comunicação aumentativa e alternativa através dos símbolos pictográficos de comunicação* ESEC Coimbra. (Dissertação de mestrado)

Disponível em <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/14322> consultado em 10-04-2019

Camargo, E.P. (2012) *Saberes docentes para a inclusão do aluno com deficiência visual em aulas de física* [online]. São Paulo: Editora UNESP.

Disponível em <http://books.scielo.org/id/zq8t6> consultado em 10-04-2019

Campos, S. & Martins, R. (2012). A Inteligência Emocional em Professores de Educação Especial da Região de Viseu. *Millenium*, 43 (junho/dezembro). Pp. 7-28.

Disponível em <http://repositorio.ipv.pt/handle/10400.19/2216> consultado em 10-04-2019

Cândido, F.R. (2015) *Tecnologias assistivas e inclusão escolar: o uso do software GRID2 no atendimento educacional especializado a estudante com autismo em escola pública do Distrito Federal Brasília*, Universidade de Brasília. (Dissertação de mestrado)

Disponível em

<http://repositorio.unb.br/handle/10482/18801> consultado em 02-04-2019

Chagas, L.M.P (2017) *Desenvolvimento de uma tecnologia de apoio para alunos com necessidades educativas especiais – MYM – Eu consigo!* ESECS Portalegre. (Dissertação de mestrado)

Disponível em

https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/18304/1/MyM_Eu_Consigo_Laura_Chagas_final.pdf consultado em 02-04-2019

Cunha, M.M.C (2013) *Aprender a ser pais felizes com um filho com deficiência mental* MCE Paula Frassinetti. (Dissertação de mestrado)

Disponível em http://repositorio.esepf.pt/bitstream/20.500.11796/1271/1/TM-ESEPF-EE_2013_TM-ESEPF-EE35.pdf consultado em 02-04-2019

DGE /Ministério da Educação/ Direção-Geral da Educação. (2018) *Para uma Educação Inclusiva: Manual de Apoio à Prática*. Editorial do Ministério da Educação. Disponível em

https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EEspecial/manual_de_apoio_a_pratica.pdf consultado em 02-07-2019

DRE (2018) *Diário da República n.º 129/2018*, Série I de 2018-07-06. Decreto Lei nº 6/2008/M de 6 de julho.

Disponível em

<https://dre.pt/application/conteudo/115652962> consultado em 02-07-2019

DRE (2018) *Diário da República n.º 129/2018*, Série I de 2018-07-06. Decreto-Lei n.º 54/2018. Acessível em: <https://dre.pt/pesquisa/-/search/115652961/details/maximized> consultado em 02-07-2019

DRE (2018) *Diário da República n.º 37/2018*, Série I de 2018-02-07. Resolução da Assembleia da República nº 37/2018.

Disponível em

<https://dre.pt/application/conteudo/114641048> consultado em 02-07-2019

Duarte, R. (2004). *Entrevistas em pesquisas qualitativas*. Educar em Revista, (24), 213-225. <https://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.357> consultado em 14-07-2019

FAP (2019). Fundação Altice Portugal.

Disponível em

<https://fundacao.telecom.pt/Site/Pagina.aspx?PagId=1984> consultado em 14-07-2019

Espote, R.; Serralha, C.A. & Scorsolini-Comin, F. (2013). Inclusão de surdos: revisão integrativa da literatura científica. *Psico-USF*, 18(1), 77-88. Acessível em <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-82712013000100009> consultado em 14-03-2019

Faria, L.; Rurato, P. & Santos, N.L. (2000). Papel do auto-conceito de competência cognitiva e da auto-aprendizagem no contexto sócio-laboral. *Análise Psicológica*, vol.18, n.2, 203-219.

Disponível em

http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0870-82312000000200006&lng=es&nrm=iso consultado em 14-03-2019

Fernandes, M.A.L. (2016) *As capacidades da inteligência emocional em professores de Educação Física: um estudo nos Concelhos de Oliveira de Azeméis, São João da Madeira e Vale de Cambra*. (Dissertação de mestrado) Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Disponível em

https://repositorio.utad.pt/bitstream/10348/6247/1/msc_malfernandes.pdf

consultado em 14-03-2019

Fernández Martín, F.; Arce Calvo, M. T. & Moreno Molina, J. A. (2014). Escuchemos el lenguaje del niño: normalidad versus signos de alerta. *Pediatría Atención Primaria*, 16(Supl. 23), 101-110.

Disponível em

<https://dx.doi.org/10.4321/S1139-76322014000200014> consultado em 14-03-2019

Ferreira, S.F. (2014) *Aconselhamento de produtos de apoio para alunos com NEE: levantamento das estratégias e modelos utilizados pelos CRTIC*. Universidade de Aveiro. Tese de Doutoramento.

Disponível em <https://ria.ua.pt/handle/10773/15867> consultado em 14-03-2019

Ferreira, V. S. (2014). Artes e manhas da entrevista compreensiva. *Saúde e Sociedade*, 23(3), 979-992.

Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v23n3/0104-1290-sausoc-23-3-0979.pdf> consultado em 14-03-2019

Figueiredo, C. (1981) *Dicionário de língua portuguesa* (vol.1) Lisboa: Bertrand

Follin-Arbelet, A.S.M. (2017) *Perceção dos profissionais acerca do uso da comunicação aumentativa e alternativa com crianças com patologia neuromotora*. Universidade Fernando Pessoa (Projeto de Graduação)

Freitas, A (2012). *Formação Contínua de professores para a Educação Especial: Desafios e Perspectivas*. Revista da UNIFEBE

Disponível em

<https://periodicos.unifebe.edu.br/index.php/revistaeletronicadaunifebe/article/view/198> consultado em 22-06-2019

Freixo, A.R.G (2013) *A importância da comunicação aumentativa/alternativa em alunos com paralisia cerebral no 1º ciclo do ensino básico*. Dissertação de mestrado. ESEJD - Escola Superior de Educação João de Deus.

Disponível em

<https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/4575> consultado em 22-06-2019

Galli, J. F. M.; Oliveira, J. P. de & Deliberato, D. (2009). Introdução da comunicação suplementar e alternativa na terapia com afásicos. *Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*, 14(3), 402-410.

Disponível em

<https://dx.doi.org/10.1590/S1516-80342009000300018> consultado em 22-06-2019

Girão, J.M.M (2014) *Plataforma de inquéritos online*. Instituto Politécnico de Coimbra (Estágio/Projecto Industrial)

Disponível em <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/12998/1/Joao-Miguel-Girao.pdf> consultado em 22-06-2019

Gonçalo, S. & Barros, N.F. (2014). Entrevistas telefônicas na pesquisa qualitativa em saúde. *Saúde & Transformação Social*, 5(1), 22-26.

Disponível em

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-70852014000100005&lng=pt&tlng=pt. consultado em 25-07-2019

Júnior, A.F.B.; Júnior, N.F.J.. (2011) A utilização da técnica da entrevista em trabalhos científicos. Araxá: Revista Evidência: 237-250

Disponível em

https://www.academia.edu/25703641/A_utiliza%C3%A7%C3%A3o_da_t%C3%A9cnica_da_entrevista_em_trabalhos_cient%C3%ADficos consultado em 25-07-2019

Lara, M.L.G (2004). Diferenças conceituais sobre termos e definições e implicações na organização da linguagem documentária. *Ciência da Informação*, 33(2), 91-96

Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ci/v33n2/a09v33n2.pdf> consultado em 21-07-2019

Lepe-Martínez, N.; Pérez-Salas, Claudia P.; Rojas-Barahona, Cristian A. & Ramos-Galarza, C. (2018). Funciones ejecutivas en niños con trastorno del lenguaje: algunos antecedentes desde la neuropsicología. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 36(2), 389-403

Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/apl/v36n2/1794-4724-apl-36-02-00389.pdf> consultado em 21-07-2019

Lima, M.S.C.B.M. (2015) *Comunicação alternativa e ampliada (CAA) na perspectiva da educação inclusiva de deficientes intelectuais: uma abordagem da teoria histórico cultural (THC)*. Revista LABOR, Fortaleza, v. 1, n. 13, p. 28-45.

Disponível em

http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/23496/1/2015_art_mscbmlima.pdf

consultado em 21-04-2019

Lote, A.C.A. (2016) *Promoção da comunicação através do sistema aumentativo e alternativo de comunicação SPC*. ESEC Coimbra. Dissertação de mestrado em educação especial

Disponível em <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/18013> consultado em 21-04-2019

Lopes, N.L.V.; Gracitelli, C.P.B. & Moura, C.R. (2018). Creation of a childhood glaucoma registry database. *Arquivos Brasileiros de Oftalmologia*, 81(4), 271-275. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/abo/v81n4/0004-2749-abo-81-04-0271.pdf> consultado em 21-04-2019

Magalhães, S. (2014). *A escola e as necessidades das famílias com paralisia cerebral e distúrbios comunicacionais associados*. Dissertação de Mestrado. Universidade Portucalense, Portugal.

Disponível em <http://hdl.handle.net/11328/1064> consultado em 21-04-2019

Mendes, T. (2013) *Perturbações da comunicação: potencialidades de um modelo pedagógico* Editora: Universidade de Aveiro

Disponível em <https://ria.ua.pt/handle/10773/12458> consultado em 16-07-2019

Ministério da Educação (2017). *Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória*. Disponível em https://dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf consultado em 16-07-2019

Mirão, L.M.G. (2012) *Pessoal não docente: um estudo desenvolvido em dois Agrupamentos de Escolas sobre os Assistentes operacionais*. Instituto Politécnico de Portalegre. Dissertação de mestrado
Disponível em <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/3792> consultado em 16-07-2019

Moran Alvarado, M. R.; Vera Miranda, L.Y. & Morán Franco, M.R. (2017). Los Trastornos del lenguaje e las necesidades educativas especiales: Consideraciones para la atencion en la escuela. *Revista Universidad y Sociedad*, vol. 9, N.3, 191-197.
Disponível em http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2218-36202017000300030&lng=es&tlng=es consultado em 16-07-2019

Pedro, K.M & Chacon, M.C.M (2013). Softwares educativos para alunos com Deficiência Intelectual: estratégias utilizadas. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 19(2), 195-210.
Disponível em <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-65382013000200005> consultado em 16-07-2019

Petroni, N.N.; Boueri, L.Z. & Lourenço, G.F. (2018). Introdução ao uso do Tablet para Comunicação Alternativa por uma Jovem com Paralisia Cerebral. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 24(3), 327-342.
Disponível em <https://dx.doi.org/10.1590/s1413-65382418000300002> consultado em 16-07-2019

Pereira, J. (2016) *A comunicação aumentativa e alternativa enquanto fator de inclusão de alunos com necessidades educativas especiais*. Dissertação de mestrado. ESEJD - Escola Superior de Educação João de Deus.

Disponível em

<https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/14218> consultado em 13-03-2019

Piana, M.C. (2009) *A construção do perfil do assistente social no cenário educacional* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica

Disponível em <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/109127> consultado em 13-05-2019

Pinheiro, P.A.L. & Gomes, M.J. (2013) As TIC na comunicação aumentativa e alternativa. *In Atas do XII Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia* (pp. 5954-5962). Braga: Universidade do Minho. Centro de Investigação em Educação (CIEd)

Disponível em

https://www.academia.edu/5273476/AS_TIC_NA_COMUNICA%C3%87%C3%83O_AUMENTATIVA_E_ALTERNATIVA consultado em 13-03-2019

Quivy, R. & Campenhoudt, L. (2008). *Manual de investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

Rodrigues, D. (2009) *O que motiva os adultos a regressarem à escola: um estudo sobre um curso extra-escolar numa escola pública*. Lisboa, Universidade de Lisboa. Dissertação de mestrado.

Disponível em

<https://repositorio.ul.pt/handle/10451/3615> consultado em 16-07-2019

Rodrigues, D. & Lima-Rodrigues, L. (2011). Formação de professores e inclusão: como se reformam os reformadores. *Educar em Revista*, (41), 41-60.

Disponível em

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602011000300004&script=sci_abstract&lng=pt consultado em 16-07-2019

Rodriguero, C.R.B. (2000). O desenvolvimento da linguagem e a educação do surdo. *Psicologia em Estudo*, 5(2), 99-116.

Disponível em

<https://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722000000200008> consultado em 16-07-2019

Romão, A.S.F. (2016) *Avaliação da capacidade de perceber, expressar e valorizar emoções nas crianças em idade pré-escolar* Universidade da Madeira. Dissertação de mestrado

Disponível em

<https://digituma.uma.pt/bitstream/10400.13/1253/1/MestradoSofiaRom%c3%a3o.pdf> consultado em 16-07-2019

Roque, P.R.L (2012) *Percursos formativos ao longo da vida: Três percursos, três histórias de vida* ISEC – Tese de Mestrado. Acessível em:

<https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/8762/1/Disserta%c3%a7%c3%a3o-%20Piedade%20Roque.pdf> consultado em 16-05-2019

Simões, A. & Gomes, A.P. (2007) *A Música e a Criança com Distúrbios de Comunicação e Linguagem*. Cadernos de Estudo. Porto: ESE de Paula Frassinetti. nº 5, p.127-141

Disponível em <http://repositorio.esepf.pt/handle/20.500.11796/896> consultado em 16-07-2019

Simões, F.; Rodrigues, L.; Esgalhado, G.; & Guimarães, C. (2008) Desenvolvimento do auto-conceito pela tutoria pedagógica por crianças do primeiro ciclo. *Revista Psicologia Escolar e Educacional*, 12(2), 327-336. Disponível em

<https://dx.doi.org/10.1590/S1413-85572008000200004> consultado em 15-06-2019

Silva, A.M.C. (2000). A formação contínua de professores: uma reflexão sobre as práticas e as práticas de reflexão em formação. *Educação & Sociedade*, 21(72), 89-109.

Disponível em

<https://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302000000300006> consultado em 16-07-2019

Soares, D.M.C (2017) *O papel das artes plásticas no desenvolvimento da inteligência emocional em adolescentes*. (Dissertação de mestrado) Escola Superior de Educação de Lisboa

Disponível em

<https://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/8403/1/Tese%20Diogo%20Soares.pdf> consultado em 16-07-2019

Teixeira, F.R.; Mayr, L.R.; Paisana, A.V, & Vieira, F.D. (2014). Escolhas metodológicas em investigação científica: aplicação da abordagem de Saunders no estudo da influência da cultura na competitividade de clusters. *RISTI - Revista Ibérica de Sistemas e Tecnologias de Informação*, (spe2), 85-98.

Acessível em <https://dx.doi.org/10.17013/risti.n.85-98> consultado em 14-08-2019

UNESCO (1994). Declaração de Salamanca e Enquadramento da Acção na Área das Necessidades Educativas Especiais. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

Disponível em

[http://www.pnl2027.gov.pt/np4Admin/%7B\\$clientServletPath%7D/?newsId=1011&fileName=Declaracao_Salamanca.pdf](http://www.pnl2027.gov.pt/np4Admin/%7B$clientServletPath%7D/?newsId=1011&fileName=Declaracao_Salamanca.pdf) consultado em 16-03-2019

Vicente, S.; Ramos, A.; Teixeira, P.; Silva, S.; Moita, S.; Leão, T. & Castro, S. (2008). *O gato e o tigre: história infantil adaptada ao sistema pictográfico de comunicação (SPC)*. In Fernanda Leopoldina Viana, Marta Martins, & Eduarda Coquet, Actas do 6º encontro nacional/4º internacional em leitura, literatura infantil e ilustração. (pp. 219-226). Universidade do Minho

Disponível em <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/62430> consultado em 16-04-2019

Vicente, M. (2010) *Dos afectos à comunicação e à linguagem - estratégias de intervenção precoce*. Universidade da Beira Interior (Dissertação de mestrado)

Disponível em

<https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/3364/1/Disserta%c3%a7%c3%a3o.pdf> consultado em 19-05-2019

Apêndices

Apêndice 1 - Questionário online aos profissionais

Este Inquérito tem como finalidade conhecer a formação dos profissionais para interagirem com jovens com problemas severos de fala de modo a melhor os compreenderem e promoverem a sua autonomia e inclusão social.

***Obrigatório**

1.

Qual é a sua formação Inicial? *

2.

Possui formação especializada? Se sim, qual? *

3.

Quando iniciou funções na Educação Especial? *

4.

Que tipo de trabalhos já desempenhou além da sua actual função?

5.

Já trabalhou/trabalha com pessoas com problemas de fala graves?

Marcar apenas uma oval.

☐ Sim

☐ Não

6.

Como descreve a sua interacção com os utentes com problemas na fala?

7.

A experiência adquirida no decorrer do seu trabalho, facilita a interacção com as pessoas com problema de fala?

Marcar tudo o que for aplicável.

☐

Tem um melhor entendimento da expressão oral

☐

Utiliza mais gestos sociais para comunicar

☐

Adapta o vocabulário a compreensão da pessoa

☐

Utiliza Comunicação Aumentativa

8.

Que tipo de orientações (mesmo que informais) lhe foram fornecidas inicialmente para interagir com pessoas com esta problemática?

9.

No seu local de trabalho que ofertas de formação existiram/existem, relacionadas com a comunicação?

10.

Descreva a última formação em que participou, que lhe possibilitasse compreender e interagir melhor com pessoas com dificuldades severas de comunicação?

11. Que vantagens/desvantagens encontrou ao conhecer novas formas de comunicar com a pessoa com problemas severos na fala?

12. Sentiu dificuldades em usar estes novos conhecimentos? Se sim, descreva quais foram?

13. O que constitui para si os incentivos essenciais para participar em acções de formação em comunicação?

14. De que forma considera importante a formação nesta área para o desempenho das suas funções?

15. Que objectivos deve ter uma formação direccionada especificamente para a comunicação?

16. O que considera mais importante?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Formação continua na área
- ☐ Cooperação entre profissionais
- ☐ Ambas
- ☐ Outra: _____

GUIÃO DE ENTREVISTA (Terapeuta)

Tema: “Comunicar com o jovem com fala ininteligível: a importância da formação”

Objetivo geral: conhecer a formação dos profissionais, para interagirem com jovens com problemas severos de fala de modo a melhor os compreenderem e promoverem a sua autonomia e inclusão social.

Objetivos específicos:

- Identificar as diferentes formas de interação dos profissionais com pessoas com fala ininteligível.
- Conhecer a percepção dos profissionais sobre a melhor forma de comunicar com pessoas com fala ininteligível.
- Conhecer a percepção dos profissionais sobre o tipo de formação necessária para interagir adequadamente com utentes com problemas severos de comunicação.
- Analisar as necessidades formativas na área da comunicação aumentativa e alternativa, dos profissionais que atuam com jovens e adultos com problemas severos de comunicação, para melhor promoverem a sua e inclusão social.

Designação dos blocos	Objetivos específicos	Questões	Observações
<p>Bloco A.</p> <p>-Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado.</p>	<p>- Legitimar a entrevista;</p> <p>- Motivar o entrevistado</p>		<p>-Resumir o trabalho de pesquisa;</p> <p>-Salientar a importância do seu depoimento para a comunidade;</p> <p>-Frisar o carácter confidencial das informações;</p> <p>- Assegurar que o entrevistado compreendeu as informações dadas</p> <p>- Pedir autorização para gravar a entrevista</p> <p>- Agradecer a disponibilidade do entrevistado</p>

<p>Bloco B</p> <p>Perfil do Entrevistado</p>	<p>-Recolher dados para caracterizar pessoal e profissionalmente o entrevistado.</p>	<p>- Qual a sua idade?</p> <p>- Que formação inicial possui?</p> <p>- Quando iniciou funções na Educação especial?</p> <p>- Teve alguma formação relacionada com a comunicação e tecnologias associadas a mesma?</p> <p>- Antes ou depois de iniciar funções na Educação especial?</p>	<p>-Idade;</p> <p>-Formação inicial e contínua;</p> <p>-Tempo de serviço;</p> <p>-Experiência em Educação Especial;</p> <p>Saber a formação adquirida na área da Comunicação Aumentativa e Alternativa</p>
<p>Bloco C</p>	<p>Compreender o que motivou a Terapeuta em iniciar o apoio a uma comunicação mais</p>	<p>- Como era a sua interação com os utentes quando</p>	<p>- Frisar a relação com os utentes nos mais variados aspetos</p>

Perceção do profissional antes do apoio à Comunicação	interativa aos utentes e equipa técnica	enfrentou esta população pela primeira vez? - Como descreve a sua interação com utentes com problemas na fala quando os começou a conhecer? - Como é que se iniciou este processo de apoio a comunicação? - Porque apoiar estes utentes numa fase adulta?	- Descobrir se houve dificuldades sentidas entre o profissional e utentes - Conhecer as ferramentas ou conhecimentos para iniciar o apoio - Perceber se é para a inclusão na sociedade, facilitar o trabalho dos utentes, dos técnicos, etc...
Bloco D	Recolher opiniões sobre a fase de apoio à comunicação aos utentes pela Terapeuta	Como aceitaram os utentes este seu apoio à comunicação?	- Saber o interesse dos utentes e se estes participaram regularmente

<p>Perceção do profissional sobre a fase de apoio à Comunicação</p>	<p>Recolher dados sobre a fase de formação fornecida aos profissionais pela Terapeuta</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Que importância teve este apoio no seu trabalho, junto a estes utentes - O que viu mudar nas atitudes destes utentes, com o decorrer das sessões? - Quando sentiu que tinha de oferecer formação aos profissionais que intervinham com os utentes? - Dos vários elementos que trabalham na instituição, a quem se destinou essa formação? 	<ul style="list-style-type: none"> - Perceber se os utentes faziam-se entender dentro ou fora de sala. - Entender o que a motivou a oferecer formação à equipa técnica. - Saber quais elementos da equipa técnica receberam essa formação.
---	---	--	---

		<ul style="list-style-type: none"> - Como foi aceite esse apoio? - De que forma, na sua opinião, esse apoio à comunicação contribuiu para a melhoria das aprendizagens destes utentes? - Quanto tempo durou esse apoio? 	<ul style="list-style-type: none"> - Saber o interesse da equipe nesse tipo de apoio Perceber qual o contributo desse apoio, nas mais variadas áreas das atividades da vida diária e na socialização dos utentes, dentro e fora da sala e instituição
<p>Bloco E</p> <p>Perceção do profissional após terminado o apoio à Comunicação</p>	<p>Recolher opiniões sobre a fase após acabar o apoio à comunicação aos utentes e aos restantes profissionais</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Sabe se depois de ter saído da instituição, houve continuidade desse apoio aos utentes? 	<ul style="list-style-type: none"> - Saber se houve alguém que a substituiu - Saber se houve interesse pela equipa de profissionais em continuar a pôr em prática os conhecimentos adquiridos

		- E a equipa continuou a pôr em prática os conhecimentos adquiridos?	
<p>Bloco F</p> <p>Perceção do profissional sobre as necessidades da Instituição para promover competências comunicacionais e sociais</p>	<p>Conhecer a opinião da profissional sobre as necessidades da Instituição para promover competências comunicacionais e sociais</p>	<p>- No decorrer do seu desempenho profissional voltou a pôr em prática esse tipo de apoio?</p> <p>Na sua opinião, o que é necessário para haver mais apoio na comunicação em geral?</p> <p>- O que poderia sugerir para um profissional especializado iniciar o apoio à comunicação numa instituição?</p>	<p>- Perceber qual o impacto que teve este apoio no desenvolvimento profissional e pessoal</p> <p>- Perceber se falta profissionais especializados, materiais, instalações, etc</p> <p>- Saber o que poderia ser necessário conhecer para iniciar este apoio a comunicação. Ferramentas, conhecimentos, formações mais diversificadas.</p>

Bloco G	Agradecimentos	Agradeço a disponibilidade dispensada para a realização desta entrevista.	
Finalização da entrevista			

GUIÃO DE INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO AOS PROFISSIONAIS

Tema: “Comunicar com o jovem com fala ininteligível: a importância da formação”

Objetivo geral: conhecer a formação dos profissionais, para interagirem com jovens com problemas severos de fala de modo a melhor os compreenderem e promoverem a sua autonomia e inclusão social.

Objetivos específicos:

- Identificar as diferentes formas de interação dos profissionais em estudo com os utentes com fala ininteligível.
- Conhecer a percepção dos profissionais em estudo sobre a melhor forma de comunicar com pessoas com fala ininteligível.
- Conhecer a percepção dos profissionais sobre o tipo de formação necessária para interagir adequadamente com utentes com problemas severos de comunicação.
- Analisar as necessidades formativas na área da comunicação aumentativa e alternativa, dos profissionais que atuam com jovens e adultos com problemas severos de comunicação a frequentarem na sua instituição, para melhor promoverem a sua inclusão social

Designação dos blocos	Objetivos específicos	Questões	Observações
<p>Bloco A</p> <p>Perfil do profissional</p>	<p>-Recolher dados para caracterizar pessoal e profissionalmente o entrevistado.</p>	<p>- Qual a sua formação inicial?</p> <p>-Possui formação especializada? Se sim, qual?</p> <p>- Quando iniciou funções na Educação especial?</p> <p>- Que tipo de trabalhos já desempenhou além da sua actual função?</p>	<p>-Saber que tipo de formação possui</p> <p>- Conhecer à sua formação especializada</p> <p>-Tempo de serviço;</p> <p>- Conhecer outras experiências além das funções que desempenha no presente</p>
Bloco B	<p>Compreender como era a relação entre os utentes e equipa técnica antes do apoio à comunicação</p>	<p>- Como descreve a sua interação com utentes com problemas na fala?</p>	<p>- Identificar possíveis dificuldades sentidas entre o profissional e a pessoa</p>

<p>Percepção do profissional face a sua abordagem na educação especial.</p>		<ul style="list-style-type: none"> - Sabendo que a pessoa necessita fazer-se entender, como descreve o desenvolvimento do seu trabalho face a alguém com problema na fala? - O que poderia ser para si um bom relacionamento entre as pessoas com problemas severos de fala e os profissionais do seu local de trabalho? - Que tipo de orientações que lhe foram fornecidas inicialmente para lidar com pessoas com esta problemática? 	<ul style="list-style-type: none"> - Entender se o profissional consegue atingir os objectivos no seu trabalho - Saber as características necessárias para o com envolvimento entre profissional e a pessoa - Conhecer ações de apoio oferecidas pela instituição
---	--	---	--

<p>Bloco C</p> <p>Perceção do profissional durante as atividades</p>	<p>Recolher opiniões sobre como eram dadas a conhecer as formações que tinham referência a comunicação</p>	<ul style="list-style-type: none"> - A comunicação é fundamental em qualquer meio, seja esta num apoio para melhor compreensão da fala/gesto ou assistida pela tecnologia. No seu local de trabalho que ofertas de formação existiram, mesmo que informais relacionadas com à comunicação? - Como obteve a informação sobre as acções de formação? - Descreva qual foi a última formação que participou, 	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer as ofertas formativas sensibilizando sobre a temática da comunicação - Saber de que forma o profissional soube da formação. Se via mail, redes sociais, colegas, etc.

		<p>que lhe possibilitasse conhecer formas para compreender melhor as pessoas com dificuldades severas de comunicação?</p> <p>- Que vantagens/desvantagens encontrou ao conhecer novas formas de comunicar com a pessoa com problemas severos na fala?</p> <p>Sentiu dificuldades em usar estes novos conhecimentos? Se sim, descreva quais foram?</p>	<p>- Conhecer se a formação ajudou/sensibilizou ao profissional quanto a temática da comunicação</p> <p>- Descobrir se a formação teve utilidade para ajudar no seu trabalho com a pessoa</p> <p>- Saber se o profissional necessita de mais apoio ou formação na área da comunicação.</p>
--	--	---	--

	<p>Recolher opiniões sobre a importância de formações que tinham como referência a comunicação</p>	<ul style="list-style-type: none"> - O que constitui para si os incentivos essenciais para participar em acções de formação em comunicação? - De que forma considera importante a formação nesta área para o desempenho das suas funções? - Que objectivos deve ter uma formação direccionada especificamente para a comunicação? 	<ul style="list-style-type: none"> - Saber o que motiva o profissional a formação em comunicação - Saber a importância de uma formação direccionada a comunicação. - Perceber as necessidades reais do profissional
--	--	--	--

Bloco F	Agradecimentos	Agradeço a disponibilidade dispensada para a realização desta entrevista.	
Finalização da entrevista			

GUIÃO DE ENTREVISTA: Profissionais do CAO

Tema: “Comunicar com o jovem com fala ininteligível: a importância da formação”

Objetivo geral: conhecer a formação dos profissionais, entre os quais técnicos e docentes, para interagirem com jovens com problemas severos de fala de modo a melhor os compreenderem e promoverem a sua autonomia e inclusão social.

Objetivos específicos:

- Identificar as diferentes formas de interação dos profissionais do CAO em estudo com os utentes com fala ininteligível.
- Conhecer a percepção dos profissionais do CAO em estudo sobre a melhor forma de comunicar com pessoas com fala ininteligível.
- Conhecer a percepção dos profissionais sobre o tipo de formação necessária para interagir adequadamente com utentes com problemas severos de comunicação.

- Analisar as necessidades formativas na área da comunicação aumentativa e alternativa, dos profissionais que atuam com jovens e adultos com problemas severos de comunicação a frequentarem o CAO em estudo, para melhor promoverem a sua e inclusão social

Designação dos blocos	Objetivos específicos	Questões	Observações
<p>Bloca A.</p> <p>-Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado.</p>	<p>- Legitimar a entrevista;</p> <p>- Motivar o entrevistado</p>		<p>-Resumir o trabalho de pesquisa;</p> <p>-Salientar a importância do seu depoimento para a comunidade;</p> <p>-Frisar o carácter confidencial das informações;</p> <p>- Assegurar que o entrevistado compreendeu as informações dadas</p> <p>- Pedir autorização para gravar a entrevista</p> <p>- Agradecer a disponibilidade do entrevistado</p>

Bloco b Perfil do Entrevistado	-Recolher dados para caracterizar pessoal e profissionalmente o entrevistado.	- Qual a sua idade? - Qual a sua formação? -Teve algum tipo de formação que lhe possibilitasse melhor compreender pessoas com dificuldade severa de comunicação - Quando iniciou funções na Educação especial?	-Idade; -Saber que tipo de formação possui -Tempo de serviço;
Bloco C Perceção do profissional antes do apoio à Comunicação	Compreender como era a relação entre os utentes e equipa técnica antes do apoio à comunicação	- Como era a sua relação com os utentes com problemas na fala, quando iniciou funções na educação especial?	- Frisar esta relação com os utentes.

Perceção do profissional sobre o apoio à Comunicação oferecido na Instituição	Compreender como era a relação entre os utentes e equipa técnica após o apoio a comunicação	<ul style="list-style-type: none"> - Como descreve a sua interação com utentes com problemas na fala? - Na Instituição houve algum tipo de formação, mesmo que informal de apoio à comunicação? - Qual a sua opinião acerca da orientação/formação em comunicação ao utente, oferecida por essa formação? - Como descreve, após receber essa formação, o 	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar possíveis dificuldades sentidas entre o profissional e utentes - Saber se compreendia o utente e se conseguia fazer-se entender <p>Conhecer ações de apoio à instituição</p> <ul style="list-style-type: none"> - Que vantagens e desvantagens encontrou.
---	---	--	---

		uso de novas formas de comunicar com os utentes?	
<p>Bloco D</p> <p>Perceção do profissional durante as atividades</p>	<p>Recolher opiniões sobre como se desenvolviam as atividades após formação fornecida aos profissionais pela Terapeuta</p>	<p>- Como é que estes utentes aceitaram esta sua nova forma de comunicar?</p> <p>- Que mudanças houve no comportamento e atitudes dos utentes, durante o decorrer das suas atividades?</p> <p>- E durante os intervalos observou que mudou algo?</p> <p>- Como é que viu, no geral, o relacionamento destes utentes com os colegas e equipa técnica?</p>	<p>- Saber como se sentiram os técnicos ao aplicar esses novos conhecimentos</p> <p>- Saber se os utentes eram mais sociáveis, participativos, assíduos, etc.</p> <p>- Saber como eram as relações entre os utentes e utentes/profissional</p> <p>- Perceber os relacionamentos entre utentes que receberam apoio com aqueles que não receberam apoio à comunicação.</p>

		<ul style="list-style-type: none"> - Como poderia descrever o desenvolvimento das atividades antes e após o apoio à comunicação? 	<ul style="list-style-type: none"> . Saber como se os utentes apenas se relacionavam entre si ou apenas entre utentes e funcionário. - Perceber se houve melhores prestações dos utentes
<p>Bloco E</p> <p>Perceção do profissional após terminado o apoio à Comunicação</p>	<p>Recolher opiniões sobre a fase após acabar o apoio a comunicação aos utentes e aos restantes profissionais</p>	<ul style="list-style-type: none"> - O que notou nestes utentes, após o apoio à comunicação ter terminado? - E continuou a pôr em prática os conhecimentos adquiridos? 	<ul style="list-style-type: none"> - Perceber que mudanças houve nos utentes, seja nas suas atitudes, comportamentos, relações entre colegas, etc. - Saber se precisaria de mais formação.

Bloco F		<ul style="list-style-type: none"> - Na sua opinião, valeu a pena investir tempo e esforço para ajudar estes utentes na sua forma de comunicar? - Que importância teve este apoio à comunicação no seu trabalho, junto a estes utentes? - Estaria disposto a participar em mais formações com o intuito de ajudar no futuro, mais utentes com problemas na fala? 	<ul style="list-style-type: none"> - Se a resposta for positiva, pedir exemplo de como isso poderia ajuda-los no seu dia a dia - Se negativo, perceber qual a razão - Perceber qual o impacto que teve este apoio no desenvolvimento profissional e pessoal - Saber o interesse em continuar a formação na área em estudo -
---------	--	---	--

Bloco G	Agradecimentos	Agradeço a disponibilidade dispensada para a realização desta entrevista.	
Finalização da entrevista			

ENTREVISTA A TERAPEUTA

Tema: “Comunicar com o jovem com fala ininteligível: a importância da formação”

Objetivo geral: conhecer a formação dos profissionais, para interagirem com jovens com problemas severos de fala de modo a melhor os compreenderem e promoverem a sua autonomia e inclusão social.

Objetivos específicos:

- Identificar as diferentes formas de interação dos profissionais com pessoas com fala ininteligível.
- Conhecer a percepção dos profissionais sobre a melhor forma de comunicar com pessoas com fala ininteligível.
- Conhecer a percepção dos profissionais sobre o tipo de formação necessária para interagir adequadamente com utentes com problemas severos de comunicação.

- Analisar as necessidades formativas na área da comunicação aumentativa e alternativa, dos profissionais que atuam com jovens e adultos com problemas severos de comunicação, para melhor promoverem a sua e inclusão social.

Designação dos blocos	Objetivos específicos	Questões	Observações
<p>Bloco A.</p> <p>-Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado.</p>	<p>- Legitimar a entrevista;</p> <p>- Motivar o entrevistado</p>		<p>-Resumir o trabalho de pesquisa;</p> <p>-Salientar a importância do seu depoimento para a comunidade;</p> <p>-Frisar o carácter confidencial das informações;</p> <p>- Assegurar que o entrevistado compreendeu as informações dadas</p> <p>- Pedir autorização para gravar a entrevista</p> <p>- Agradecer a disponibilidade do entrevistado</p>

<p>Bloco B</p> <p>Perfil do Entrevistado</p>	<p>-Recolher dados para caracterizar pessoal e profissionalmente o entrevistado.</p>	<p>- Qual a sua idade? 52</p> <p>- Que formação inicial possui? Terapia Ocupacional</p> <p>- Quando iniciou funções na Educação especial? 1995</p> <p>- Teve alguma formação relacionada com a comunicação e tecnologias associadas a mesma? Diversas</p> <p>- Antes ou depois de iniciar funções na Educação especial?</p>	<p>-Idade;</p> <p>-Formação inicial e contínua;</p> <p>-Tempo de serviço;</p> <p>-Experiência em Educação Especial;</p> <p>Saber a formação adquirida na área da Comunicação Aumentativa e Alternativa</p>
--	--	---	--

		Antes e durante	
<p>Bloco C</p> <p>Perceção do profissional antes do apoio à Comunicação</p>	<p>Compreender o que motivou a Terapeuta em iniciar o apoio a uma comunicação mais interativa aos utentes e equipa técnica</p>	<p>- Como era a sua interação com os utentes quando enfrentou esta população pela primeira vez?</p> <p>Extremamente desafiante e por vezes muito difícil, no caso de utentes com Paralisia Cerebral com comprometimento motor grave. No caso dos utentes surdos e com deficits cognitivos, foi mais fácil após a formação pessoal em LGP</p> <p>- Como descreve a sua interação com utentes com problemas na fala quando os começou a conhecer?</p>	<p>- Frisar a relação com os utentes nos mais variados aspetos</p> <p>- Descobrir se houve dificuldades sentidas entre o profissional e utentes</p>

		<p>Gratificante e muito mais personalizada</p> <p>- Como é que se iniciou este processo de apoio a comunicação?</p> <p>Por necessidades profissionais e relacionais</p> <p>- Porque apoiar estes utentes numa fase adulta?</p> <p>A comunicação é importante ao longo de toda a vida.</p>	<p>- Conhecer as ferramentas ou conhecimentos para iniciar o apoio</p> <p>- Perceber se é para a inclusão na sociedade, facilitar o trabalho dos utentes, dos técnicos, etc...</p>
<p>Bloco D</p> <p>Perceção do profissional sobre a fase de apoio à Comunicação</p>	<p>Recolher opiniões sobre a fase de apoio à comunicação aos utentes pela Terapeuta</p>	<p>Como aceitaram os utentes este seu apoio à comunicação?</p> <p>Muito bem, e por vezes, muito gratos</p>	<p>- Saber o interesse dos utentes e se estes participaram regularmente</p>

	<p>Recolher dados sobre a fase de formação fornecida aos profissionais pela Terapeuta</p>	<p>- Que importância teve este apoio no seu trabalho, junto a estes utentes</p> <p>Muito benéfico e potencializador de melhores relações profissionais e pessoais, nos diversos contextos</p> <p>- O que viu mudar nas atitudes destes utentes, com o decorrer das sessões?</p> <p>No grupo de LGP - Maior interesse e necessidade de intervir ativamente durante os apoios e nas relações com os seus pares, profissionais e família</p>	<p>- Perceber se os utentes faziam-se entender dentro ou fora de sala.</p>
--	---	---	--

		<p>- Quando sentiu que tinha de oferecer formação aos profissionais que intervinham com os utentes?</p> <p>LGP – Foi definido logo no início do planeamento da intervenção. Os gestos que os utentes aprendiam, eram ensinados aos profissionais e a outros utentes sem problemas na oralidade. A comunicação não é unilateral nem deve ser realizada apenas em ambientes protegidos. Para ser efetiva e funcional deve ser utilizada em todos os contextos.</p>	<p>- Entender o que a motivou a oferecer formação à equipa técnica.</p>
--	--	--	---

		<p>- Dos vários elementos que trabalham na instituição, a quem se destinou essa formação?</p> <p>A todos os profissionais da instituição (Docentes, Psicólogos, Assistentes Operacionais, Assistentes Técnicos e Estagiários)</p>	- Saber quais elementos da equipa técnica receberam essa formação.
		<p>- Como foi aceite esse apoio?</p> <p>Com boa adesão e com muito interesse demonstrado por alguns profissionais</p>	- Saber o interesse da equipa nesse tipo de apoio
		<p>- De que forma, na sua opinião, esse apoio à</p>	- Perceber qual o contributo desse apoio, nas mais variadas áreas das atividades da

		<p>comunicação contribuiu para a melhoria das aprendizagens destes utentes?</p> <p>Muito importante, em todos os contextos</p> <p>- Quanto tempo durou esse apoio?</p> <p>É um trabalho de continuidade ao longo dos anos</p>	<p>vida diária e na socialização dos utentes, dentro e fora da sala e instituição</p>
<p>Bloco E</p> <p>Perceção do profissional após terminado o apoio à Comunicação</p>	<p>Recolher opiniões sobre a fase após acabar o apoio à comunicação aos utentes e aos restantes profissionais</p>	<p>- Sabe se depois de ter saído da instituição, houve continuidade desse apoio aos utentes?</p> <p>Será recomeçado quando regressar.</p>	<p>- Saber se houve alguém que a substituiu</p>

		<p>- E a equipa continuou a pôr em prática os conhecimentos adquiridos?</p> <p>Sim. Continuam a utilizar alguns gestos mais funcionais e de saudação e cortesia</p>	<p>- Saber se houve interesse pela equipa de profissionais em continuar a pôr em prática os conhecimentos adquiridos</p>
<p>Bloco F</p> <p>Perceção do profissional sobre as necessidades da Instituição para promover competências comunicacionais e sociais</p>	<p>Conhecer a opinião da profissional sobre as necessidades da Instituição para promover competências comunicacionais e sociais</p>	<p>- No decorrer do seu desempenho profissional voltou a pôr em prática esse tipo de apoio?</p> <p>Pretendo continuar</p> <p>Na sua opinião, o que é necessário para haver mais apoio na comunicação em geral?</p> <p>Interesse pessoal e profissional.</p>	<p>- Perceber qual o impacto que teve este apoio no desenvolvimento profissional e pessoal</p> <p>- Perceber se falta profissionais especializados, materiais, instalações, etc</p>

		<p>- O que poderia sugerir para um profissional especializado iniciar o apoio à comunicação numa instituição?</p> <p>Perante as necessidades dos utentes, os profissionais deveriam procurar a resposta mais adequada a essa problemática. No caso de já estar a ser utilizado técnicas de comunicação, os profissionais deveriam aprender essas técnicas para melhor intervir.</p>	<p>- Saber o que poderia ser necessário conhecer para iniciar este apoio a comunicação. Ferramentas, conhecimentos, formações mais diversificadas.</p>
<p>Bloco G</p> <p>Finalização da entrevista</p>	Agradecimentos	<p>Agradeço a disponibilidade dispensada para a realização desta entrevista.</p>	

Apêndice 6 – Análise de respostas da entrevista vs inquéritos online

Entrevista a terapeuta	Resultados e Respostas dos Inquiridos
- Que formação inicial possui? Terapia Ocupacional	A área de formação inicial dos Inquiridos pertencentes a área das Terapias é o segundo maior grupo de profissionais.
- Quando iniciou funções na Educação Especial? 1995	Esta profissional está na Educação Especial há 24 anos e iniciou funções entre os anos de 1992 e 2001, cujos dados da pergunta nº 3 nos mostram ser o 2º maior período de anos onde entraram mais profissionais.
- Teve alguma formação relacionada com a comunicação e tecnologias associadas a mesma? Diversas	Nesta questão, relacionamos o conteúdo das respostas, com a pergunta nº9. As formações que a entrevistada assistiu foram diversas, entrando em concordância com os dados da pergunta nº9, cujos profissionais indicam terem várias ofertas de formação, sendo este o segundo maior resultado, conforme o gráfico 10.
- Antes ou depois de iniciar funções na Educação especial? Antes e durante	No entanto é de referir que entra em confronto com os 40% dos inquiridos que não tiveram formação relacionada com a comunicação durante as suas funções laborais.

<p>- Como era a sua interação com os utentes quando enfrentou esta população pela primeira vez?</p> <p>Extremamente desafiante e por vezes muito difícil, no caso de utentes com Paralisia Cerebral com comprometimento motor grave. No caso dos utentes surdos e com deficits cognitivos, foi mais fácil após a formação pessoal em LGP</p>	<p>Conforme os dados da pergunta nº6, a interação desta profissional vai ao encontro do segundo grupo com mais respostas (13 inquiridos), que além de terem tido uma interação difícil, descreveram tais momentos, como testemunham alguns dos inquiridos “Alguma dificuldade, por vezes, em perceber o que querem transmitir” e “Difícil no início. Mas tende a melhorar com o tempo. Facilitando o processo de ensino aprendizagem”, ou ainda outro inquirido que afirma ser “difícil. Visto que, nem profissionais nem utentes dominam a língua gestual.”</p>
<p>- Como descreve a sua interação com utentes com problemas na fala quando os começou a conhecer?</p> <p>Gratificante e muito mais personalizada</p>	<p>Indo de acordo aos dados da pergunta nº6, os inquiridos salientavam uma boa interação até a algo adaptado, pois depois de conhecer a pessoa e sua problemática, tudo se torna melhor e a interação resulta de uma “Uma boa interação acompanhada de linguagem gestual, expressão corporal, de imagens, fazendo sempre que possível, recurso de material que integra o Sistema aumentativo e Alternativo de comunicação.”</p> <p>“Uma interação boa, mas as vezes é difícil de compreende-los principalmente quando são alunos novos, mas com insistência</p>

	conseguimos superar dificuldades e entender o que o utente nos quer”
<p>- Como é que se iniciou o processo de apoio a comunicação?</p> <p>Por necessidades profissionais e relacionais</p>	<p>Com esta questão, pretendíamos conhecer as ferramentas ou conhecimentos que lhe levou a iniciar o apoio na comunicação. A sua resposta vai ao encontro dos resultados da pergunta nº11, ao qual uma larga maioria -11- dos profissionais afirmam que conhecer novas formas de comunicar pode facilitar “melhor interação com a pessoa”.</p> <p>Em relação a testemunhos, um dos profissionais afirma ser pela “formação pessoal e profissional”.</p> <p>Outro profissional diz-nos que um há “Maior envolvimento na interação entre utente/aluno/profissional. Maior qualidade durante a intervenção e, consequentemente, melhor desempenho ocupacional e maior satisfação durante a realização das tarefas planificadas para cada aluno/cliente/ou utente.”</p>
<p>- Porque apoiar estes utentes numa fase adulta?</p> <p>A comunicação é importante ao longo de toda a vida.</p>	<p>As razões partilhadas pelos profissionais dizem-nos sobre a:</p> <p>“Possibilidade de se implementar novas formas de comunicação que permitam a inclusão de pessoas com problemas ao nível da fala”.</p>

	<p>“É essencial na minha carreira como docente, a trabalhar com utentes com dificuldades na fala, de modo a compreendê-los melhor”</p> <p>“...assim melhoramos todos os dias a qualidade de vida dos nossos utentes”.</p>
<p>Como aceitaram os utentes este seu apoio à comunicação?</p> <p>Muito bem, e por vezes, muito gratos</p>	<p>Esta resposta não é coincidente com as obtidas no questionário em que há resposta que mostram que nem sempre a pessoa aceita apoio à comunicação, tal como testemunha um inquirido:</p> <p>“A não aceitação, por parte do cliente ou da família, à comunicação alternativa, sendo que esta muitas vezes deve-se à estética ou à esperança dos pais/encarregados de educação de que o seu filho/educando perderá os problemas de fala no futuro e que se utilizar uma comunicação alternativa este irá perder as capacidades para o atingir.”</p>
<p>- Que importância teve este apoio no seu trabalho, junto a estes utentes?</p> <p>Muito benéfico e potencializador de melhores relações profissionais e pessoais, nos diversos contextos</p>	<p>Também os inquiridos referem os benefícios do apoio a comunicação, como</p> <p>“Poder ajudar crianças a comunicar de outras formas. Ao conseguirem expressar os seus desejos e necessidades, conseguem regular melhor o seu comportamento. Logo, é</p>

	possível trabalhar com elas de forma mais produtiva”
<p>- O que viu mudar nas atitudes destes utentes, com o decorrer das sessões?</p> <p>No grupo de LGP - Maior interesse e necessidade de intervir ativamente durante os apoios e nas relações com os seus pares, profissionais e família</p>	<p>Quando a pessoa recebe o apoio de comunicação adequado, os inquiridos também testemunham tais mudanças:</p> <p>“Maior envolvimento na interação entre utente/aluno/profissional. Maior qualidade durante a intervenção e, consequentemente, melhor desempenho ocupacional e maior satisfação durante a realização das tarefas planificadas para cada aluno/cliente/ou utente”</p> <p>“Os clientes, na sua maioria, quando se adaptam a uma nova forma de comunicação sentem-se menos frustrados, porque o outro já consegue perceber grande parte da informação que querem transmitir e/ou partilhar. Sentem-se mais satisfeitos com a sua comunicação e procuram interagir mais com o outro, especialmente com os pares”.</p>
<p>- Quando sentiu que tinha de oferecer formação aos profissionais que intervinham com os utentes?</p> <p>LGP – Foi definido logo no início do planeamento da intervenção. Os gestos que os utentes aprendiam,</p>	<p>A esta questão é possível constatar os resultados obtidos nos inquéritos e respostas dadas pelos inquiridos. De acordo com o gráfico 2 da pergunta nº2, os resultados mostram que a área de maior especialização é a de Educação Especial, demonstrando</p>

<p>eram ensinados aos profissionais e a outros utentes sem problemas na oralidade.</p> <p>A comunicação não é unilateral nem deve ser realizada apenas em ambientes protegidos. Para ser efetiva e funcional deve ser utilizada em todos os contextos.</p>	<p>claramente a necessidade destes profissionais obterem mais conhecimentos para intervir com a pessoa.</p> <p>Estes sentem-se incentivados em aderir a estas formações em comunicação como alguns inquiridos testemunham</p> <p>“Necessidade de comunicar através de outros tipos de linguagem”</p> <p>“Entender o que a pessoa necessita e ajudar no desenvolvimento do meu trabalho”</p> <p>“Proporcionar sempre uma boa qualidade de vida aos utentes”</p>
<p>- Dos vários elementos que trabalham na instituição, a quem se destinou essa formação?</p> <p>A todos os profissionais da instituição (Docentes, Psicólogos, Assistentes Operacionais, Assistentes Técnicos e Estagiários)</p>	<p>Sendo um questionário a profissionais, este foi desenvolvido para todos aqueles que trabalham com a pessoa, assim podemos verificar que na pergunta nº1, comparando com a resposta da entrevistada, os resultados apontam para elementos de áreas de formação, tais como na educação, psicologia e terapias.</p>
<p>- Como foi aceite esse apoio?</p> <p>Com boa adesão e com muito interesse demonstrado por alguns profissionais</p>	<p>Torna-se evidente a aceitação e o interesse dos profissionais dos profissionais, pois analisando a pergunta nº10 do questionário, cerca de metade participou em várias formações de diversas temáticas, demonstrando a necessidade desta</p>

	<p>área. Estas formações foram a CAA através de mestrados e formação especializada, LGP e tecnologias de apoio.</p>
<p>- De que forma, na sua opinião, esse apoio à comunicação contribuiu para a melhoria das aprendizagens destes utentes?</p> <p>Muito importante, em todos os contextos</p>	<p>O contributo da comunicação pelos profissionais é demonstrado pelas suas respostas no inquerido e que correspondem ao contexto escola/instituição e sala de aula, onde é referido a importância da</p> <p>“É importante qualquer tipo de formação na nossa área porque aprendemos todos os dias e assim melhoramos todos os dias a qualidade de vida dos nossos utentes”</p> <p>“compreensão e repetição do vocabulário apreendido em contexto sala de aula “</p> <p>“Instrumentos de comunicação, em contexto particular: população integrada em CAO”.</p> <p>“atingir os objectivos propostos a pessoa”.</p> <p>É compreensível estas respostas pois muitos dos inquiridos são da área da educação, tal como nos demonstram os resultados á pergunta nº1</p>
<p>Na sua opinião, o que é necessário para haver mais apoio na comunicação em geral?</p> <p>Interesse pessoal e profissional.</p>	<p>Do que se depreende das respostas dos inquiridos, estes testemunham que tais formações:</p>

	<p>“Deve ter sempre em consideração a patologia com a qual estamos a trabalhar”.</p> <p>“Melhorar a capacidade de resposta que vá ao encontro as necessidades de cada utente”</p> <p>“Dotar os professores de informação e ferramentas essenciais para poderem trabalhar da melhor forma possível com crianças/jovens portadores das dificuldades de comunicação mais comuns.”</p> <p>“A formação, deve de ser direcionada para a língua gestual. Visto que muitos dos utentes não têm capacidade de diálogo. Assim sendo, todos os técnicos deveriam de ter formação específica em (Língua Gestual) para que a comunicação entre as duas partes, seja mais acessível.”</p>
<p>- O que poderia sugerir para um profissional especializado iniciar o apoio à comunicação numa instituição?</p> <p>Perante as necessidades dos utentes, os profissionais deveriam procurar a resposta mais adequada a essa problemática. No caso de já estar a ser utilizado técnicas de comunicação, os profissionais deveriam aprender essas técnicas para melhor intervir.</p>	<p>Observando as respostas a pergunta Nº4, vemos experiências profissionais em diversas áreas, muitas delas fora da Educação Especial e dado que muitos deles recorrem (pergunta Nº6) a decifração do tom de voz, expressões e atitudes no geral da pessoa, a resposta da entrevistada vai ao encontro das sugestões dos inquiridos aos inquéritos.</p> <p>“Conhecer novas formas de comunicação que sejam exequíveis</p>

	<p>em contexto escolar, ajustadas aos recursos disponíveis”.</p> <p>“Ter em conta os utentes/jovens com as suas problemáticas”</p> <p>“Esclarecer para os tipos de comunicação e sua utilização. Diversidade dos métodos comunicativos”</p> <p>“Melhorar a capacidade de resposta que vá ao encontro as necessidades de cada utente”</p> <p>“Abordagem de diferentes estratégias de comunicação”</p>
--	--

Apêndice 7 – Tabela das respostas aos inquéritos online no Google Sheets

Carimbo de data/hora	Qual é a sua formação Inicial?
2019/07/02 15:41:08	Docente de Educação visual e tecnológica
2019/07/02 16:55:48	Professores do Ensino Básico 2 ciclo - variante português/inglês
2019/07/02 17:57:56	Licenciatura em E.V.T.
2019/07/02 19:16:43	Terapia Ocupacional
2019/07/02 21:40:12	Terapia Ocupacional
2019/07/02 22:22:13	Educadora de Infância
2019/07/03 11:03:31	Licenciatura em ensino de Biologia e Geologia
2019/07/03 15:44:03	Ciências da Educação
2019/07/03 16:14:49	Licenciatura Profs Ens. Bas. Variante EVT
2019/07/03 16:46:27	Serviço Social
2019/07/03 19:02:03	Professor Ensino Básico
2019/07/03 19:40:52	12 ano
2019/07/04 02:23:20	Professora de biologia e geologia
2019/07/04 09:49:14	Licenciatura em História - Ramo Educacional
2019/07/04 11:14:45	Técnica Superior de Diagnóstico e Terapêutica - Terapeuta Ocupacional.
2019/07/04 11:35:35	Licenciatura em Língua Gestual Portuguesa - ramo da leccionação
2019/07/04 12:23:21	Psicologia
2019/07/05 11:55:28	Biologia/Ambiente
2019/07/06 10:09:49	Prof. Educação Física
2019/07/07 19:14:37	Ciências da Educação
2019/07/08 22:00:52	Professora Especializada na Deficiência Visual. Posteriormente fui feita a Especialização na Multideficiência.

2019/07/08 22:32:12	segurança
2019/07/09 14:45:02	Curso de técnica profissional
2019/07/09 16:23:24	psicologia
2019/07/10 19:28:00	Professor do Ensino básico 1 ciclo
2019/07/10 21:42:06	49
2019/07/10 22:52:25	Fisioterapia
2019/07/10 23:15:36	Professores do Ensino Básico, variante de Educação Visual e Tecnológica
2019/07/10 23:24:06	Licenciatura
2019/07/12 11:15:14	12 ano
2019/07/13 20:17:36	licenciatura
2019/07/14 14:06:42	Geriatría
2019/07/15 11:54:13	Educação de Infância
2019/07/15 13:01:51	Prof do 1ºciclo
2019/07/15 13:25:01	Fisioterapeuta
2019/07/15 15:39:20	Licenciatura em design
2019/07/15 19:25:35	psicóloga
2019/07/17 10:36:25	Gestão de Recursos Humanos
2019/07/19 10:25:42	Terapia Ocupacional
2019/07/22 11:53:11	Prof de educação visual e tecnológica
2019/07/22 16:53:07	licenciatura em ensino
2019/07/26 16:19:25	Licenciatura
2019/07/26 21:47:13	Design
2019/07/30 09:29:59	Bacharelato e licenciatura
2019/07/30 10:28:19	Educação Especial-Domínio Cognitivo Motor
2019/07/30 14:39:31	Animação Sociocultural

2019/07/31 18:55:41	Tec. Sup. Educação Especial e Reabilitação
Possui formação especializada? Se sim, qual?	Quando iniciou funções na Educação Especial?
não	2006
Não	Não se aplica
Não	2007
Terapia Ocupacional	Terapia Ocupacional
Terapia Ocupacional	Terapia Ocupacional
Educação especial	2014
Sim. Mestrado em Educação Especial - especialização no domínio cognitivo e motor	2018
Música	2009
Sim, Edu. Especial, domínio Visão	2005
Educação Especial	Não se aplica
Não	Não se aplica
Formação de Técnico de Educação Especial nível IV	2003
Educação especial	2017
Sim	2016
Ainda não.	2015
Sim. Mestrado em educação especial - especialização no domínio cognitivo e motor	2008
Neuropsicologia	1992
Várias formações na área da Educação Especial, mas não propriamente na área da comunicação.	1980
Não	2009
Não	2001

Sim. Na Deficiência Visual e na Multideficiência. E posteriormente o Mestrado em Humanidades.	1972
vigilante	2001
Não, apenas as tive disciplinas sobre todas as deficiências.	2002
sim. neuropsicologia, sexologia, clínica, comunitária, educação, necessidades especiais	1993
Não	Não se aplica
Não	2006
Não	1992
Sim, pós-graduação em Educação Especial, domínios Cognitivo e Motor	Não se aplica
Sim, Educação Especial no domínio Cognitivo e Motor	Não se aplica
Curso de técnicos em educação especial.	1990
Não	2015
Geriatría	2015
Mestrado em Educação Especial, domínio cognitivo e motor	Não se aplica
Educação especial- domínio cognitivo e motor	2018
intervenção precoce	1995
Mestrado em ensino de educação visual e tecnológica	2017
orientação vocacional, avaliação psicológica de condutores	2016
Não	2013
Pós-Graduação em Educação Especial	2018
Domínio cognitivo e motor	2007
NÃO	2014
Não	2014

Profissionalização em serviço	2011
Mestrado em Educação Especial	Não se aplica
Sim	2019
Educação especial	2017
não	2004

Que tipo de trabalhos já desempenhou além da sua actual função?	Já trabalhou/trabalha com pessoas com problemas de fala graves?
canalizador e segurança	Sim
Coadjuvante	Sim
Docente de EVT, docente de Educação tecnológica, formadora em cursos do Centro de Emprego e Formação Profissional	Sim
Terapia Ocupacional	Sim
Terapia Ocupacional	Sim
	Sim
Docente de Biologia e Geologia.	Não
leccionei Educação Musical nos CAOS da RAM	Sim
	Sim
Técnica de intervenção social	Sim
	Sim
Operadora de caixa em supermercado Acompanhamento de jovens em Instituição Acompanhamento de jovens na área tutelar educativa (em regime de férias) apoio aos Centros Educativos	Sim
	Não
	Não

Massoterapia, recuperação e bem-estar.	Sim
	Sim
Presidente de Associação de Desenvolvimento Comunitário, coordenadora de centro de atividades ocupacionais, psicóloga clínica no privado, formadora em várias áreas, subdiretora regional de educação, diretora técnica de escola de necessidades educativas especiais	Sim
Programação/dinamização de Ocupação de Tempos Livres para crianças/jovens com deficiência intelectual. Coordenação Geral de Centro de Atividades Ocupacionais para Utentes com Deficiência Mental	Sim
	Sim
Técnica Superior de Educação	Sim
Diretora do Centro de Formação Profissional de Deficientes. Professora de Português na Escola Britânica da Madeira.	Sim
vigilante	Sim
Assistente Operacional no hospital	Sim
Presidente de Associação de Desenvolvimento Comunitário, psicóloga privado, formadora	Sim
Apoio	Sim
Docente. Assistente de exposição.	Sim
Nenhum	Sim
Assistente administrativa	Sim
Nada a declarar	Não
Contabilidade; secretaria de um gabinete de arquitetura; contabilidade na segurança social,	Sim
Call center e refeitório universidades	Sim
Tenho exercício funções de Educadora	Sim
Coordenadora de estabelecimento do 1º ciclo	Sim

Intervenção Precoce e Centro de atividades ocupacionais	Sim
Área de design	Não
	Não
Na educação especial apenas trabalho na integração no mercado de trabalho. Anteriormente desempenhei funções como Técnica de Diagnóstico e Profissional de RVCC num Centro Novas Oportunidades; Trabalhei num projecto de apoio ao empreendedorismo (criação do próprio emprego) e na área do recrutamento e selecção (empresa trabalho temporário e num município)	Não
Nenhuns	Sim
Área comercial e funções de auxiliar de ação educativa	Sim
professora de EVT	Não
Nenhum	Sim
Design e desenho de construção civil	Sim
Responsável pelo setor infantil da BMBEja	Sim
Professor do primeiro ciclo	Não
Formação	Não
aulas de reabilitação aquática	Sim
Como descreve a sua interação com os utentes com problemas na fala?	
Muito difícil, especialmente sem um apoio nesta área	
Boa relação	
Consigo falar pausadamente, utilizo gestos ou imagens. Entendo bem porque com o tempo vamos aprendendo o seu vocabulário	
Desafiante	

Por vezes é necessário sistemas aumentativos ou alternativos de comunicação mas tudo se torna fácil de interagir e nos entendermos.
Boa
Sem contacto com alunos que possuem problemas severos na fala.
Difícil. Visto que, nem profissionais nem utentes dominam a língua gestual.
Alguma dificuldade, por vezes, em perceber o que querem transmitir.
Adequada as necessidades do utente
Com o tempo e o convívio diário consegui decifrar a atitude, o comportamento de cada um de forma a responder as necessidades de cada um, mesmo sem conseguirem falar.
Difícil
Uma boa interação acompanhada de linguagem gestual, expressão corporal, de imagens, fazendo sempre que possível, recurso de material que integra o Sistema aumentativo e Alternativo de comunicação.
Em Língua Gestual Portuguesa como comunicação aumentativa e alternativa
Muito ao nível do gesto pragmático, gestão de emoções e comunicação funcional.
Adequada
Uma interação boa mas as vez é difícil de compreende -los principalmente quando são alunos novos mas com insistência conseguimos superar dificuldades e entender o k o utente nos quer
Boa, tenho a sensibilidade para aguardar a sua resposta, utilizar diferentes estratégias e materiais para tornar essa interação acessível.
Foi a deficiência com a qual senti mais dificuldade em trabalhar uma vez que era usada com prioridade a linguagem gestual a qual requer uma formação muito especifica e completa.
Através dos gestos, expressões ou tons
Por vezes a frustração de não poder comunicar e ser precisa no momento imediato
difícil
Dificuldades em compreender quando expressavam alguma questão ou dúvida.

Difícil no início. Mas tende a melhorar com o tempo. Facilitando o processo de ensino aprendizagem.
Fico atenta à expressão facial e movimento corporal.
Boa. Aluno com autismo não verbal. Conseguimos comunicar através do sistema aumentativo de comunicação PECS
Razoável. Procura fazer leitura labial
Todos são diferentes temos que conhecer bem as limitações...e assim a interação depende como falamos assim eles interpretam...alguns se eu cantar eu consigo verificar como estão...o que necessitam do que se queixam.
Uma boa interação.
Difícil
Um desafio
Como qualquer outra problemática, a solução passa sempre por encontrar estratégias para ultrapassar as dificuldades, nomeadamente através da escrita, desenhos ou gestos.
Boa
Razoável
Boa, apesar de ter alguma dificuldade em perceber o que dizem
Boa
Adaptativa, Emocional e racional
Boa, mas difícil
Embora não trabalhar com esses, más, conheço pessoas com esta problemática e muitas das vezes é importante interagir com elas para motivá-los a aprender cada vez mais.
Boa

Depende dos casos, mas temos de tentar utilizar formas alternativas de comunicação.
Que tipo de orientações (mesmo que informais) lhe foram fornecidas inicialmente para interagir com pessoas com esta problemática?
não tive orientações algumas
Nenhumas
Nenhuma, aprendi com a experiência
Na Formação de Terapia Ocupacional
As orientações foram dadas pelo terapeuta da fala específicas a cada caso
Formação especializada em Educação Especial na disciplina de Comunicação Aumentativa e Alternativa.
Nenhumas
Muito poucas orientações
A identificação da necessidade pelo medico
Tive formação e estágio
Comunicação aumentativa
Orientadores de Educação Clínica ao longo da minha Licenciatura e Docentes do Curso. Após a Licenciatura, tive contacto com a Equipa Técnica dos Serviços onde estive incluída (desde Fisioterapeutas, Terapeutas da Fala, Psicólogos e Professores do Ensino Especial que trabalham diretamente e diariamente com os alunos com NEE.
Usar mais gestos funcionais, contacto, toque...
Quando não entendesse o que era dito, não insistir várias vezes para que a pessoa repetisse. Em alternativa, tentar contornar de outras formas, levando-a a repetir e fazer-se entender sem se sentir forçada.

Orientações dadas já por pessoas que conheciam os alunos e essas problemáticas. Alunos novos tive de me orientar sozinho passo a passo
Posicionar na direção do olhar com quem queremos interagir e dar tempo para a resposta.
Trabalho em Equipa Multidisciplinar foi uma mais valia na intervenção pedagógica.
Proporcionar sempre uma boa qualidade de vida
Frequentar algumas vezes a terapia utilizando a língua gestual
Usar gestos e funcionalidades
Nenhuma
Algumas formações esporádicas.
Nenhum, fui intuitiva na interação com a população portadora de deficiência.
Formação em Comunicação aumentativa e ensino estruturado direcionadas para aquele aluno em particular.
Tenho feito formações
Primeiro colocar na pele da pessoa...e conhecer bem cada pessoa. Eu trabalho com 22 todos eles diferentes
Permitiram perceber qual a melhor forma de interagir com a pessoa.
Falar devagar para conseguirem ler os lábios
Orientações da terapeuta da fala da equipa
Poucas
Nenhuma
Utilização de gestos sociais e adaptação do vocabulário à pessoa.
Nenhuma
Nenhumas
Material didático
Formações e contacto com especialistas

Comunicação aumentativa
Gestos
Não foram dadas indicações
Muito poucas ou nenhuma.
No seu local de trabalho que ofertas de formação existiram/existem, relacionadas com a comunicação?
não existiram ofertas de formação nesta área
Nenhuma
Já vieram uns professores de língua gestual fazer uma apresentação e pouco mais.
Pouco
Existem variadas.
Não existem ofertas de formação.
Nenhumas
Nenhuma
Poucas
Nenhuma
Não existem
Não
Na Área da Saúde há sempre o interesse em melhor explicar as Afasias, as Disartrias, entre outras.
Ações de sensibilização de Língua Gestual Portuguesa
Língua gestual e para as pessoas que trabalham com a deficiência motora comunicação aumentativa
Muito poucas
Estive formação para a comunicação aumentativa e alternativa.
Foram várias as formações, sendo uma delas a formação Linguagem Gestual.

Quase nenhuma
sim
Nenhuma
Não diretamente.
Nenhuma
Método das boquinhos e ensino estruturado
Sim
Linguagem gestual portuguesa
Temos tido várias formações para melhorar no nosso trabalho segurança higiene no trabalho. Temos feito simulacros uma vez que temos pessoas acamadas será necessário saber como agir nessa altura...e formação sobre comunicação tanto com colegas como com os utentes.
Realizei uma formação de 30horas intitulada "Sistemas de Comunicação Aumentativos e Alternativos em Dispositivos Moveis"
Não existiram
Formação em contexto de trabelho a nível da comunicação aumentativa e cuidados na alimentação
Poucas
Relativamente a esta temática, nenhuma
Só trabalho acerca de um ano no meu presente local de trabalho e neste período de tempo não houve nenhuma oferta de formação relacionada com a comunicação
Sem conhecimento
não tenho conhecimento
Poucas
Muitas
Nenhuma oferta

Nenhuma
Não existem
Surge alguma informação através de parceiros ou nas redes sociais.

Descreva a última formação em que participou, que lhe possibilitasse compreender e interagir melhor com pessoas com dificuldades severas de comunicação?
nunca participei em formação desse género
Nenhuma
Nenhuma
LGP
Intervenção com crianças com autismo, onde foi focada a abordagem linguística e a falta dela
Formação especializada em Educação Especial na disciplina de Comunicação Aumentativa e Alternativa.
A última formação em que participei, foi de braille, formação direccionada para comunicar com utentes invisuais.
Muita informação, mas bastante útil, num curto tempo de formação
Especialização ed esp. Cognitivo e motor
Foi quando iniciei o curso
Pós-graduação em educação especial
Perturbações do Neurodesenvolvimento e alterações no comportamento em idades Pediátricas.
Formação de comunicação com crianças com T21
Língua gestual
O tema da gaguez foi abordado superficialmente numa formação em Psicologia Infantil.

Foi no âmbito das tecnologias de apoio, tendo sido importante para explorar diferentes aplicações e recursos gratuitos.
Linguagem gestual e o contacto diário com os utentes na Área da Formação Profissional.
actualização de vigilante
Nunca frequentei e as que existiram são muito caras
língua gestual, programa teach
Não se aplica
Não me recordo de nenhuma.
Não fiz nenhuma neste âmbito.
Formação em Comunicação aumentativa e ensino estruturado
Método das Boquinhas
Foram várias.
De comunicação não, mas doenças degenerativas que tive que saber lidar com a morte de um utente...
Consistiu no contacto e exploração de programas que nos proporcionam ferramentas alternativas a comunicação Oral, como o book creator, para utilizar em telemóveis e tablets.
Alimentação na deficiência promovida pela APPC do Porto
Formação em Terapia pela Arte
Não fiz
Workshop de língua gestual
Sim

Mestrado
Foi sobre comunicação aumentativa, onde foram apresentados diversos equipamentos de comunicação.
Que vantagens/desvantagens encontrou ao conhecer novas formas de comunicar com a pessoa com problemas severos na fala?
Não sei
Vantagens e responsabilidade em ser facilitador da comunicação
Conseguir mais facilmente chegar à pessoa em questão compreendendo e fazer compreender.
Vantagem: Possibilidade de comunicação Desvantagem: Implementação de um sistema de comunicação alternativo
Como já não estou a lecionar na Educação Especial, não pratiquei os meus conhecimentos.
Vantagens: mais métodos para poder comunicar
Todos c a adaptação ao sistemas e metodologias
O dia a dia, com cada um, iria apresentar as dificuldades e o plano de a intervenção educativa que seria melhor para cada um.
Permitir comunicar com essas pessoas
Maior envolvimento na interação entre utente/aluno/profissional. Maior qualidade durante a intervenção e, consequentemente, melhor desempenho ocupacional e maior satisfação durante a realização das tarefas planificadas para cada aluno/cliente/ou utente.

Verifiquei e comprovei que a Língua Gestual pode não ser utilizada exclusivamente pelos surdos como uma língua.
Esta também pode ser utilizada como comunicação aumentativa/ alternativa por pessoas com problemas severos de comunicação oral
empowerment interventivo e mais satisfação profissional com esses alunos
Consegui desenvolver novas aptidões para lidar mais facilmente com pessoas com este tipo de problemas
Vejo muitas vantagens em ter acesso e conhecer diferentes estratégias para potenciar a comunicação. Todavia a desvantagem é que temos de conhecer muito bem a pessoa com problemas severos na fala, pois cada uma tem as suas particularidades e o que funciona com um pode ou melhor nem sempre funciona com outro.
Tive maior contacto com a Multideficiência. O trabalho era feito em parceria com a Terapeuta da fala Especializada.
nenhuma
Outras formas de comunicar
melhorar a interação e intervenção com os alunos
Não se aplica
A adaptação do processo por via de uma exposição prática.
Se tivesse feito alguma formação, adquiriria outras competências e estratégias para melhor comunicar.
Poder ajudar crianças a comunicar de outras formas. Ao conseguirem expressar os seus desejos e necessidades, conseguem regular melhor o seu comportamento. Logo, é possível trabalhar com elas de forma mais produtiva.
Tento sempre me colocar no lugar do outro. É sempre bom conseguir falar com o outro e compreender o que as pessoas têm para nos dizer.

Só encontro vantagens porque só assim vimos quão importante é trabalhar para pessoas queridas e especiais que precisam ser tratadas com profissionalismo amor carinho.
Existem sempre inúmeras vantagens, nomeadamente, a possibilidade de seleccionar a melhor forma de comunicar com a pessoa em questão, dado a diversidade.
Vantagem: alternativas para comunicar com as pessoas com dificuldade de comunicação. Desvantagem: o tempo que leva a implementar algumas formas de comunicar
Facilidade em compreender o cliente e facilidade em estabelecer estratégias de comunicação
Vantagens nas técnicas e conceitos.
Até ao momento ainda não evidenciei nenhuma desvantagem, apenas vantagens. Os clientes, na sua maioria, quando se adaptam a uma nova forma de comunicação sentem-se menos frustrados, porque o outro já consegue perceber grande parte da informação que querem transmitir e/ou partilhar. Sentem-se mais satisfeitos com a sua comunicação e procuram interagir mais com o outro, especialmente com os pares.
Não sei
Boas
Adaptação individual ao utente
Facilitou o meu trabalho
formação pessoal e profissional.
Sentiu dificuldades em usar estes novos conhecimentos? Se sim, descreva quais foram?

Não sei
Ter prática e experiência
Não
Não.
Nunca os pratiquei
Alguma dificuldade, uma vez que nem sempre o utente está disposto em colaborar em formas diferentes de comunicar.
Comunicação gestual foi básica e sem relevo, devia ser mais intenso
Não
Sim. É difícil aplicar os conhecimentos adquiridos às situações reais.
Não.
Não
Não.
Não senti dificuldade, pois tenho muita experiência na área.
Sim. Nas várias patologias da fala.
não
Sim é como tudo só com a prática é que chegamos lá. É preciso se dedicar e estar sempre presente. Por exemplo sinais muito parecidos...
não
Não se aplica
Não
Ao início, por falta de prática. Passado pouco tempo já não senti dificuldade.

Difícil aprender a linguagem gestual e conhecer todos os símbolos.
Não...adaptei muito bem
Posso dizer que é o trabalho mais gratificante que tive ate hoje.
Não, tratam se de programas de dificuldade.
Algumas. O facto de ter de implementar os cartões de comunicação em crianças de 3 anos, autistas, não é fácil. É algo demorado que requer tempo e persistência.
não
A não aceitação, por parte do cliente ou da família, à comunicação alternativa, sendo que esta muitas vezes deve-se à estética ou à esperança dos pais/encarregados de educação de que o seu filho/educando perderá os problemas de fala no futuro e que se utilizar uma comunicação alternativa este irá perder as capacidades para o atingir.
Não
A capacidade de chegar a todos individualmente
Não
Foi justamente como falar e uso dos signos de comunicação.
Não forma utilizados até ao momento.
O que constitui para si os incentivos essenciais para participar em acções de formação em comunicação?
entender o que a pessoa necessita e ajudar no desenvolvimento do meu trabalho
Não sei

O interesse pessoal e necessidade pessoal e/ou profissional
Um melhor entendimento mútuo com a pessoa com quem trabalho.
O painel de oradores
Possibilidade de se implementar novas formas de comunicação que permitam a inclusão de pessoas com problemas ao nível da fala.
Saber mais, para podermos partilhar esse mesmo conhecimento.
A necessidade laboral
Acho muito importante pois existem informações que para trás deixou de ter fundamento.
Necessidade de comunicar através de outros tipos de linguagem
São Importantes. São ferramentas de auxílio para o sucesso na intervenção.
O objetivo de querer aprofundar conhecimentos acerca da evolução das investigações nesta área
A necessidade efetiva dos casos em intervenção.
É sempre bom estar a par e conhecer novas estratégias e de novas aplicações.
Tudo o que vem beneficiar a relação professor e aluno em todos os campos.
Proporcionar sempre uma boa qualidade de vida aos utentes
As necessidades primarias, as situações novas que surgem entre outras
aplicabilidade dos conhecimentos
Possibilidade de interagir melhor com os alunos
A oferta diferenciada.
Adquirir estratégias para aumentar a comunicação não verbal.
Ter alunos com problemas de comunicação.
Melhorar a comunicação com pessoas com dificuldade de comunicar
A vontade de aprender

Tem que me proporcionar novos conhecimentos, estimulantes e interessantes para a prática.
Ideias novas que dêem resposta às necessidades
resolução de situações práticas do dia a dia
Incentivos nulos
O aumento de conhecimentos facilita o aumento da confiança e consequentemente facilita o processo de comunicação
A formação contínua e o trabalho direto com este tipo de população
É essencial na minha carreira como docente, a trabalhar com utentes com dificuldades na fala, de modo a compreendê-los melhor
Dar um melhor contributo
Criatividade e diversidade
É importante na aprendizagem dos novos signos de comunicação.
Ganho de novos conhecimentos e métodos de trabalho
Perceber melhor como lidar com alguns clientes e as suas necessidades de comunicação.
De que forma considera importante a formação nesta área para o desempenho das suas funções?
A importância da formação nesta área permite alcançar com mais facilidade os vários objectivos propostos a pessoa
Não sei
Acho muito importante pois a comunicação é essencial, estou sempre disponível para aprender mais, para melhorar a prática
Importante

Fazer-me compreender e compreender a pessoa com quem trabalho
Como docente de Educação Especial, é fundamental o conhecimento de novas formas de comunicação para serem implementadas em contexto escolar, em alunos com dificuldades severas ao nível da fala.
É muito importante a formação nesta área. Obter novos métodos de trabalho para podermos interagir com os utentes.
Muito importante.
A maiores para ajudar a compreender
Importante
Pode melhorar a Comunicação com alunos
É muito importante. Uma vez que na minha profissão, toda a intervenção é realizada com a População Deficiente, com défices nas competências cognitivas, nas competências sociais e de comunicação, nas competências sensorio-percetivas, competências de regulação emocional e nas competências motoras e de praxis. Acontece muitas vezes o utente apresentar défices em várias funções inclusive nas da linguagem. Sendo esta formação uma importante ajuda para os profissionais.
Bastante relevante
Essencial.
Sem comunicação adequada é impossível desempenhar a função corretamente, já que se torna difícil avaliar a forma correta de agir.
Muito importante pois o meu dia a dia é passado junto de crianças, adolescentes e adultos com estas problemáticas.
Já foi respondido acima.
Proporcionar qualidade de vida aos utentes significa aprender novas formas para esse mesmo objetivo
Acho pertinente
na intervenção

Bastante importante para a compreensão e repetição do vocabulário apreendido em contexto sala de aula
O docente ao longo da sua carreira encontra algum aluno com dificuldade na fala.
Saber interpretar no utente as suas vontades.
Muito importante. É um complemento à formação base que nos permite chegar a todos os alunos, especialmente àqueles que necessitam de ensino diferenciado.
É importante qualquer tipo de formação na nossa área porque aprendemos todos os dias e assim melhoramos
Qualquer formação, independentemente da área, é importante. Em EE é igualmente relevante pois permite ao docente a sua evolução enquanto profissional e dota-o de novas competências.
Muito importante
Na melhoria do cuidado prestado, a boa comunicação é um ponto chave
Muito importante
Considero esta e todo o tipo de formação fundamental
Muito importante
Melhoria a nível de desempenho pessoal
Maior poder de comunicação
Muito importante
Facilitar o processo de interação social e de inclusão.
Não muito importante
Importante, pois pode facilitar a comunicação e a percepção com alguns dos clientes com que intervimos.

Que objectivos deve ter uma formação direccionada especificamente para a comunicação?
saber interagir com a pessoa e uso das tecnologias aumentativas
Não sei
É muito vasta esta temática. Tem de ser específica e com prática
Dotar o formando de ferramentas necessárias para um aumento ou para alternativas de comunicação.
-Conhecer novas formas de comunicação que sejam exequíveis em contexto escolar, ajustadas aos recursos disponíveis; -Aplicar as formas de comunicação anteriormente referidas.
A formação, deve de ser direccionada para a língua gestual. Visto que muitos dos utentes não têm capacidade de diálogo. Assim sendo, todos os técnicos deveriam de ter formação específica em (Língua Gestual) para que a comunicação entre as duas partes, seja mais acessível.
Instrumentos de comunicação, em contexto particular: população integrada em CAO.
Adaptada ao ensino especial e das necessidades
Criar pontes entre o locutor e recetor...e você versa
Ter em conta os utentes/jovens com as suas problemáticas.
Aprender outras formas de comunicação
Deve indicar qual o melhor método de intervenção, que técnicas e materiais adaptados a utilizar para cada limitação apresentada nas funções da comunicação e linguagem.
Esclarecer para os tipos de comunicação e sua utilização Diversidade dos métodos comunicativos
Melhorar significativamente a relação e consequentemente a intervenção com o aluno em questão.

Acho que deve pensar bastante na prática atual.
Deve ter sempre em consideração a patologia com a qual estamos a trabalhar.
Melhorar a capacidade de resposta que vá ao encontro as necessidades de cada utente
Ser claro, conciso e muito direto
causar empowerment dos formandos na comunicação
Não sei
Alternativa a comunicação verbal.
Permitir maior interação entre o utente e o profissional. Interpretar as emoções.
Dotar os professores de informação e ferramentas essenciais para poderem trabalhar da melhor forma possível com crianças/jovens portadores das dificuldades de comunicação mais comuns.
Saber interpretar o que cada um dos utentes nos quer transmitir
Deve fornecer competências ao docente para poder exercer funções
Capacitar o docente para intervir em situações/ casos complicados
Abordagem de diferentes estratégias de comunicação
Demonstrar a importância da comunicação, explicar o que é a comunicação aumentativa e alternativa, apresentar produtos e estratégias já existentes, explicar a sua importância e vantagens.
Vários tipos de interacção

Estratégias criativas de adequação aos utentes
Ajudar os docentes a chegar a todos os alunos
No ensino aprendizagem
Casos práticos e exemplos de equipamentos a utilizar.

A experiência adquirida no decorrer do seu trabalho, facilita a interacção com as pessoas com problema de fala?	O que considera mais importante?
Adapta o vocabulário a compreensão da pessoa	Ambas
Adapta o vocabulário a compreensão da pessoa	Cooperação entre profissionais
Utiliza mais gestos sociais para comunicar, Adapta o vocabulário a compreensão da pessoa	Ambas
Tem um melhor entendimento da expressão oral, Utiliza mais gestos sociais para comunicar, Adapta o vocabulário a compreensão da pessoa, Utiliza Comunicação Aumentativa	Ambas
Utiliza mais gestos sociais para comunicar, Utiliza Comunicação Aumentativa	Ambas
Utiliza Comunicação Aumentativa	Ambas
Tem um melhor entendimento da expressão oral	Ambas
Utiliza mais gestos sociais para comunicar, Adapta o vocabulário a compreensão da pessoa	Ambas
Tem um melhor entendimento da expressão oral, Utiliza Comunicação Aumentativa	Ambas
Adapta o vocabulário a compreensão da pessoa	Ambas
Adapta o vocabulário a compreensão da pessoa	Ambas
Adapta o vocabulário a compreensão da pessoa	Ambas
Tem um melhor entendimento da expressão oral	Ambas

	Ambas
Tem um melhor entendimento da expressão oral, Utiliza Comunicação Aumentativa	Ambas
Utiliza mais gestos sociais para comunicar, Utiliza Comunicação Aumentativa	Ambas
Utiliza mais gestos sociais para comunicar, Adapta o vocabulário a compreensão da pessoa	Ambas
Tem um melhor entendimento da expressão oral, Utiliza mais gestos sociais para comunicar, Adapta o vocabulário a compreensão da pessoa, Utiliza Comunicação Aumentativa	Ambas
Tem um melhor entendimento da expressão oral, Utiliza mais gestos sociais para comunicar, Adapta o vocabulário a compreensão da pessoa, Utiliza Comunicação Aumentativa	Ambas
Tem um melhor entendimento da expressão oral, Utiliza mais gestos sociais para comunicar, Adapta o vocabulário a compreensão da pessoa, Utiliza Comunicação Aumentativa	Ambas
Tem um melhor entendimento da expressão oral, Adapta o vocabulário a compreensão da pessoa	Ambas
Utiliza mais gestos sociais para comunicar, Adapta o vocabulário a compreensão da pessoa, Utiliza Comunicação Aumentativa	Ambas
Utiliza mais gestos sociais para comunicar, Adapta o vocabulário a compreensão da pessoa	Ambas
Utiliza mais gestos sociais para comunicar, Adapta o vocabulário a compreensão da pessoa	Ambas

Tem um melhor entendimento da expressão oral, Adapta o vocabulário a compreensão da pessoa	Formação continua na área
Utiliza mais gestos sociais para comunicar, Adapta o vocabulário a compreensão da pessoa, Utiliza Comunicação Aumentativa	Ambas
Tem um melhor entendimento da expressão oral, Utiliza mais gestos sociais para comunicar, Adapta o vocabulário a compreensão da pessoa	Cooperação entre profissionais
Utiliza mais gestos sociais para comunicar, Adapta o vocabulário a compreensão da pessoa, Utiliza Comunicação Aumentativa	Ambas
Utiliza mais gestos sociais para comunicar, Utiliza Comunicação Aumentativa	Ambas
Tem um melhor entendimento da expressão oral, Utiliza mais gestos sociais para comunicar, Adapta o vocabulário a compreensão da pessoa, Utiliza Comunicação Aumentativa	Ambas
	Ambas
Tem um melhor entendimento da expressão oral, Adapta o vocabulário a compreensão da pessoa	Ambas
Tem um melhor entendimento da expressão oral, Utiliza mais gestos sociais para comunicar, Adapta o vocabulário a compreensão da pessoa, Utiliza Comunicação Aumentativa	Ambas
Utiliza mais gestos sociais para comunicar, Utiliza Comunicação Aumentativa	Ambas
Tem um melhor entendimento da expressão oral, Utiliza mais gestos sociais para	Ambas

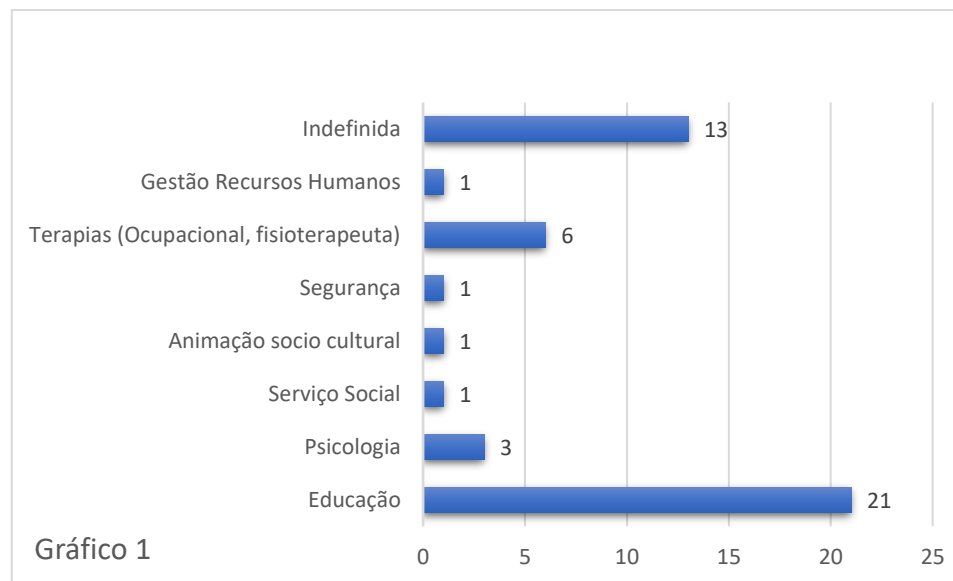
comunicar, Adapta o vocabulário a compreensão da pessoa	
Tem um melhor entendimento da expressão oral, Adapta o vocabulário a compreensão da pessoa, Utiliza Comunicação Aumentativa	Ambas
Tem um melhor entendimento da expressão oral, Utiliza Comunicação Aumentativa	Cooperação entre profissionais
Tem um melhor entendimento da expressão oral, Utiliza mais gestos sociais para comunicar, Adapta o vocabulário a compreensão da pessoa	Ambas
Utiliza mais gestos sociais para comunicar, Adapta o vocabulário a compreensão da pessoa, Utiliza Comunicação Aumentativa	Ambas
Tem um melhor entendimento da expressão oral, Adapta o vocabulário a compreensão da pessoa	
Adapta o vocabulário a compreensão da pessoa	Ambas
Tem um melhor entendimento da expressão oral	Ambas
Tem um melhor entendimento da expressão oral, Utiliza mais gestos sociais para comunicar, Adapta o vocabulário a compreensão da pessoa, Utiliza Comunicação Aumentativa	Ambas
Utiliza mais gestos sociais para comunicar, Utiliza Comunicação Aumentativa	Ambas
Utiliza mais gestos sociais para comunicar	Formação continua na área
Adapta o vocabulário a compreensão da pessoa	Cooperação entre profissionais
Utiliza mais gestos sociais para comunicar, Adapta o vocabulário a compreensão da pessoa	Ambas

Apêndice 8

Tabela e gráfico de dados do Excel para as perguntas de 1 a 16

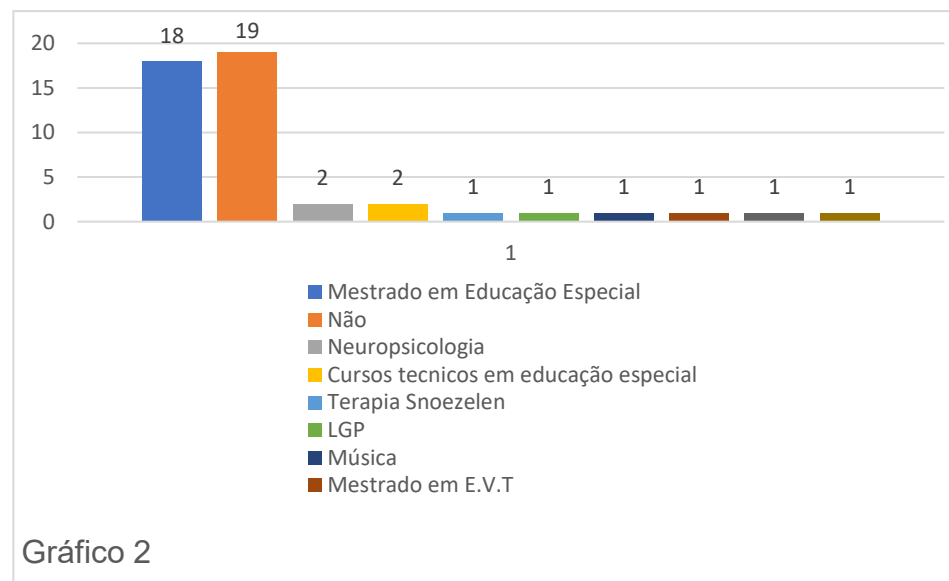
– Tabela e gráfico de dados do Excel para a pergunta nº1

Educação	21
Psicologia	3
Serviço Social	1
Animação socio cultural	1
Segurança	1
Terapias (Ocupacional, fisioterapeuta)	6
Gestão Recursos Humanos	1
Indefinida	13



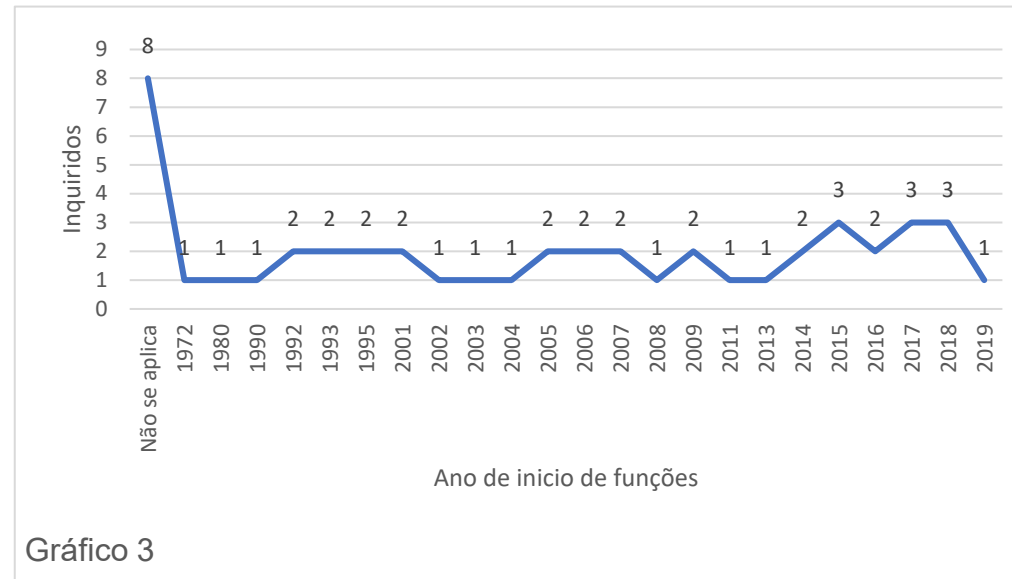
– Tabela e gráfico de dados do Excel para a pergunta nº2

Mestrado em Educação Especial	18
Não	19
Neuropsicologia	2
Cursos técnicos em educação especial	2
Terapia Snoezelen	1
LGP	1
Música	1
Mestrado em E.V.T	1
Orientação Vocacional	1
Indefinida	1



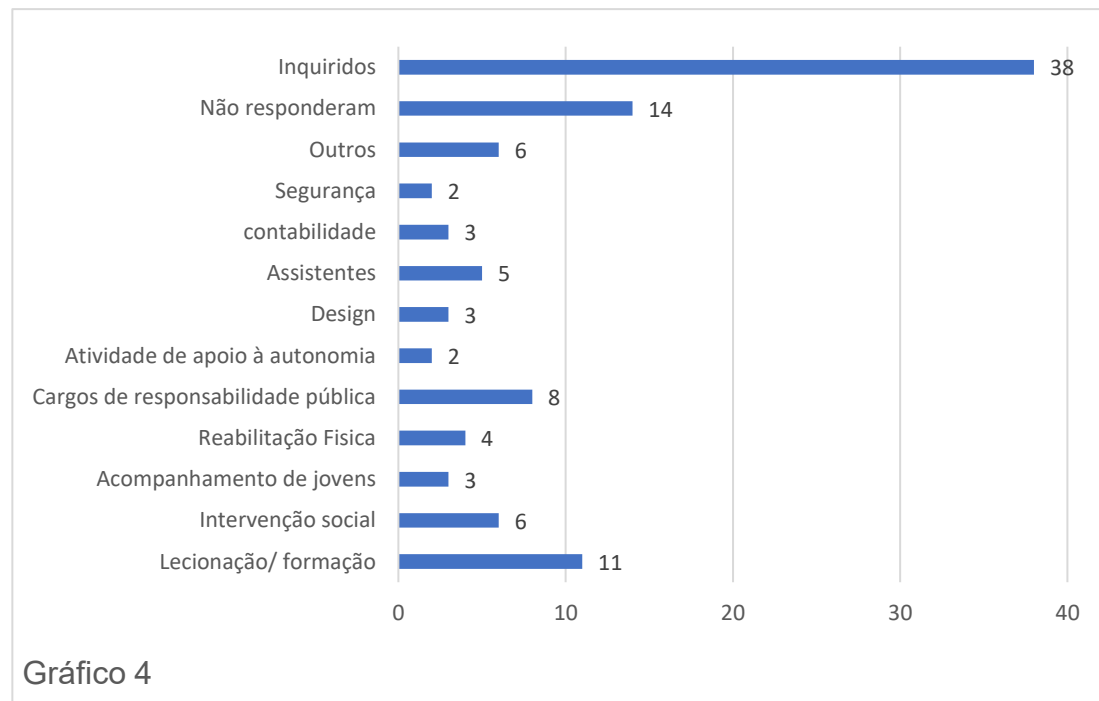
– Tabela e gráfico de dados do Excel para a pergunta nº3

Não se aplica	8
1972	1
1980	1
1990	1
1992	2
1993	2
1995	2
2001	2
2002	1
2003	1
2004	1
2005	2
2006	2
2007	2
2008	1
2009	2
2011	1
2013	1
2014	2
2015	3
2016	2
2017	3
2018	3
2019	1



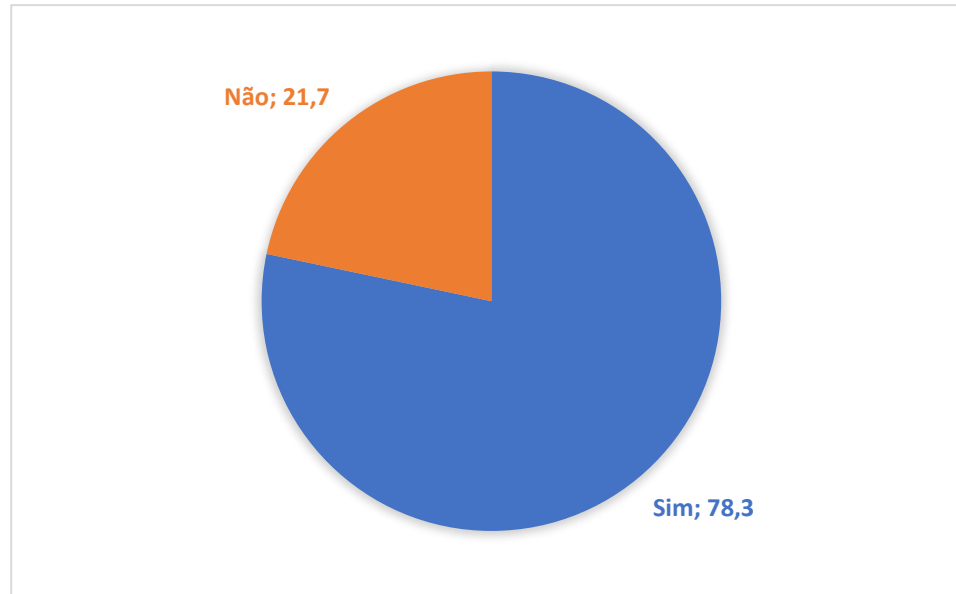
– Tabela e gráfico de dados do Excel para a pergunta nº4

Lecionação/ formação	11
Intervenção social	6
Acompanhamento de jovens	3
Reabilitação Física	4
Cargos de responsabilidade pública	8
Atividade de apoio à autonomia	2
Design	3
Assistentes	5
contabilidade	3
Segurança	2
Outros	6
Não responderam	14
Inquiridos	38



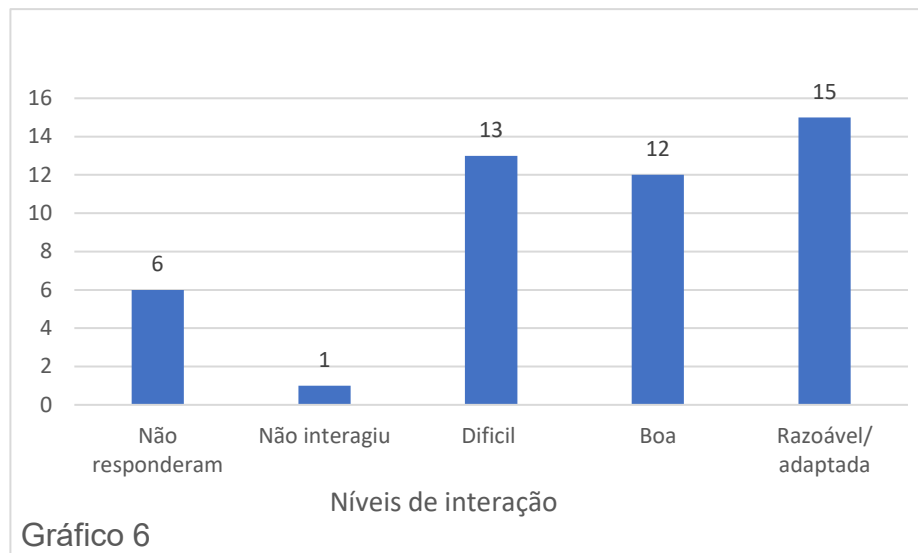
– Tabela e gráfico de dados do Excel para a pergunta nº5

Sim	78,3
Não	21,7

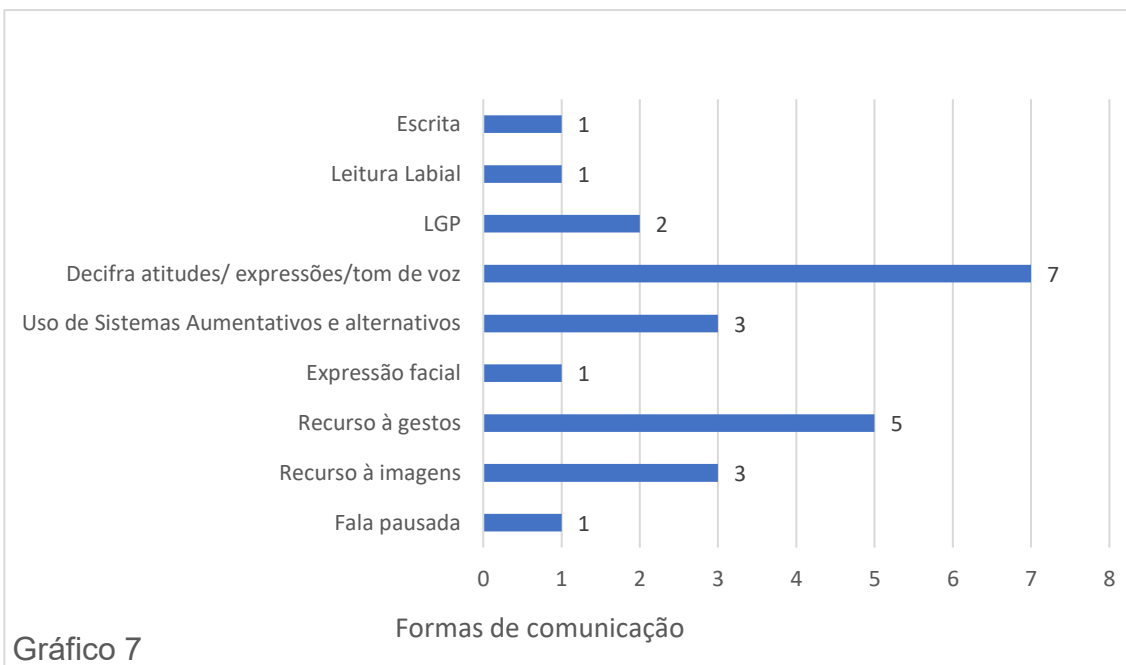


– Tabelas e gráficos de dados do Excel para a pergunta nº6

Não responderam	6
Não interagiu	1
Difícil	13
Boa	12
Razoável/ adaptada	15

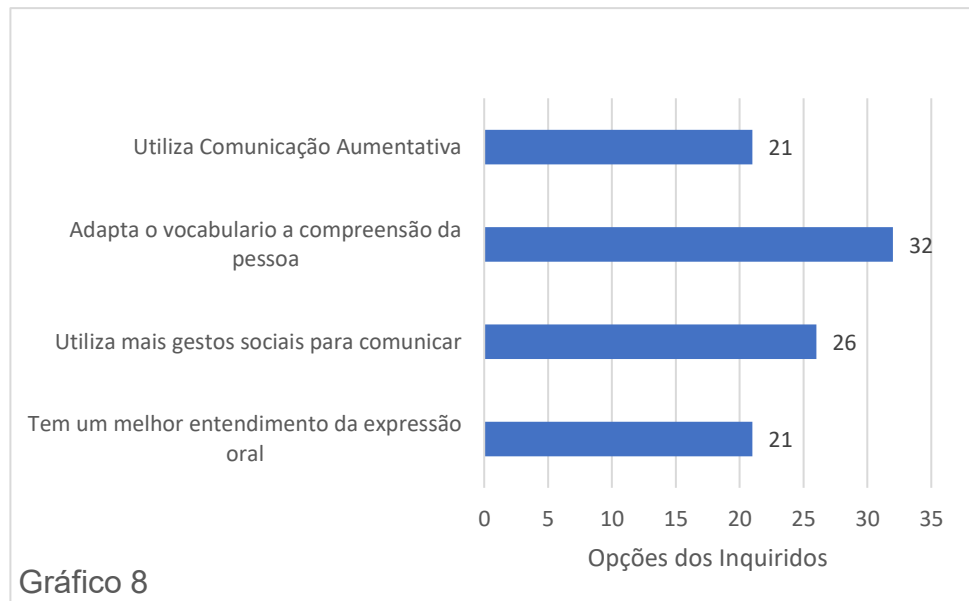


Fala pausada	1
Recurso à imagens	3
Recurso à gestos	5
Expressão facial	1
Uso de Sistemas Aumentativos e alternativos	3
Decifra atitudes/ expressões/tom de voz	7
LGP	2
Leitura Labial	1
Escrita	1



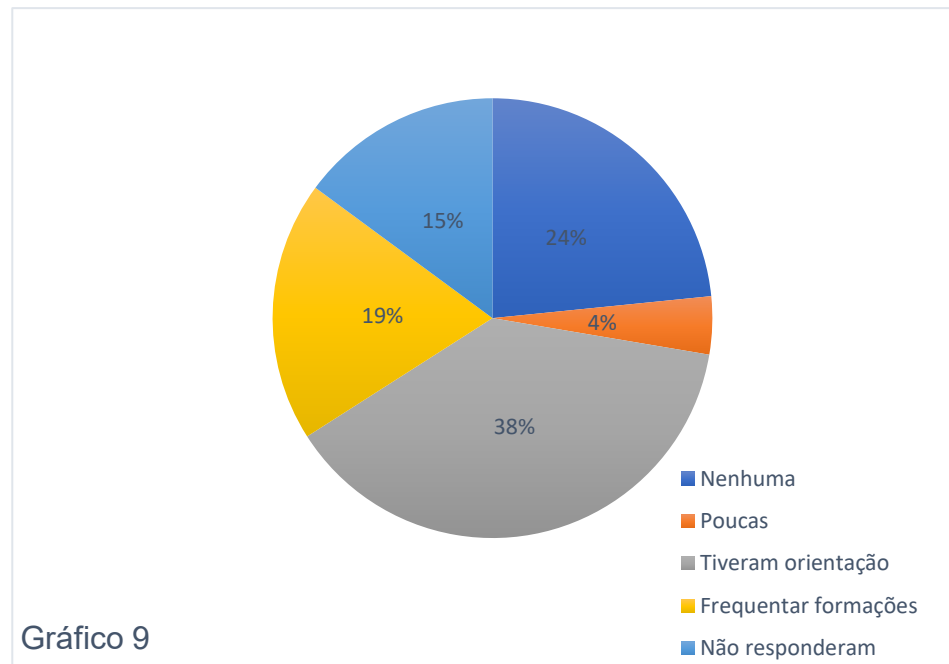
– Tabela e gráfico de dados do Excel para a pergunta nº7

Tem um melhor entendimento da expressão oral	21
Utiliza mais gestos sociais para comunicar	26
Adapta o vocabulário a compreensão da pessoa	32
Utiliza Comunicação Aumentativa	21



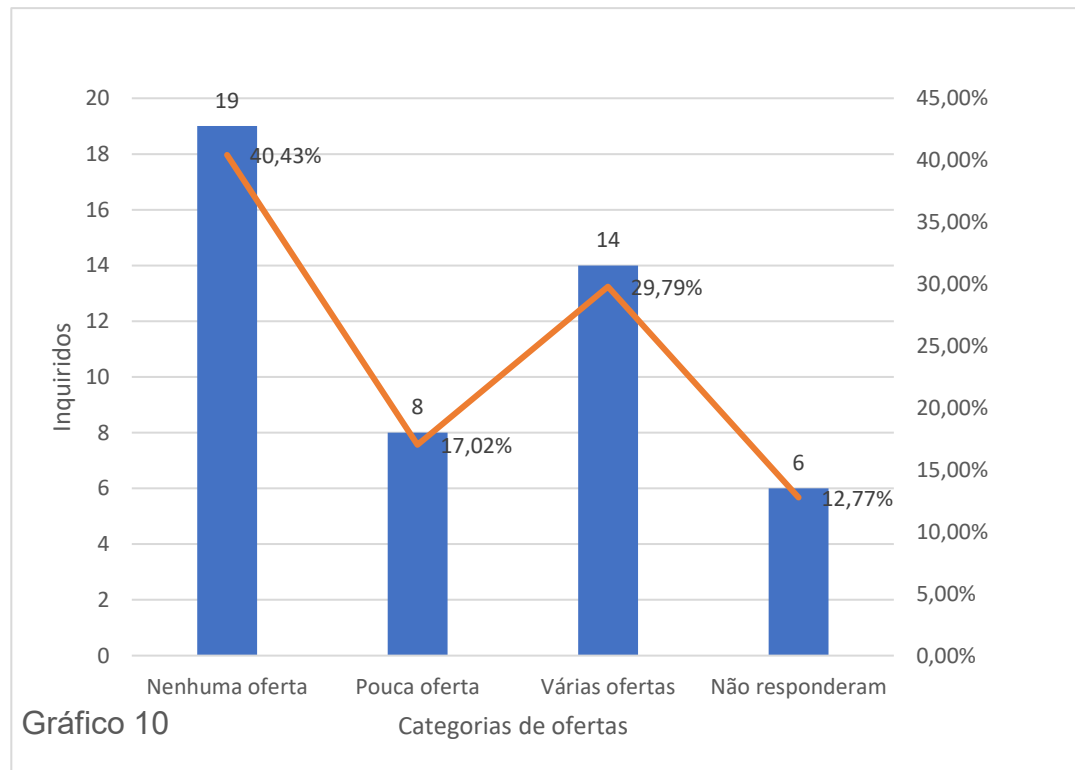
– Tabela e gráfico de dados do Excel para a pergunta nº8

Nenhuma	11
Poucas	2
Tiveram orientação	18
Frequentar formações	9
Não responderam	7



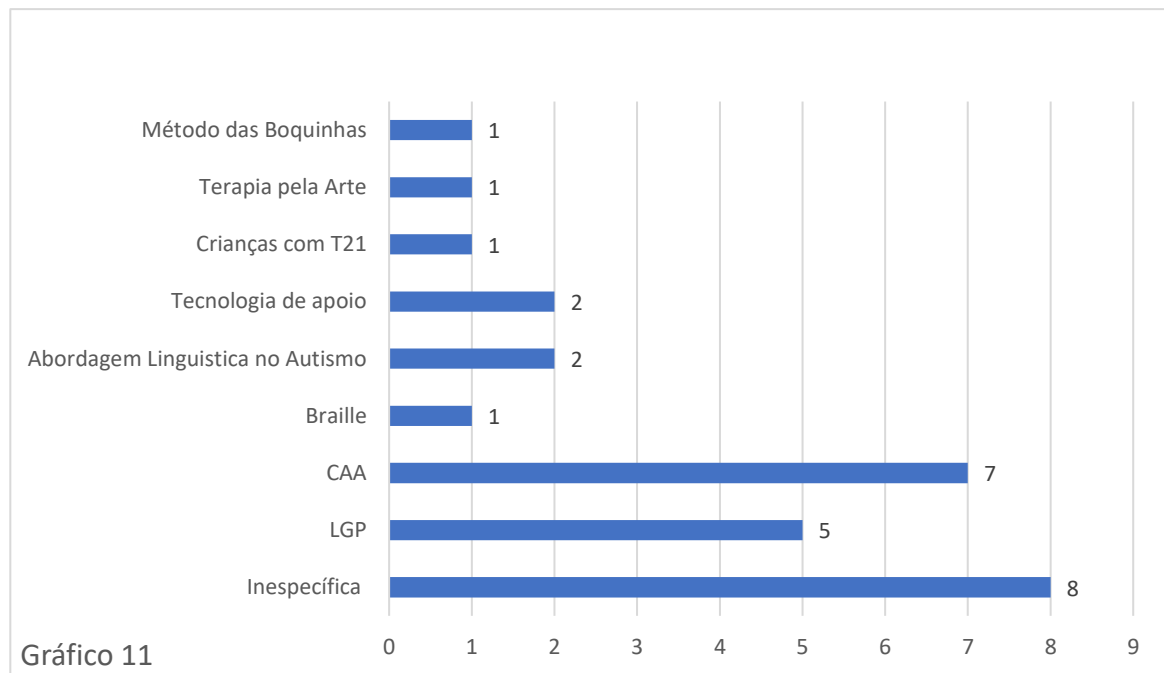
– Tabela e gráfico de dados do Excel para a pergunta nº9

Nenhuma oferta	19	40,43%
Pouca oferta	8	17,02%
Várias ofertas	14	29,79%
Não responderam	6	12,77%



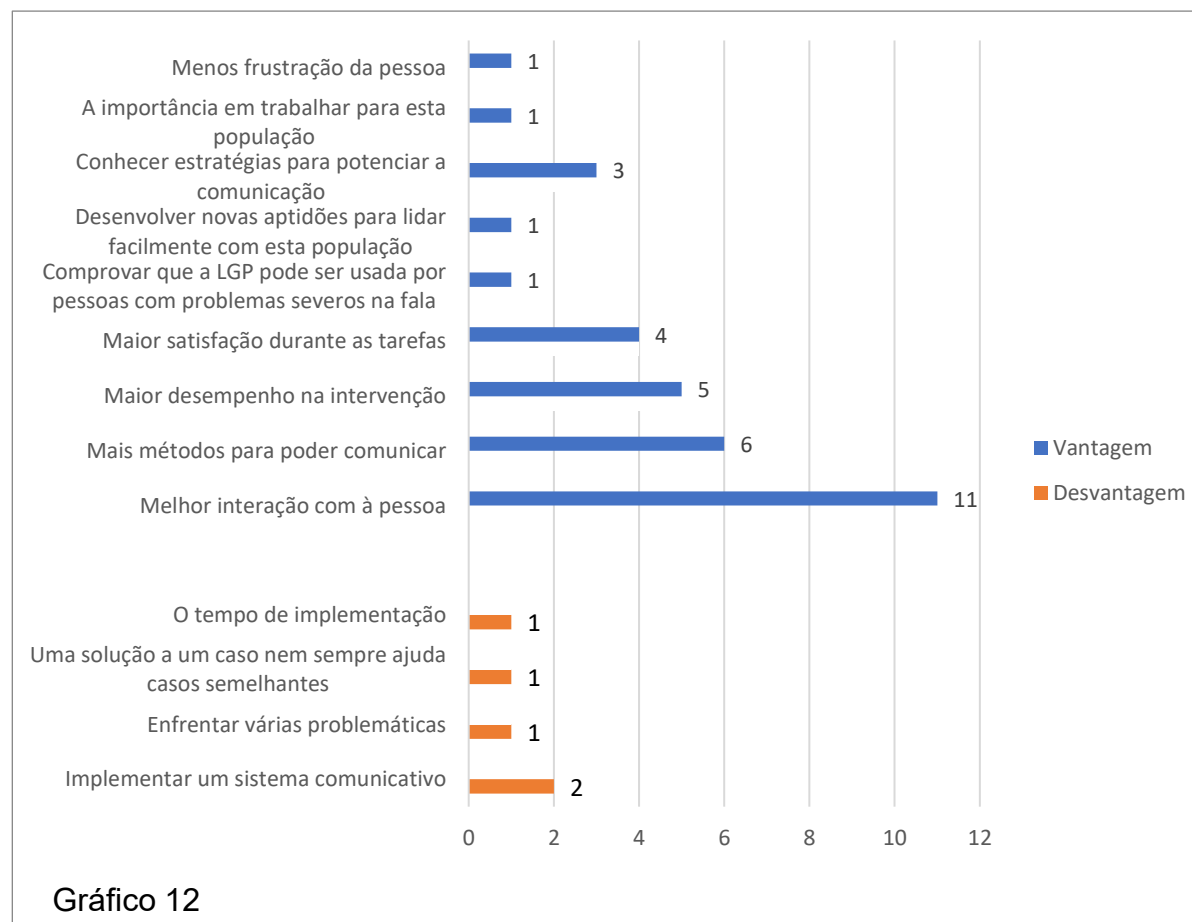
– Tabela e gráfico de dados do Excel para a pergunta nº10

Inespecífica	8
LGP	5
CAA	7
Braille	1
Abordagem Linguística no Autismo	2
Tecnologia de apoio	2
Crianças com T21	1
Terapia pela Arte	1
Método das Boquinh	1



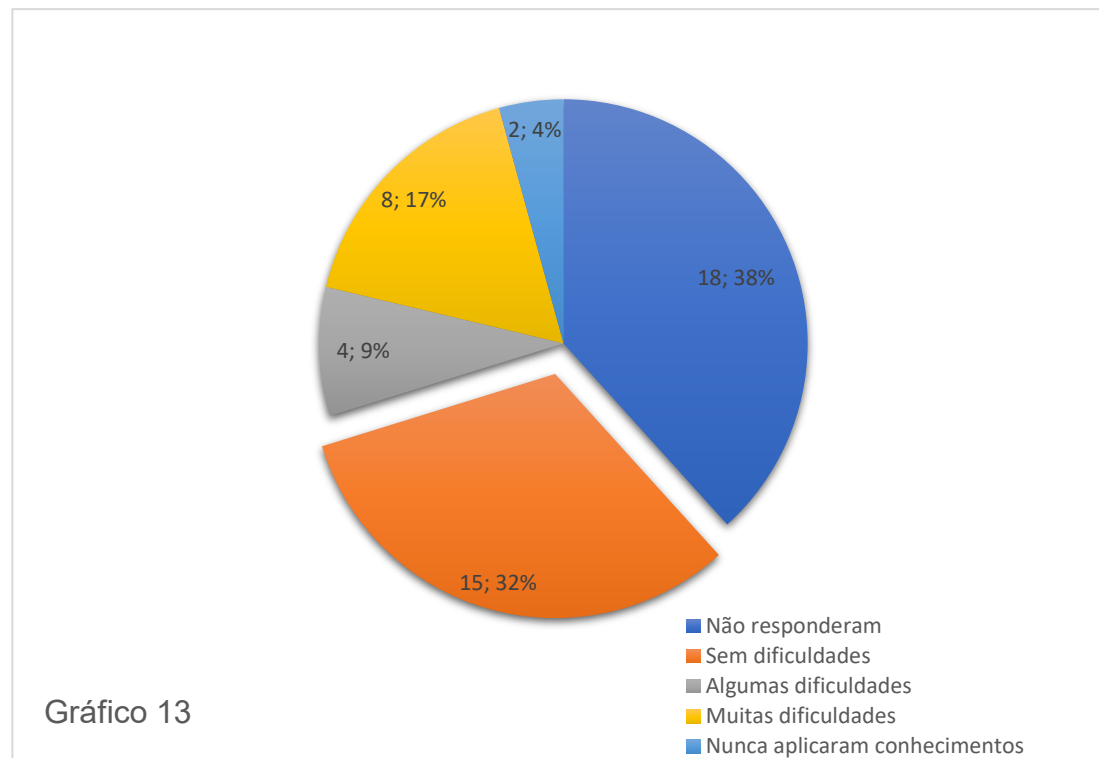
– Tabela e gráfico de dados do Excel para a pergunta nº11

Vantagens	
Melhor interação com à pessoa	11
Mais métodos para poder comunicar	6
Maior desempenho na intervenção	5
Maior satisfação durante as tarefas	4
Comprovar que a LGP pode ser usada por pessoas com problemas severos na fala	1
Desenvolver novas aptidões para lidar facilmente com esta população	1
Conhecer estratégias para potenciar a comunicação	3
A importância em trabalhar para esta população	1
Menos frustração da pessoa	1
Desvantagens	
Implementar um sistema comunicativo	2
Enfrentar várias problemáticas	1
Uma solução a um caso nem sempre ajuda casos semelhantes	1
O tempo de implementação	1

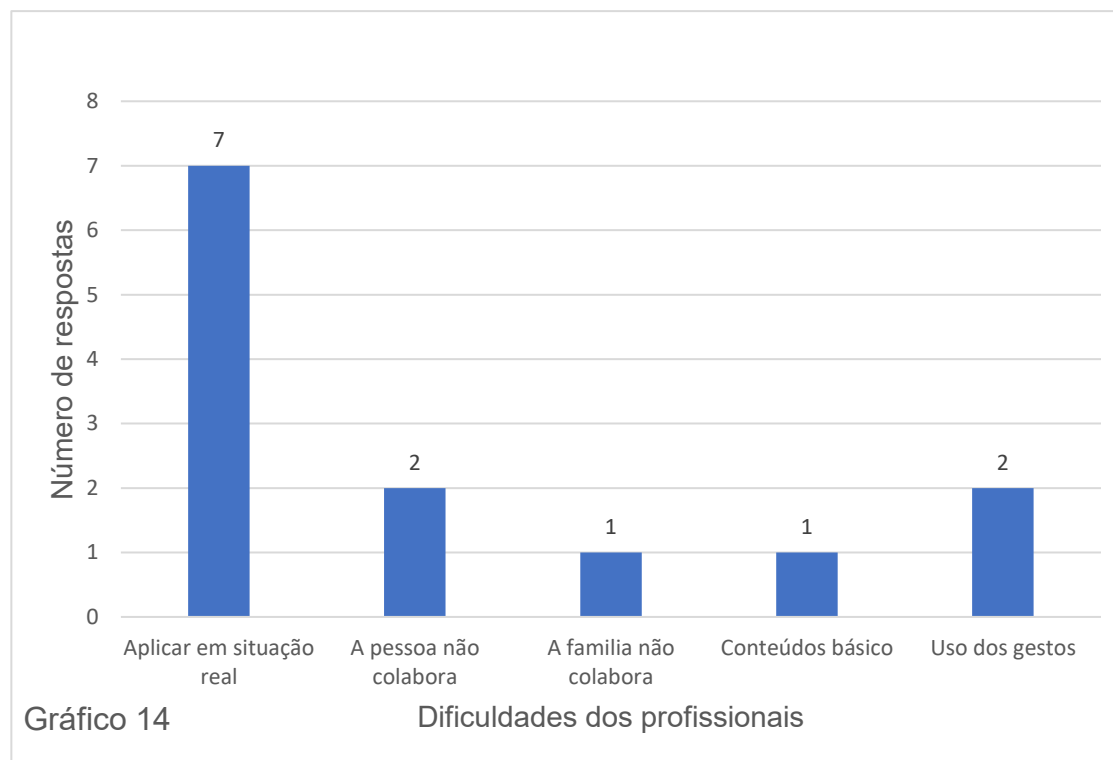


– Tabelas e gráficos de dados do Excel para a pergunta nº12

Não responderam	18
Sem dificuldades	15
Algumas dificuldades	4
Muitas dificuldades	8
Nunca aplicaram conhecimentos	2

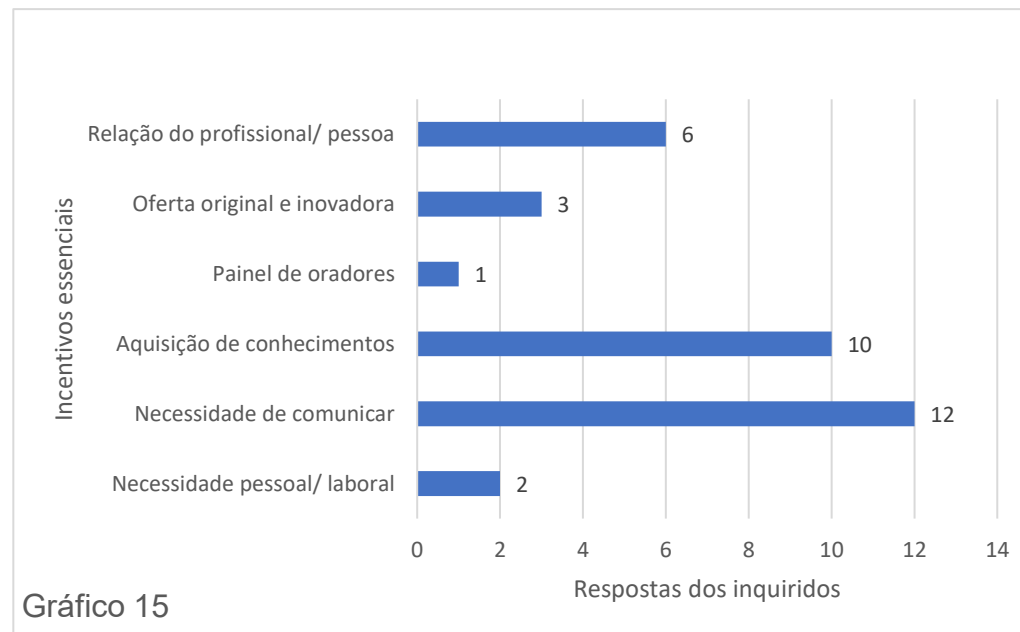


Aplicar em situação real	7
A pessoa não colabora	2
A família não colabora	1
Conteúdos básico	1
Uso dos signos/gestos	2



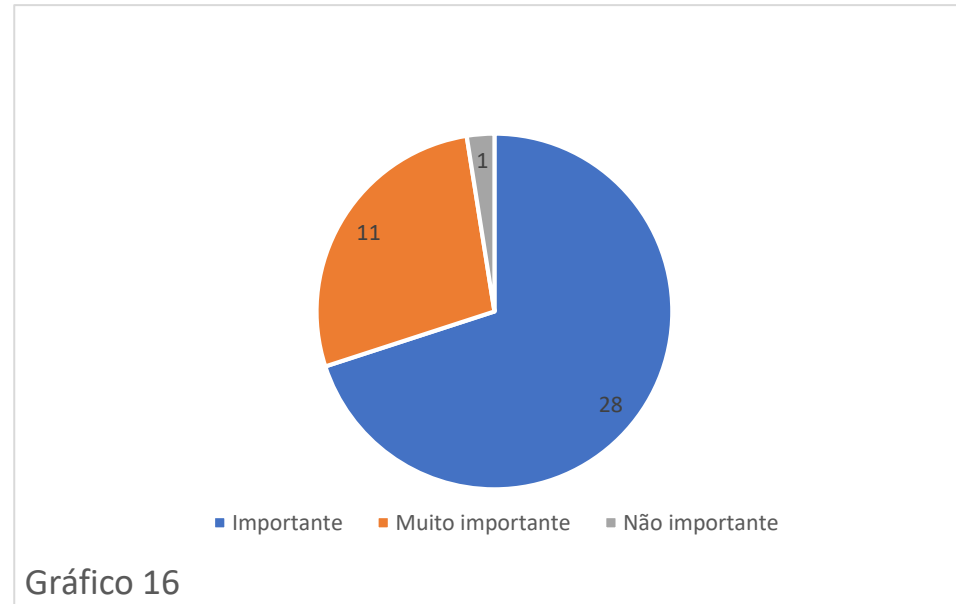
– Tabela e gráfico de dados do Excel para a pergunta nº13

Não responderam	11
Necessidade pessoal/ laboral	2
Necessidade de comunicar	12
Aquisição de conhecimentos	10
Sem incentivos	1
Painel de oradores	1
Oferta original e inovadora	3
Relação do profissional/ pessoa	6
Não sabe	1



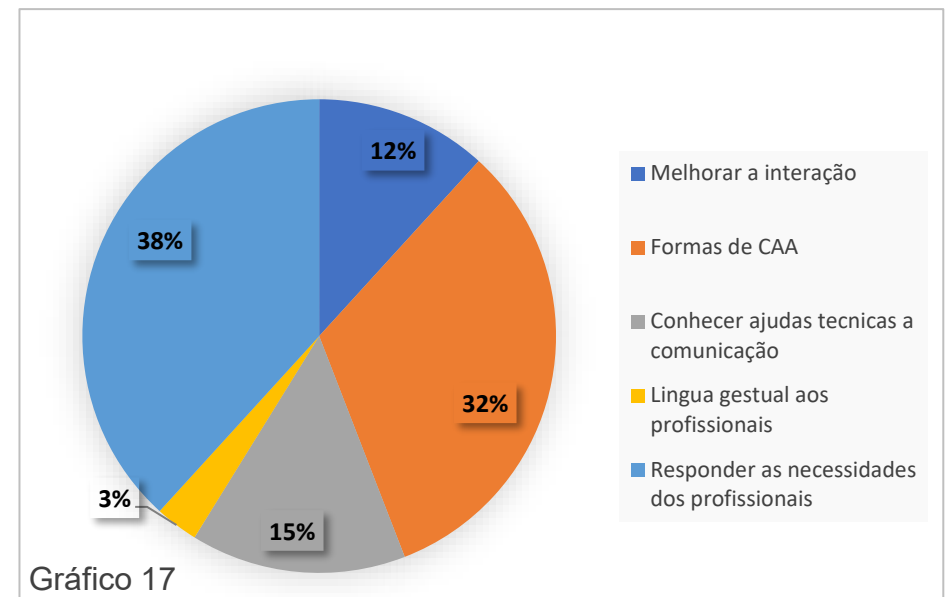
– Tabela e gráfico de dados do Excel para a pergunta nº14

Importante	28
Muito importante	11
Não importante	1



– Tabela e gráfico de dados do Excel para a pergunta nº15

Melhorar a interação	4	11,76%
Formas de CAA	11	32,35%
Conhecer ajudas técnicas a comunicação	5	14,71%
Língua gestual aos profissionais	1	2,94%
Responder as necessidades dos profissionais	13	38,24%



– Tabela e gráfico de dados do Excel para a pergunta nº16

Formação continua na área	2
Cooperação entre profissionais	4
Ambas	40
Não responderam	1
Total	47

